

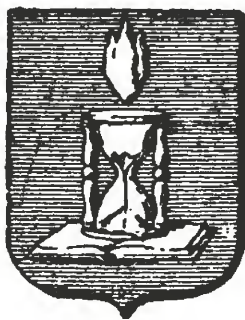
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM LXXXII

ANTROPOLOGIA N.º 3

Aspectos da aculturação dos japoneses no
Estado de São Paulo

EMILIO WILLEMS



SÃO PAULO — BRASIL
1948

UNIVERSIDADE DE S. PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Reitor da Universidade de São Paulo:

PROF. DR. LINEU PRESTES

Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras:

PROF. DR. ASTROGILDO RODRIGUES DE MELLO

Professor da Cadeira de Antropologia:

EMÍLIO WILLEMS, PH. D.

Assistentes:

DR. EGON SCHADEN

LIC. GIOCONDA MUSSOLINI

Toda correspondência relativa
ao presente Boletim e as publi-
cações em permuta deverão ser
dirigidas à

All correspondence relating the
present Boletim as well as
exchange publications should
be addressed to

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

CADEIRA DE ANTROPOLOGIA

Caixa Postal, 105-B — SÃO PAULO — BRASIL

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM LXXXII

**Aspectos da aculturação dos japoneses no
Estado de São Paulo**

N.º 3

EMILIO WILLEMS



SÃO PAULO — BRASIL

1948

EMÍLIO WILLEMS

**Aspectos da aculturação dos japoneses no
Estado de São Paulo**



SÃO PAULO — BRASIL

1948

I N D I C E

Prefácio	7
Condições gerais da aculturação	25
Aspectos particulares da aculturação	34
Depoimentos pessoais comentados	52
A miscegenação	104
Sumário e conclusões	111
English Summary	114

P R E F A C I O

Depois de um ano de estudos preparatórios, realizei, em Junho de 1941, acompanhado por Herbert Baldus, assistentes e alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, a primeira pesquisa de campo entre os japoneses do Vale da Ribeira. Essa viagem foi custeada pela Escola de Sociologia e alguns resultados das nossas investigações foram publicados no Brasil e nos Estados Unidos.

Já no começo de 1941 eu havia elaborado um plano geral para estudar, sistematicamente, a aculturação dos japoneses e seus descendentes em todas as áreas colonizadas por eles no Estado de São Paulo. Estava decidido a me dedicar, durante alguns anos, exclusivamente a essa tarefa. Para situar os problemas e, sobretudo, para adquirir uma visão de conjunto do campo a ser estudado, resolvi lançar um inquérito geral em todas as escolas públicas primárias do Estado com 20 ou mais por cento de japoneses ou descendentes de japoneses. Os professores preencheram os questionários, lançando mão das respostas obtidas dos alunos e das suas próprias observações feitas na zona em que trabalhavam. Por razões óbvias, as perguntas tinham de ser muito simples e restringir-se a questões elementares. Na interrogação dos alunos, todas as possíveis precauções foram tomadas. O inquérito em classe foi feito de surpresa e todas as perguntas tiveram que ser respondidas imediatamente, sem que os alunos houvessem achado possibilidade de consultar-se mutuamente ou de pedir informações a adultos. Creio que, dessa maneira, a espontaneidade das respostas, dada por crianças entre oito e doze anos de idade, não sofreu nenhum desvio atribuível a influências adultas. Acresce que os professores já residiam por algum tempo na zona investigada. Não poucos entre eles

já haviam feito observações valiosas que acrescentaram nas páginas destinadas a esse fim. Embora faltassem experiências anteriores, eu esperava que o resultado não fosse dos piores e servisse, pelo menos, para continuar os trabalhos de campo com maior eficiência e rapidez.

A princípio não tinha a intenção de publicar os resultados do inquérito. Todavia, a entrada do Japão na guerra privou-me por completo da esperança de poder prosseguir nos trabalhos de campo. Além disso, um exame cuidadoso do material colhido convenceu-me da oportunidade de publicá-lo logo que estivesse pronta a elaboração. Apresento agora os resultados principais, mas não posso deixar de frisar que se trata de um trabalho preliminar. É indispensável que lhe sigam pesquisas minuciosas "in loco" baseadas nos resultados do presente estudo geral.

Não abordei no texto elucidativo que acompanha os quadros estatísticos, aspectos teóricos da aculturação. Esta consiste nas "mudanças que ocorrem nas configurações culturais de dois ou mais grupos que estabeleceram contactos diretos e contínuos". Neste estudo, limitei-me ao exame de algumas mudanças culturais ocorridas exclusivamente entre os imigrantes japoneses e seus descendentes. A sua influência sobre o meio social em que vivem, deverá ser estudada futuramente.

A elaboração de um inquérito como este pode ser feita com relativa rapidez em institutos de pesquisas bem aparelhados, material e pessoalmente. A cadeira de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras dispõe de recursos muito modestos e, por isso, a apuração dos dados levou quasi três anos.

Grande parte das tabelas foi feita por D. Hilda Willems. Meu primeiro assistente, Dr. Egon Schaden, terminou esse trabalho, realizou a maior parte dos cálculos e confeccionou as principais tabelas estatísticas. Ao Dr. Eduardo Alcantara de Oliveira, professor de Estatísticas e ao Dr. Lindo Fava, primeiro assistente de Estatística, ambos da Faculdade de Filosofia, devo algumas sugestões valiosas. A cópia das tabelas foi feita por Maria Luisa Alvarenga Freire, Maria José Villaça e Lenita Camargo, todas elas ex-alunas da Faculdade de Filosofia de São Paulo.

Entre os professores primários que contribuíram com observações pessoais, destacaram-se José Domiciano Nogueira, Otávio Barbosa

Martins, Armando de Oliveira Souza, E. Leite de Moraes, Olga Meira Molinari, Semiramis Dorgam, Sebastião Francisco da Silva, Geny Horta Barbosa, Wilfrido Brandão, Henrique Scabelle e Elinah Franco Escobar.

Deixo aqui os meus agradecimentos a todos os colaboradores, sobretudo ao Exmo. Snr. Diretr do Departamento de Educação que fez encaminhar e recolher os questionários nas riversas zonas de colonização japonesa. Agradeço também ao Snr. Delegado Regional do Ensino em Santos, prof. Damasco Pena, que teve o cuidado de instruir o material colhido no Litoral, com críticas e notas elucidativas.

E. W.

QUADRO I

(Continuação)

ZONAS (AREAS)	ALUNOS JAPONESES, FILHOS E NETOS DE JAP. (Japanese, children and grandchildren of Japanese)				JAPONESES (Japanese)							
	U		R		T		U		R		T	
	N	% sobre o total	N	% sobre o total	N	% sobre o total	N	% sobre o total	N	% sobre o total	N	% sobre o total
Central	114	9,28	383	7,99	497	8,25	33	10,71	114	8,91	147	9,28
Litoral	284	23,12	1041	21,71	1325	22,00	38	12,34	142	11,10	180	11,34
Mogiana	—	—	158	3,29	158	2,62	—	—	81	6,33	81	5,10
Araraquarense	—	—	89	1,86	89	1,48	—	—	31	2,42	31	1,96
Noroeste	46	3,75	646	13,47	692	11,48	8	2,59	160	12,51	168	10,59
Alta Paulista	555	45,20	1764	36,79	2319	38,50	180	58,44	593	46,37	773	48,70
Alta Sorocabana	229	18,65	714	14,89	943	15,66	49	15,91	158	12,36	207	13,05
Tôdas as zonas (All areas)	1228	100	4795	100	6023	100	308	100	1279	100	1587	100

QUADRO I

(Conclusão)

ZONAS (AREAS)	FILHOS DE JAPONESES (Children of Japanese)				NETOS DE JAPONESES (Grandchildren of Japanese)							
	U		R		T		U		R		T	
	N	% sobre o total	N	% sobre o total	N	% sobre o total	N	% sobre o total	N	% sobre o total	N	% sobre o total
Central	81	8,82	269	7,72	350	7,95	—	—	—	—	—	—
Litoral	245	26,70	891	25,58	1136	25,81	1	50,00	8	24,24	9	25,71
Mogiana	—	—	77	2,21	77	1,75	—	—	—	—	—	—
Araraquarense	—	—	58	1,67	58	1,32	—	—	—	—	—	—
Noroeste	38	4,14	469	13,47	507	11,52	—	—	17	51,52	17	48,58
Alta Paulista	374	40,72	1163	33,39	1537	34,92	1	50,00	8	24,24	9	25,71
Alta Sorocabana	180	19,62	556	15,96	736	16,73	—	—	—	—	—	—
Tôdas as zonas (All areas)	918	100	3483	100	4401	100	2	100	33	100	35	100

QUADRO II
MOBILIDADE ESPACIAL
(SPATIAL MOBILITY)

U = urbano
R = rural
T = total

ZONAS (AREAS)	FILHOS E NETOS DE JAPONESES (Children and grandchildren of Japanese)					
	U		R		T	
	N	% sobre o total	N	% sobre o total	N	% sobre o total
Central	81	8,82	269	7,65	350	7,89
Litoral	245	26,69	900	25,58	1145	25,81
Mogiana	—	—	77	2,19	77	1,74
Araraquarense	—	—	58	1,65	58	1,31
Noroeste	38	4,14	486	13,82	524	11,81
Alta Paulista	374	40,74	1172	33,31	1546	34,85
Alta Sorocabana	180	19,61	556	15,80	734	16,59
Tôdas as zonas..... (All areas)	918	100	3518	100	4436	100
Alunos não considerados.... (Pupils eliminated)	—	—	—	—	—	—

QUADRO II

(Conclusão)

ZONAS (AREAS)	ALUNOS NASCIDOS EM: (Pupils born in)						ALUNOS NASCIDOS (Pupils born)					
	São Paulo		Outros Estados (Other states)		Total		No Município (in the county)		Em outros Municípios (in other counties)		Total	
	N	% sobre o total	N	% sobre o total	N	% sobre o total	N	% sobre o total	N	% sobre o total	N	% sobre o total
Central	291	7,12	35	20,47	326	7,65	203	8,31	147	8,53	350	8,40
Litoral	1115	27,28	3	1,75	1118	26,25	902	36,94	214	12,41	1116	26,78
Mogiana	63	1,54	14	8,19	77	1,81	45	1,84	29	1,68	74	1,77
Araraquarense	58	1,42	—	—	58	1,36	23	0,94	16	0,93	39	0,94
Noroeste	477	11,67	—	—	477	11,20	347	14,21	129	7,48	476	11,43
Alta Paulista	1393	34,07	104	60,82	1497	35,15	472	19,33	976	56,61	1448	34,77
Alta Sorocabana	691	16,90	15	8,77	706	16,58	450	18,43	213	12,36	663	15,91
Tôdas as zonas (All areas)	4088	100	171	100	4259	100	2442	100	1724	100	4166	100
Alunos não considerados... (Pupils eliminated)	170	—	7	—	177	—	158	—	112	—	270	—

QUADRO III
LÍNGUA
(LANGUAGE)

U = urbano
R = rural
T = total

ZONAS (AREAS)	ALUNOS JAPONÊSES, FILHOS E NETOS DE JAP. (Japanese, children and grandchildren of Japanese)				NÃO FALAVAM PORTUGUÊS NA MATRÍCULA (Did not speak Portuguese at the time of enrolment)							
	U		R		T		U		R		T	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Central	114	9,28	383	7,99	497	8,25	15	6,28	92	7,67	107	7,47
Litoral	284	23,13	1041	21,71	1325	22,00	7	2,93	104	8,68	111	7,75
Mogiãna	—	—	158	3,29	158	2,62	—	—	39	3,25	39	2,72
Araraquãrense	—	—	89	1,86	89	1,48	—	—	12	1,00	12	0,84
Noroeste	46	3,75	646	13,47	692	11,49	—	—	163	13,60	163	11,37
Alta Paulista	555	45,19	1764	36,79	2319	38,50	104	43,52	603	50,29	707	49,34
Alta Sorocabana	229	18,65	714	14,89	943	15,66	113	47,27	186	15,51	294	20,51
Tóãdas as zonas	1228	100	4795	100	6023	100	239	100	1199	100	1433	100
(All areas)												
Alunos não considerados. (Pupils eliminated)	—	—	—	—	—	—	15	—	151	—	166	—

QUADRO III

(Continuação)

ZONAS (AREAS)	FALAM PORTUGUÊS SEM EMBARÇO (Speak Portuguese fluently)				FALAM PORTUGUÊS COM DIFICULDADE (Speak Portuguese with difficulty)							
	U		R		T		U		R		T	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Central	43	8,25	59	4,45	102	5,52	71	10,17	239	7,52	310	8,00
Litoral	200	38,39	672	50,64	872	47,19	83	11,89	350	11,02	433	11,17
Mogiana	—	—	54	4,06	54	2,92	—	—	81	2,55	81	2,09
Araraquarense	—	—	46	3,47	46	2,49	—	—	40	1,26	40	1,03
Noroeste	20	3,84	111	8,37	131	7,09	24	3,44	492	15,49	516	13,32
Alta Paulista	144	27,64	245	18,46	389	21,05	405	58,02	1439	45,29	1844	47,59
Alta Sorocabana	114	21,88	140	10,55	254	13,71	115	16,48	536	16,87	651	16,80
Tôdas as zonas (All areas)	521	100	1327	100	1848	100	698	100	3177	100	3875	100
Alunos não considerados... (Pupils eliminated)	27	—	67	—	94	—	35	—	161	—	196	—

QUADRO III

(Continuação)

ZONAS (AREAS)	NÃO FALAM JAPONÊS (Do not speak Japanese)				PASSAM DE UMA LÍNGUA A OUTRA (Change from one language to the other)							
	U		R		T		U		R		T	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Central	27	48,20	3	2,73	30	18,07	—	—	61	3,08	61	2,70
Litoral	26	46,42	62	56,36	88	53,01	22	7,88	103	5,19	125	5,52
Mogiána	—	—	9	8,18	9	5,42	—	—	90	4,53	90	3,98
Araraquarense	—	—	7	6,36	7	4,22	—	—	25	1,26	25	1,11
Noroeste	1	1,79	16	14,55	17	10,24	9	3,23	269	13,56	278	12,28
Alta Paulista	1	1,79	4	3,64	5	3,01	209	74,91	1081	54,49	1290	57,00
Alta Sorocabana	1	1,79	9	8,18	10	6,03	39	13,98	355	17,89	394	17,41
Tôdas as zonas	56	100	110	100	166	100	279	100	1984	100	2263	100
(All areas)												
Alunos não considerados... (Pupils eliminated)	—	—	35	—	35	—	54	—	559	—	613	—

QUADRO III

(Continuação)

ZONAS (AREAS)	ESCREVEM JAPONÊS (Write Japanese)						NÃO ESCREVEM JAPONÊS (Do not write Japanese)					
	U		R		T		U		R		T	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Central	72	7,23	170	5,43	242	5,86	42	18,58	75	4,91	117	6,67
Litoral	183	18,47	622	19,89	805	19,52	100	44,25	411	26,90	511	29,13
Mogiana	—	—	100	3,20	100	2,44	—	—	61	3,99	61	3,48
Araraquarense	—	—	61	1,95	61	1,48	—	—	28	1,83	28	1,60
Noroeste	23	2,31	429	13,72	452	10,96	23	10,18	203	13,28	226	12,89
Alta Paulista	511	51,31	1246	39,83	1757	42,60	39	17,26	556	36,39	595	33,92
Alta Sorocabana	207	20,78	500	15,98	707	17,14	22	9,73	194	12,70	216	12,31
Tôdas as zonas (All areas)	996	100	3128	100	4124	100	226	100	1528	100	1754	100
Alunos não considerados... (Pupils eliminated)	25	—	77	—	102	—	5	—	38	—	43	—

QUADRO III

(Conclusão)

ZONAS (AREAS)	PAIS PROIBEM PORTUGUÊS EM CASA (Parents forbid children to speak Portuguese at home)				PAIS GOSTAM DE PORTUGUÊS EM CASA (Parents like Portuguese speak at home)							
	U		R		T		U		R		T	
	N	%	%	N	N	%	%	N	N	%	%	N
Central	27	10,85	12	1,15	39	3,03	40	13,51	202	11,68	242	11,95
Litoral	114	45,78	399	38,40	513	39,83	106	35,81	472	27,30	578	28,54
Mogiana	—	—	33	3,17	33	2,56	—	—	81	4,69	81	4,00
Araraquarense	—	—	12	1,15	12	0,93	—	—	63	3,64	63	3,11
Noroeste	—	—	88	8,47	88	6,83	19	6,42	279	16,14	298	14,72
Alta Paulista	63	25,30	349	33,59	412	31,99	72	24,33	435	25,16	507	25,04
Alta Sorocabana	45	18,07	146	14,06	191	14,83	59	19,93	197	11,39	256	12,64
Tôdas as zonas	249	100	1039	100	1288	100	296	100	1729	100	2025	100
(All areas)												
Alunos não considerados... (Pupils eliminated)	204	—	850	—	1054	—	242	—	1414	—	1656	—

QUADRO IV

(Continuação)

ZONAS (AREAS)	NÃO SOUBERAM RESPONDER (No answer)				NÃO FREQUENTAM IGREJA NENHUMA (Do not attend church)							
	U		R		T		U		R		T	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Central	—	—	74	5,97	74	4,86	36	4,79	237	6,43	273	6,15
Litoral	38	13,38	163	13,15	201	13,20	166	22,10	579	15,71	745	16,80
Mogiana	—	—	24	1,94	24	1,58	—	—	104	2,82	104	2,34
Araraquarense	—	—	4	0,32	4	0,26	—	—	23	0,63	23	0,52
Noroeste	14	4,93	206	16,63	220	14,44	32	4,26	583	15,82	615	13,86
Alta Paulista	217	76,41	576	46,49	793	52,07	423	56,33	1667	45,24	2090	47,12
Alta Sorocabana	15	5,28	192	15,50	207	13,59	94	12,52	492	13,35	586	13,21
Tôdas as zonas	284	100	1239	100	1523	100	751	100	3685	100	4436	100
(All areas)												
Alunos não considerados... (Pupils eliminated)	34	—	148	—	182	—	—	—	146	—	146	—

QUADRO IV

(Conclusão)

ZONAS (AREAS)	PAIS TRABALHAM AOS DOMINGOS (Parents work on sundays)						PAIS NÃO TRABALHAM AOS DOMINGOS (Parents do not work on sundays)					
	U		R		T		U		R		T	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Central	61	8,17	219	7,87	280	7,94	14	3,55	31	2,65	45	2,88
Litoral	155	20,75	722	25,96	877	24,86	127	32,15	238	20,38	365	23,35
Mogiana	—	—	74	2,66	74	2,10	—	—	26	2,23	26	1,67
Araraquarense	—	—	15	0,54	15	0,42	—	—	33	2,83	33	2,11
Noroeste	29	3,88	376	13,52	405	11,48	17	4,30	177	15,15	194	12,41
Alta Paulista	413	55,29	1023	36,79	1436	40,70	126	31,90	435	37,24	561	35,89
Alta Sorocabana	89	11,91	352	12,66	441	12,50	111	28,10	228	19,52	339	21,69
Tódas as zonas (All areas)	747	100	2781	100	3528	100	395	100	1168	100	1563	100
Alunos não considerados... (Pupils eliminated)	137	—	509	—	646	—	72	—	214	—	286	—

CONDIÇÕES GERAIS DE ACULTURAÇÃO

O inquérito foi realizado em 220 escolas públicas (quadro I) do Estado de São Paulo, situadas todas fora do perímetro do município da Capital. A aplicação do questionário estava condicionada à existência de pelo menos 20 p.c. de alunos japoneses ou descendentes de japoneses. Em alguns casos, esse limite não foi respeitado: 14 escolas responderam embora nelas a referida porcentagem fosse inferior a 20. Certo número de escolas não foi atingido pelo inquérito, mas em todas as zonas de colonização nipônica deste Estado, com exceção da Capital, uma quantidade relativamente grande de questionários foi aplicada. Nas áreas de forte concentração japonesa, o inquérito foi realizado em quasi todas as escolas públicas. 83,64 p.c. das 220 escolas trazem a denominação "rural", o restante ou 16,36 p.c. são classificadas como "urbanas".⁽¹⁾ Um detalhe que talvez mereça destaque é o fato de que a maioria (80,55 p.c.) das escolas urbanas está situada nas áreas de colonização mais recente (Noroeste, Alta Sorocabana e Alta Paulista). Nas zonas da Mogiana e Araraquarense, no entanto, o quadro I não consigna nenhuma escola urbana.

69,55 p.c. de todas as escolas em que se realizou o inquérito, estão localizados nas áreas de forte concentração nipônica.

O número total de alunos matriculados em 217 das 220 escolas⁽²⁾ que atenderam ao inquérito, era de 11.087. Destes, 6.023 eram japoneses, filhos ou netos de japoneses. Esse número está longe de representar o total de nipões ou descendentes em idade escolar. As razões são óbvias: grande parte da população de origem nipônica vive espalhada pelo Estado afora e não foi atingida pelo inquérito cuja realiza-

(1) Classificação feita pelo Departamento de Educação do Estado de São Paulo.

(2) Três escolas não declararam o número exato de alunos matriculados.

ção dependia da existência de um mínimo de 20 p.c. de alunos de origem japonesa. Além disso, é sabido que uma parte considerável de alunos (independentemente da origem étnica) frequenta escolas privadas. (3) Também estes não foram computados. A terceira razão reside na relativa escassez de escolas públicas em não poucas regiões do Estado. Assim, dezenas de milhares de crianças de todas as origens étnicas ficam privadas de instrução primária.

Dos 11.087 indivíduos atingidos pelo inquérito, 3.384 ou 30,52 p.c. frequentam escolas urbanas e 7.703 ou 69,48 p.c. escolas rurais. Tomando-se, no entanto, apenas os indivíduos de origem nipônica (4), vê-se que a porcentagem dos alunos rurais era de 79,62 p.c., sendo portanto bem mais elevada do que o número de alunos rurais de outras etnias.

Examinando a composição étnica das classes ou unidades escolares, verificamos que quasi todas elas eram mistas como mostra o quadro seguinte:

Porcentagem de alunos japoneses ou descendentes de japoneses	Número de escolas	Porcentagem sobre o total de 203 escolas
20 — 30	32	15,76
30 — 40	31	15,27
40 — 50	21	10,35
50 — 60	23	11,33
60 — 70	25	12,31
70 — 80	21	10,35
80 — 90	23	11,33
90 — 100	27	13,30

Entre todas as escolas computadas encontramos somente 7 ou 3,44 p.c., com uma matrícula de 225 alunos *na sua totalidade de origem nipônica*. Em 84 escolas representando 41,38 p.c. sobre o total, a porcentagem desses alunos variava entre 20 e 50 p.c. A média total de alunos de origem nipônica, em todas as zonas investigadas, era de 54,32 p.c. Esta porcentagem média era um pouco maior na zona rural (57,58 p.c.) e menor nas escolas urbanas (49,85 p.c.).

(3) Com exclusão das "escolas japonesas" que já haviam sido fechadas em 1941, época em que se realizou este inquérito.

(4) Daí em diante a designação "indivíduo de origem nipônica" significa japoneses e brasileiros de ascendência japonesa.

De modo algum esses dados podem ser classificados como desfavoráveis à assimilação. Fato é que os alunos e suas famílias, residem a poucos quilômetros de distância da escola. Diariamente, as crianças estabelecem contacto entre si, sendo muito provável que, em não poucos casos, tais contactos surjam também fora da escola, sobretudo entre crianças vizinhas. De outra maneira não seria possível explicar, por exemplo, uma observação feita repetidas vezes na zona rural de Registro (5) (Vale do Ribeira) onde crianças, que em casa somente falavam japonês com os pais, aprenderam a falar o português sem sotaque estrangeiro. Nessa área, a sociedade infantil inter-étnica, com seus padrões de comportamento e sanções próprios, provou ser um veículo de assimilação mais eficiente do que o pode ser a escola. Verificou-se que esta, além de agir diretamente sobre as crianças pela transmissão de conhecimentos e normas de conduta, age também indiretamente sobre os padrões da sociedade infantil, desacreditando, por exemplo, a língua japonesa e fazendo com que crianças japonesas denunciem ao professor os seus próprios companheiros se estes, por descuido, preferirem uma frase em japonês.

Exceção feita dos poucos casos já mencionados, não faltam às crianças de origem japonesa, oportunidades de estabelecer contactos sociais com elementos brasileiros.

Este quadro destoa profundamente do que, por exemplo, certas áreas de colonização germânica apresentam. Os imigrantes alemães colonizaram, sobretudo no século passado, áreas *praticamente deshabitadas*, introduzindo nelas o regime da pequena propriedade trabalhada *exclusivamente* pela família. Nessas zonas *não existia* uma população nacional e, enquanto elas se conservaram estritamente agrícolas, não puderam exercer nenhuma atração sobre as populações nativas de áreas vizinhas. A situação mudou somente com a urbanização e industrialização de algumas dessas áreas de colonização teuta que dessa maneira começaram a ser procuradas, em escala cada vez maior, por luso-brasileiros e elementos de outras origens étnicas.

O caso das áreas de colonização nipônica é muito diferente. Os imigrantes japoneses não colonizaram espaços vazios, mas habitados por brasileiros e colonos de outras origens étnicas. Na tendência geral de se fixarem em zonas novas, os nipões acompanharam o roteiro comum à toda colonização no Estado de São Paulo. Nas corrente migra-

(5) Pesquisa realizada, em 1941, pelo autor.

tórias que se dirigiram para a Alta Paulista, Alta Sorocabana e Noroeste, seguindo os trilhos dessas ferrovias, o japonês figurava ao lado de dezenas de outros tipos de migrantes. Aonde quer que se dirigissem, desde o Vale do Ribeira até Presidente Prudente, os colonos japoneses encontravam uma população nativa. Todavia, mais importante ainda é o fato que os imigrantes nipônicos se utilizaram, em escala crescente, da *mão de obra nativa*. Se bem que a diferença de classe social represente um obstáculo a assimilação na sociedade dos adultos, o mesmo não se pode afirmar com relação às crianças. Observações inúmeras vezes reiteradas ensinam que as crianças desenvolvem padrões de comportamento nos quais os adultos procuram em vão preconceitos de cor ou de classe. Nos folguedos infantis, filhos de camaradas e de patrões são companheiros equivalentes. Na vila de Registro, por exemplo, há uma segregação relativa, social e ecológica, dos adultos, mas as crianças não lhes respeitam as barreiras, formando uma sociedade única em que se confundem os filhos de abastados comerciantes japoneses com os de estivadores brasileiros.

Entre as 6.023 crianças nipônicas que o quadro I consigna, havia 1.587 (26,36 p.c.) indivíduos classificados como japoneses pelas leis brasileiras, quer dizer, crianças nascidas no Japão. (7) Atenção especial merece o número relativamente pequeno de japoneses da zona do litoral. O total da quarta coluna indica apenas 11,10 p.c., ao passo que o total da terceira coluna consigna 22,00 p.c. A diferença para menos explica-se pelo fato de se tratar de uma zona antiga de colonização japonesa que recebeu relativamente poucos imigrantes novos, nos últimos tempos.

De acordo com o quadro I, apenas 35 netos de japoneses frequentavam, em 1941, as escolas públicas investigadas. É facilmente explicável esse número reduzido, pois a imigração nipônica é recente e a terceira geração somente em casos excepcionais atingiu a idade escolar. Estranho talvez pareça que justamente uma área nova como a Alta Paulista registre quasi a metade de todos os casos (17 de 35). O fato sugere a existência de uma mobilidade espacial dos japoneses da Alta Paulista. De fato, o quadro II consigna para os nipões dessa área a mobilidade mais elevada, pois de 1448 indivíduos registrados, 976 (ou 67,45 p.c.) nasceram em outros municípios.

(7) Vide Emilio Willems, *Assimilação e populações marginais no Brasil*. (São Paulo, 1940). Capítulo V (As condições de assimilação).

De maneira geral, o movimento migratório dos japoneses de outros Estados para São Paulo, parece ser reduzida. Os motivos são óbvios pois foi este Estado que recebeu quasi todos os contingentes nipônicos. Sabe-se no entanto, que muitos japoneses saíram do Estado de São Paulo encaminhando-se para Estados vizinhos, acompanhando, assim, uma tendência migratória geral dirigida para o norte do Paraná, Minas e Mato Grosso.

O Quadro II consigna uma mobilidade interestadual relativamente elevada apenas para as áreas da Central (Mogi das Cruzes, principalmente) e da Mogiana. Investigações ulteriores serão necessárias para averiguar as causas do fenômeno.

Bem mais intensa foi a mobilidade intermunicipal dos nipônicos. Caracteristicamente, a zona do Litoral figura em último lugar, com apenas 19,17 p.c. sobre um total de 1.116 casos investigados. É facil compreender a razão, pois o litoral, longe de receber muitos colonos de outros municípios, tornou-se uma *área de êxodo*. De acordo com informações colhidas em Registro, a região de Sete Barras contava, em 1933, com 230 famílias nipônicas. Em 1941, este número estava reduzido a 90 famílias. Na zona de Registro, o êxodo foi menor. Parece que as zonas novas do Estado, sobretudo a Alta Paulista atraíram grande número de japoneses do Litoral. Somente a alta do chá, causada principalmente pela guerra, determinou o retorno de certo número de famílias japonesas para a zona de Registro. O quadro II acusa uma mobilidade intermunicipal média de 41,38 p.c. sobre um total de 4.166 casos computados. (8).

Talvez seja exagero classificar a mobilidade espacial como fator de aculturação, mas será difícil negar que existe uma relação entre os dois fenômenos. A cultura tradicional japonesa baseia-se principalmente na organização local: a família grande, a vizinhança (*buraku*) e a comuna (*mura*) e outros grupos de cooperação. Não indivíduos, mas famílias

(8) Em todos esses casos trata-se de crianças que chegaram ao Brasil com poucos meses ou anos de idade. Se é que alguma coisa as prende ao Japão, somente o meio doméstico ou local lha pode ter transmitido, nunca porém experiências pessoais feitas no país de origem. Socialmente, essas crianças estão em condições de igualdade com seus irmãos e companheiros nascidos no Brasil. Na escola e alhures, elas estão expostas às mesmas providências assimiladoras que as demais, mas diante da lei e opinião pública, elas serão para todos os efeitos "estrangeiros". Esta contradição parece ter escapado, até agora, à atenção dos estudiosos dos problemas de assimilação.

representam as unidades de que esses grupos se compõem. Os imigrantes são comparáveis a fragmentos que se desprendem da organização local que tendem a reconstruir no país adotivo. Mas para recompor a família grande e os demais grupos que integram a comunidade, é preciso que durante um considerável lapso de tempo, os mesmos indivíduos e famílias conjugais habitem juntos a mesma área. Se ocorrem novas migrações, a reorganização social se torna mais difícil e a probabilidade da desintegração cultural cresce. Numa cultura desintegrada, a receptividade para valores novos costuma aumentar. É nesse sentido que a mobilidade espacial pode criar condições favoráveis à aculturação.

A ACULTURAÇÃO

As mudanças causadas pelo contacto de grupos culturalmente diferentes, afetam frequentemente as línguas faladas por um ou vários desses grupos. É obvio o papel da escola nesse processo de aculturação linguística, não somente pela transmissão direta de conhecimentos linguísticos, mas também pelo fato de conferir um prestígio especial ao vernáculo. Todavia, o prestígio de que o idioma português goza no modo de pensar do imigrante, não depende apenas da sua transmissão institucionalizada através da escola pública. É preciso levar em conta, ao lado de outros fatores, a cotação que a própria escola desfruta na cultura dos alienígenas. Sociedades há que não chegaram a integrar a escola à sua própria cultura, ignorando-a completamente ou cotando-a apenas como corpo estranho, imposto, que não conseguiram articular com as esferas consideradas vitais da sua cultura. Nessa hipótese, os efeitos que a escola pode exercer, no país adotivo, são restritos. É preciso frizar, no entanto, que a escola pública foi realmente integrada à cultura japonesa. A sua cotação relativamente elevada, comparável àquela de que goza em certos países europeus, decorre em grande parte da posição singular do mestre. A autoridade que emana de seu cargo e que confere um prestígio muito elevado à sua pessoa, não comporta confrontos com a posição social do mestre-escola brasileiro. Era de se esperar que pelo menos uma parte do prestígio social atribuído pelos japoneses à escola e ao professor fosse transferida à escola nacional e ao mestre brasileiro. *Foi o que realmente se deu.* Não só as nossas próprias investigações anteriores confirmaram essa hipótese, mas, como se verá mais adiante, também o inquérito cujos

resultados estamos apresentando, contem dados interessantes a respeito. À vista disso, parece justificada a expectativa de que a escola pública venha a desempenhar funções particularmente relevantes na aculturação dos imigrantes japoneses e seus descendentes.

A segunda coluna do quadro III registra os alunos que não falavam português ao matricular-se na escola. Era de se esperar que o número dessas crianças fosse menor na cidade do que na roça. A diferença, no entanto, é insignificante. Sobre um total de 1.228 alunos rurais, 239 ou 19,46 p.c. não falavam o vernáculo quando se matricularam. Quanto aos alunos urbanos, o quadro III consigna, sobre um total de 4.795, apenas 1.119 (ou 23,33 p.c.) alunos que não falavam português ao entrar na escola. Em quatro quintos de todos os casos, aproximadamente, os contactos com brasileiros, anteriores ao período escolar, foram suficientes para que ocorresse a transmissão do português.

Nas diversas áreas de colonização nipônica, as porcentagens das crianças que não falavam português quando se matricularam, são as seguintes:

Central	21,52 p.c.
Litoral	8,37 p.c.
Mogiana	24,68 p.c.
Araraquarense	13,48 p.c.
Noroeste	23,55 p.c.
Alta Paulista	30,48 p.c.
Alta Sorocabana	31,17 p.c.

Quanto à Mogiana e Araraquarense, o número de casos talvez não seja representativo. A porcentagem reduzida da área litorânea corresponde à expectativa, pois trata-se, como já foi dito, de uma zona de colonização mais antiga que recebeu poucos imigrantes novos na última década. Além disso, a população cabocla da zona é muito numerosa.

O número de crianças que, na época da realização da pesquisa, falavam o vernáculo sem embaraço, era de 1858, ou 30,85 p.c. sobre o total de 6023, sendo que 94 respostas não foram computadas. Nas zonas urbanas, essa porcentagem era consideravelmente mais elevada, montando a 42,42 p.c. Em último lugar figura a região da Alta Paulista com 16,77 p.c. No litoral, no entanto, 65,81 p.c. de todas crianças examinadas falavam o português sem embaraço. Proporcionalmente a esses dados, o número de alunos que encontravam dificuldades em falar o vernáculo era elevado ou baixo. Parece que esses números relativamente elevados

se prendem à antiguidade da colonização japonesa no Litoral.

O fato de uma pessoa passar de uma língua a outra (quadro III) pode ser considerado índice de transição no processo de substituição linguística. As observações anteriormente feitas aplicam-se também a essa coluna. Todavia, 619 respostas eram imprecisas e não foram computadas. Na zona do litoral, o número de crianças que usam das duas línguas nas suas conversas, é comparativamente reduzido. Isso não quer dizer que a geração nova já não saiba japonês, mas apenas que este idioma está sendo abandonado pela sociedade infantil da zona de Registro. Não se trata de uma interpretação hipotética, mas de um fato comprovado. Poucos meses antes de se realizar o inquérito, verificamos que a geração nova que frequentava as escolas da zona de Registro e os que ainda não haviam alcançado a idade escolar, usavam entre si geralmente o vernáculo. O emprego do japonês já estava limitado ao trato com os pais e pessoas mais velhas. Mas não raro observavam-se crianças a usarem o português mesmo em conversa com os pais. Estes então falavam japonês e os filhos respondiam em português.

Verificamos, além disso, que o português desempenhava uma função especial na sociedade juvenil. Muitos pais e pessoas mais velhas ignoravam, parcial ou totalmente, o português. À presença dessas pessoas, o uso do vernáculo permitia aos jovens que ocultassem certos assuntos antipáticos aos mais velhos, assuntos esses que lhes simbolizavam fraquezas da civilização ocidental.

Como se vê na coluna VI (quadro III) já existiam em 1941 alguns descendentes de nipônicos que não tinham mais adquirido o conhecimento do japonês.

O conhecimento da escrita japonesa era ainda bastante divulgado entre as crianças interrogadas. Contudo, 1.754 ou 29,10 p.c. já não sabiam escrever a língua dos pais. É significativo que na zona do Litoral essa cifra já tivesse chegado a 60,75 p.c., em 1941.

A resistência da geração mais velha contra a adoção de elementos culturais do país adotivo é um fato corriqueiro entre imigrantes. A proibição de falar a língua do país em casa representa uma das modalidades dessa resistência. No nosso inquérito, grande número de respostas não foi computado; porém, mesmo assim, um confronto das duas últimas colunas do quadro III é útil. Vê-se que o número de pais hostis ao uso do português no lar é muito inferior ao núme-

ro daqueles que toleram ou estimulam o emprego do vernáculo nas suas próprias casas.

Sabendo da rápida desintegração do sistema religioso dos imigrantes japoneses (9), uma grande parte do inquérito foi dedicada à investigação desse fenômeno. O quadro IV apresenta alguns dados reveladores a respeito. Aprendemos, em primeiro lugar, que o número de católicos é relativamente elevado (30,30 p.c. sobre o total de 6.023, sendo nulas 219 respostas). Na zona do Litoral a proporção dos católicos é maior (55,39). Nessa região (rural) a catequese foi feita por padres estacionados na própria vila de Registro. Esses padres, dos quais pelo menos um falava o japonês, batizaram 1.200 japoneses ou descendentes entre 1929 e 1941. Em outras zonas rurais, a catequese não parece ter sido feita com a mesma eficiência. Ao passo que o número de "outros cristãos" entre os japoneses é desprezível, 1.747 crianças indicaram o Budismo como religião. Esta resposta não é exata, pois não há japoneses exclusivamente budistas. O sistema religioso nipônico é híbrido, abrangendo sobretudo elementos shintoístas e budistas. As crianças responderam assim talvez porque aprendessem em casa a dar essa resposta. Por razões várias, o japonês médio vê-se geralmente em sérios embarços quando lhe perguntam o nome de sua religião. Esse fato explica o número elevado de 1523 (25,28 p.c.) crianças que não souberam dar resposta.

4.436 ou 73,65 p.c. de todas as crianças interrogadas responderam negativamente à pergunta se frequentavam alguma igreja. Ver-se-á mais adiante que em todas as áreas investigadas não existia um único templo shintoísta ou budista. Dessa maneira não pode surpreender a porcentagem elevada de pessoas que não praticavam a religião na igreja. Daí não se pode concluir que não praticassem religião nenhuma, pois em parte Budismo e Shintoísmo são religiões domésticas. *Tokonoma* e *budsudan* (uma espécie de oratório) encontram-se em muitas casas de imigrantes japoneses. De outro lado, os templos e sacerdotes são tantos no Japão, rural e urbano, e tão enraizado é o hábito de frequentar os santuários, que a inexistência desse costume no Brasil pode ser qualificada como perda cultural de não pouca importância.

(9) Seria interessante verificar, por meio de investigações ulteriores, a mobilidade da população em geral. Como, na maioria dos casos, se trata de zonas relativamente novas, é de esperar-se que a mobilidade geral tenha sido elevada.

Muitas respostas relacionadas com o trabalho dominical tiveram que ser anuladas, mas as restantes revelam que o hábito de descansar aos domingos (instituição desconhecida no Japão que tem outros dias de descanso) já se firmou em muitas famílias japonesas (1.563 ou 25,95 p.c.).

II

ASPECTOS PARTICULARES DA ACULTURAÇÃO

Preliminares. — Nos quadros A e B, o sinal positivo significa que a presença do elemento acima mencionado foi observado pelo professor encarregado da verificação. Da mesma maneira, o sinal negativo significa a ausência do elemento. Provavelmente ocorreram erros de observação, embora os elementos culturais escolhidos não apresentassem dificuldades especiais, mesmo ao pesquisador leigo. É inútil dizer que no cômputo das respostas todas aquelas que deixavam margem à dúvida, foram cuidadosamente eliminadas. Muitos professores seguiram as recomendações que encabeçaram esta parte do questionário, abstendo-se por completo de registrar observações não confirmadas e, portanto, pouco seguras. Nota-se, por exemplo, que na coluna referente à organização da família, relativamente poucos sinais atestam a presença de diferenças, embora estas possam ser imediatamente percebidas pelo observador treinado. Essa abstenção representa uma certa garantia de que pelo menos erros grosseiros foram evitados.

A ausência de sinais não justifica nenhuma conclusão quanto à conservação ou perda do elemento respectivo.

ZONA CENTRAL

(Quadros V-A e V-B parte I)

Cultura material. — Em confronto com a parte relativa à cultura não material, poucos sinais atestam a conservação de elementos ergológicos. O número de sinais negativos (12) é superior ao de sinais positivos (8).

Cultura não material. — O inverso pode-se afirmar do quadro B, I. 50 sinais positivos falam em favor da conservação de determinados elementos não materiais e somente sete se reportam à perda de tais caracteres. Neste quadro aparecem as primeiras “séries” homogêneas, particularmen-

Quadro V-A
CULTURA MATERIAL
(MATERIAL CULTURE)

Código A

MUNICIPIOS	N.º de Distritos (Number of districts)	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	Totais (Totals)
I — Zona Central	11																			
Mogi das Cruzes	11		1+		1+	1+		{1+ 2-	{2+ 1-		1-		{1+ 1-	{1+ 6-	1-					8
Totais (totals)		1	1	1	1	1		2	1	1	1	1	1	6	1					12
II — Litoral	42																			
Itanhaem	7	{1+ 2-	{1+ 3-	{2+ 1-	{2+ 1-	5+		{1+ 3-	{5+ 1-	3+	3+	3+		{2+ 1-	{2+ 1-		1+	1+		
Prainha	21	5-	2-	{1- 2+	{2- 1+	1+		{5- 4+	{4- 6+	2+	{2- 7+			{3- 4-	4-			3+		
Iguape	7	5+	1-	1+	3+			{5- 4+	5+	1+	{2- 5+		{2+ 2-	{2+ 2-	1-	1+	1+	1+	1+	
Jacupiranga	2	2+		2+	2+	2+		2+	2+				2+	2+						
Xiririca	5	4+	1+	{1- 3+	4+	1+		{1- 4+	4+	2+	4+	4+	{1- 5	{1- 10	2+		2	3+	1+	
Totais (totals)		12	2	10	18	15		12	22	8	8	19	3	7	7	5		8	2	161
III — Mogiana	8																			
S. Simão	1	1+	1+	1+	1+			1+	1+		1+									
Sertãozinho	1														1-	1-				
Ituverava	2			1+	1+		1+	1+	2+	1+	1+				1-	1-		1+		
Morro Agudo	1														1-	1-		1+		
Orlandia	2	2-	2-	1-	1+			{1+ 1-	2+		2+	1+	1-	1-	{1- 1-	1-		{1+ 1-	1-	
Jardinópolis	1					1+	1+	1-	1+		1+	1+						1+		
Totais (totals)		1	1	2	3	1	2	3	6	1	3	3	1	1	1	4	3	1	1	30
IV — Araraquarense	6																			
Matão	1																			
Taquaritinga	1			1+	1+	1+		1+	1+	1+	1+	1+	1-	1-						
Araraquara	1			1+	1-			1-	1+		1-	1+	1-		1+					
Jaboticabal	1																			
M. Aprazível	1					1+		1-		1+	1-	1+			1+					
Tanabi	1								1+		1+	1+	1+							
Totais (totals)		2	1	2				1	3	3	2	4	2	1	2		1			21
V — Noroeste	35																			
Pirajuf	2	2-	2-	2-	2+	1+		1-	{1+ 1-		1-	1-	1-	1-	2-	1-	1+			
Andradina	3	1-	1-	2+				1-	2+	1+	2+	2+	2+	1-	1-					
Promissão	12	{1+ 4-	{3+ 5-	{1+ 4-	{7+ 1-	7+	2+	{2+ 5-	8+	{4+ 1-	8+	1+	{2+ 1-	{1+ 2-	{4+ 3-	{2+ 1-	{2+ 1-	{2+ 1-		1+
Araçatuba	11	{1+ 1-	1-	{2- 4+	4+	4+		{2- 3+	{5+ 1-	1+	1+	2+	1-	1-	{2- 1-	{1- 2+	2+	{1+ 1-	3+	
Penápolis	7	2-	3-	5+	7+	7+	2+	1-	7+	1+	6+	1+	{3- 3-	3-						4+
Totais (totals)		4	3	7	22	19	4	7	23	7	17	6	7	8	3	3	5	1		8
VI — Alta Paulista	80																			
Garça	8								1+	1+					2+				1+	
Baurú	1								1+	1+					1-				1-	
Marília	18	{4+ 3-	{4+ 3-	{6+ 2-	{5+ 1-	5+	3+	{5+ 6-	15+	10+	10+	7+	2+	{5- 4-	{10+ 4-	2-	{1+ 2-	{1+ 3-	2+	
Pompéia	23	{3+ 6-	{6+ 5-	{9+ 3-	{13+ 1-	8+		{12+ 2-	{14+ 1-	10+	10+	9+	{4+ 3-	{6+ 4-	{8+ 3-	2-	{4+ 1-	{4+ 1-	2+	
Tupã	21	2+	3+	1-	5+	9+	7+	4+	{9+ 2-	16+	3+	13+	9+	{3+ 1-	{5+ 1-	2-	2-	2-		6+
Vera Cruz	9	1+	6-	5-	3-	2+	3+	3-	9+	1-	3+	7+	{3- 2-	{2+ 1-	3+	1-	1+	3+		
Totais (totals)		10	13	23	29	23	7	29	56	25	36	32	10	14	23	1	8	5	10	354
VII — Alta Sorocabana	38																			
Sto. Anastácio	6	4-	4-	4-	4+	1+		4-	3+	2+	{1+ 1-	2+	1+	{1+ 1-	{1+ 2-	2-	1+			
Quatá	2				2+	1+	1+	{1+ 1-	1-		1+			1-	2+	1-	1+			
Pres. Venceslau	9	{1+ 4-	{1+ 2-	{1+ 3-	{5+ 1-	6+	3+	{1+ 4-	6+		5+	5+	{1+ 3-	{5+ 3-	{4+ 4-					
Paraguassú	12	{3- 2+	{2- 1+	1-	5+	3+	1+	1-	{1- 5+	1+	3+	2+	{1- 3-	{3- 2-	{4+ 3-					
Pres. Prudente	9	{2+ 4-	{1+ 2-	4+	{5+ 1-	2+	2+	{2+ 3-	8+	3+	5+	4+	3+	{2- 2-	3+	2+	2+	2+	1+	
Totais (totals)		4	4	6	21	13	7	5	22	6	14	14	5	4	15	2	4	2	1	149
		15	10	8	2			13	2		1		1	10	7	10				79

CÓDIGO A
CULTURA MATERIAL
(MATERIAL CULTURE)

O sinal positivo significa presença, o sinal negativo ausência do elemento.

- 1 — Diferenças na arquitetura externa da habitação (Differences in external architecture).
- 2 — Diferenças na divisão interna da casa (Differences in the internal division of the house).
- 3 — Diferenças no mobiliário (Differences in furniture).
- 4 — Enfeites japoneses (Japanese household decoration).
- 5 — Retrato do Imperador (Photograph of the Emperor).
- 6 — Retratos de personalidades brasileiras (Photograph of Brazilian personalities).
- 7 — Diferenças no vestuário (Differences in dress).
- 8 — Diferenças na alimentação (Differences in food).
- 9 — Ausência de certos temperos (Non existence of certain condiments).
- 10 — Bebidas alcoólicas japonesas (Japanese liquors).
- 11 — Bebidas alcoólicas ocidentais (Occidental liquors).
- 12 — Diferenças nos utensílios domésticos (Differences in domestic utensils).
- 13 — Diferenças nas ferramentas e nas máquinas agrícolas (Differences in agricultural implements).
- 14 — Diferenças nos processos agrícolas (Differences in agricultural techniques).
- 15 — Diferenças na criação de animais (Differences in breeding of animals).
- 16 — Existência da caça ou pesca (Hunting and fishing).
- 17 — Existência de atividades industriais (Industrial activities).
- 18 — Criação de peixes (Pisciculture).

Quadro V-B
CULTURA NÃO MATERIAL
(NON MATERIAL CULTURE)

Código B

MUNICIPIOS	N.º de Distritos (Number of districts)	Código B																									Totais
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	
I - Zona Central	11																										
Mort. das Cruzes	11																										
Totais (totals) {+ ...																											
Totais (totals) {- ...																											
II - Litoral	42																										
Itanhaem	7																										
Pralha	21																										
Iguape	7																										
Jacupiranga	2																										
Xiririca	5																										
Totais (totals) {+ ...																											
Totais (totals) {- ...																											
III - Meçana	8																										
S. Simão	1																										
Sertãozinho	1																										
Ituverava	2																										
Morro Agudo	1																										
Oriândia	2																										
Jardinópolis	1																										
Totais (totals) {+ ...																											
Totais (totals) {- ...																											
IV - Araraquarense	6																										
Matão	1																										
Taquaritinga	1																										
Araraquara	1																										
Jaboticabal	1																										
M. Aprazível	1																										
Tanabi	1																										
Totais (totals) {+ ...																											
Totais (totals) {- ...																											
V - Noroeste	35																										
Pirajuf	2																										
Andradina	3																										
Promissão	12																										
Araçatuba	11																										
Penápolis	7																										
Totais (totals) {+ ...																											
Totais (totals) {- ...																											
VI - Alta Paulista	80																										
Garça	8																										
Baurú	1																										
Marília	18																										
Pompéia	23																										
Tupã	21																										
Vera Cruz	9																										
Totais (totals) {+ ...																											
Totais (totals) {- ...																											
VII - Alta Sorocabana	38																										
Sto. Anastácio	6																										
Quatã	2																										
Pres. Venceslau	9																										
Paraguassú	12																										
Pres. Prudente	7																										
Totais (totals) {+ ...																											
Totais (totals) {- ...																											

CÓDIGO B
CULTURA NÃO MATERIAL
(NON MATERIAL CULTURE)

- 1 - Casamento japonês (Japanese wedding ceremony).
- 2 - Casamento civil (Civil wedding ceremony).
- 3 - Casamento religioso (Religious Christian wedding ceremony).
- 4 - Cerimônia de nascimento japonesa (Japanese birth ceremony).
- 5 - Batizados (Baptism).
- 6 - Cerimônia funeral japonesa (Japanese funeral rites).
- 7 - Festas japonesas (Japanese festivals).
- 8 - Oferendas aos deuses e ancestrais (Gifts to deities and ancestors).
- 9 - Cerimônias religiosas japonesas em casa (Japanese religious ceremonies indoors).
- 10 - Símbolos religiosos orientais em casa (Japanese religious symbols inside the house).
- 11 - Símbolos religiosos cristãos em casa (Christian religious symbols inside the house).
- 12 - Diferenças no regime de trabalho (Differences in labor organization).
- 13 - Existência de organizações econômicas (Special economic organization).
- 14 - Diferenças na organização da família (Differences in family organization).
- 15 - Casos de desorganização da família (Cases of family disorganization).
- 16 - Interesse acentuado pela escola pública (Marked interest in public schools).
- 17 - Hostilidade em face da escola pública (Hostility toward public school).
- 18 - Diferenças nos padrões de higiene (Differences in cleanliness patterns).
- 19 - Higiene corporal "superior" ("Superior" personal hygiene).
- 20 - Higiene corporal "inferior" ("Inferior" personal hygiene).
- 21 - Higiene de habitação "inferior" (Lack of household cleanliness).
- 22 - Aptidões artísticas especiais (Special artistic aptitudes).
- 23 - Existência de estratificação social (Existence of social stratification among Japanese).
- 24 - Estratificação social atribuída a causas econômicas (Social stratification attributed to economic factors).
- 25 - Estratificação social atribuída à educação, antiguidade no lugar, etc. (Social stratification attributed to education, long residence, etc.).

te valiosas porque representam identidade de resultados obtidos por pessoas diferentes, independentemente umas das outras. Assim, em dez dos onze distritos observados os pesquisadores registraram a realização de festas japonesas. Em oito casos anotaram a existência de organizações econômicas especiais. Em nove distritos, os japoneses revelaram um interesse acentuado pela escola pública; observação essa que se repete com extraordinária constância através do quadro. Sete pesquisadores notaram um padrão de higiene corporal "inferior" e oito a existência de uma estratificação social entre os próprios japoneses. Uma "série" refere-se a diferenças no regime de trabalho, negadas por sete observadores.

LITORAL

(Quadros VI-A e VI-B, parte II)

Cultura material. — Confirmando observações anteriores (10), o quadro A acusa, em 12 distritos concentrados nos municípios de Iguape, Jacupiranga e Xiririca, a existência de "particularidades na arquitetura externa da habitação". A arquitetura dessa área parece destoar da de outras zonas de colonização japonesa onde as influências orientais sobre a arquitetura da casa são esporádicas. Em 18 sobre 42 distritos foram registrados enfeites japoneses na parede, em 15 casos foi visto o "retrato do imperador na parede". Outros quadros mencionam, com frequência, os mesmos fatos. 12 professores afirmam "diferenças no vestuário" e 15, referindo-se a outros distritos, negam essas diferenças. De acordo com as nossas próprias observações, praticamente não existem mais influências orientais sobre a indumentária dos colonos japoneses da zona litorânea. Essa divergência precisa ser esclarecida futuramente. Em 22 distritos da área litorânea, os professores perceberam "diferenças na alimentação em geral". Essa série repete-se e corresponde ao que verificamos na área de Registro. Outra série refere-se à aceitação de "bebidas alcoólicas ocidentais" (aguardente e cerveja, so-

(10) Observações baseadas na pesquisa do vale da Ribeira. Vide Herbert Baldus e Emílio Willems "Casas e túmulos de japoneses no vale da Ribeira de Iguape", *Revista do Arquivo Municipal* (N.º 67, 1941); 1941; Emílio Willems e Herbert Baldus "Cultural Change among Japanese immigrants in Brazil", *Sociology and Social Research*, Vol. 26, N.º 6, Julho-Agosto de 1942. Emílio Willems, "Some Aspects of Cultural Conflict and Acculturation in Southern Rural Brazil", *Rural Sociology*, Vol. 7, N.º 4, Dezembro de 1942.

bretudo). Ao passo que em 19 casos se registrou esse fato, só oito pesquisadores se referem ao uso de bebidas alcoólicas japonesas. Essa verificação confirma plenamente as nossas observações pessoais. Poucas (5) são as referências aos utensílios domésticos, talvez porque esses elementos não pudessem ser observados senão com certa dificuldade. Todavia, os professores de dez distritos fazem referência a “diferenças nas ferramentas e nas máquinas agrícolas”. Realmente, o número dessas diferenças é considerável, como tivemos ensejo de verificar em Registro.

Cultura não material. — A série mais impressionante do quadro refere-se ao “interesse encontrado pela escola pública”. Em 34 distritos sobre um total de 42 verificou-se a existência desse interesse especial. Convém frizar que a zona de Registro, a mais importante do litoral, possui quatro grupos escolares, um deles com cinco séries. O quinto ano que não existe em outras escolas do interior paulista, foi instalado a pedido dos japoneses de Registro. ⁽¹¹⁾

18 pesquisadores observaram a realização de festas japonesas. Dez referem-se a padrões de higiene “inferiores”. 17 fizeram observações relativas à estratificação social entre os nipônicos. Oito professores atribuem esse fato a causas econômicas e 12 alegam outras causas.

MOGIANA

(Quadros V-A e V-B, parte III)

Cultura material. — Em seis dos oito distritos da Mogiana, verificaram-se diferenças na alimentação. Quatro observadores negaram o emprego de técnicas agrícolas particulares, ao passo que se registrou apenas uma afirmação contrária.

Cultura não material. — Há duas séries notáveis no quadro B, parte III. Uma se refere ao interesse pela escola pública e o outro à realização de festas japonesas. A ocorrência delas, no entanto, foi negada em dois casos. Quatro pesquisadores não observaram “aptidões artísticas especiais” nas crianças japonesas.

(11) Veja H. Baldus e E. Willems, “Casas e túmulos japoneses no Vale da Ribeira”, etc., op. cit.

ARARAQUARENSE

(Quadros V-A e V-B, parte IV)

Cultura material. — A série maior afirma, em quatro distritos sobre seis, o uso de bebidas alcoólicas ocidentais. Dois observadores contestam o consumo de bebidas orientais, dois outros afirmam-no. Há três referências que dizem respeito a diferenças de alimentação.

Cultura não material. — Cinco dos seis professores interrogados mencionaram um interesse particular pela escola pública. Três observadores negaram a ocorrência de casos de desorganização familiar.

NOROESTE

(Quadros V-A e V-B, parte V)

Cultura material. — Somente quatro professores perceberam diferenças arquitetônicas na casa japonesa, ao passo que dez negaram essas diferenças. Em 11 distritos também não se verificaram diferenças na mobília. Em 22 distritos, no entanto, registraram-se enfeites japoneses e em 19 (sobre um total de 35) foi visto o retrato do imperador japonês na parede. Há dez respostas negativas referentes a diferenças no vestuário, contra sete afirmativas. A série mais notável reporta-se a particularidades na alimentação que somente em dois casos foram negadas. Na zona da Noroeste parecem predominar ainda as bebidas alcoólicas nipônicas. 11 pesquisadores negaram o emprego de técnicas agrícolas diferentes, enquanto que oito afirmaram a sua ocorrência. Notável de certa maneira é a coluna referente à criação de peixes. Como área nova, a zona da Noroeste parece ter conservado esse elemento em maior escala do que as zonas anteriores. (12)

Cultura não material. — O quadro B, parte V, consigna dez referências ao “casamento japonês” e sete a “cerimônias de nascimento japonesas”. Uma série de 18 observações diz respeito à ocorrência de festas japonesas. A maior série (21 sobre um total de 35 casos) afirma a existência de um interesse acentuado pela escola pública. Dez professores nota-

(12) Informações dadas pelo diretor do grupo escolar da vila de Registro.

ram padrões da higiene corporal “inferiores. 14 mencionaram a estratificação social dos japoneses e oito atribuem-na a causas econômicas. Seis professores negaram e seis afirmaram a existência de aptidões artísticas nas crianças de japoneses. Há quatro respostas afirmativas e seis negativas referentes a casos de desorganização familiar. Sete observadores negaram o uso de técnicas agrícolas diferentes, ao passo que quatro o afirmaram.

ALTA PAULISTA

(Quadros V-A e V-B, parte VI)

Cultura material. — Sobre um total de 80, somente dez sinais se referem à existência de particularidades na arquitetura externa das habitações, ao passo que 18 pesquisadores as negaram. Há 23 referências positivas à mobília oriental, 29 a enfeites japoneses e 23 ao retrato do imperador. Uma série de 29 respostas afirma influências orientais no vestuário, fato esse que se explica pela data recente em que grande parte desses nipônicos entraram no Estado. A maior série (56) reporta-se a diferenças na alimentação havendo, além disso, 25 observações a respeito da ausência de certos temperos (sal e pimenta, sobretudo). 36 pesquisadores notaram o uso de bebidas alcoólicas orientais e 31 o de bebidas ocidentais. Uma série relativamente grande de 23 observações afirma a existência de particularidades nos processos agrícolas. Em nove casos, o seu emprego foi negado. Dez pesquisadores notaram a criação de peixes.

Cultura não material. — A série mais impressionante (53 sobre um total de 80) refere-se ao interesse acentuado dos japoneses pela escola pública. Todavia, seis observadores não encontraram tal interesse. Em 48 distritos observaram-se festas nipônicas, em 19 “casamentos japoneses” e em 18 cerimônias funerárias japonesas. 21 pesquisadores notaram “oferendas aos deuses e defuntos”. Em 18 distritos foram vistos símbolos religiosos orientais em casa. Somente nove respostas dizem respeito a diferenças no regime de trabalho; seis negam-nas. Uma série de 29 observações, no entanto, afirma a existência de “organizações econômicas especiais”. 18 pesquisadores descobriram diferenças na organização da família e em 14 distritos perceberam-se casos de desorganização familiar. Há, contudo, oito respostas negativas. Diferenças nos padrões de higiene notaram-se em

16 distritos e 32 observadores perceberam uma “inferioridade” na higiene corporal. Há, além disso, 15 observações sobre a “inferioridade” dos padrões de higiene referentes à habitação. 26 professores descobriram aptidões artísticas especiais nas crianças japonesas, havendo apenas cinco respostas negativas. Elevado é o número de pesquisadores (45) que constataram a existência de uma estratificação social entre os japoneses. 13 atribuem-na a razões econômicas e 16 a outras causas.

ALTA SOROCABANA

(Quadros V-A e V-B, parte VII)

Cultura material. — A maior série do quadro A, parte VII, refere-se a diferenças na alimentação (22 respostas afirmativas sobre um total de 38). Em 21 distritos notaram-se enfeites n'ipônicos e em 13 o retrato do imperador japonês. 15 respostas negativas referem-se à arquitetura externa da habitação e 10 negativas à divisão interna da casa. 13 observadores negaram o uso de vestes japonesas, ao passo que somente quatro o afirmaram. 14 pesquisadores notaram o consumo de bebidas alcoólicas orientais e igualmente 14 o de bebidas ocidentais. Em dez casos negaram-se diferenças nas ferramentas e máquinas agrícolas, mas 15 observadores descobriram particularidades nos processos agrícolas. Estas foram contestadas em sete casos. Relativamente grande é o número de (10) respostas negativas referentes à existência de particularidades na criação de animais. Não admira que seja assim, pois é nesse terreno que as experiências trazidas do Japão são poucas.

Cultura não material. — Como em todos os quadros anteriores também neste a série mais impressionante refere-se ao interesse pela escola pública. Há 36 respostas afirmativas e nenhuma negativa sobre um total de 38. 20 observadores registraram a ocorrência do casamento japonês, 18 a de cerimônias de nascimento orientais; 19 verificaram a realização de cerimônias funerárias budistas, mas em 12 distritos já não se observava essas festas. Há 13 referências a “oferendas aos deuses e defuntos”. Sete pesquisadores negaram quaisquer diferenças no regime de trabalho dos japoneses. Interessante é a coluna atinente às organizações econômicas: cinco observadores afirmaram e cinco negaram a sua existência. Oito pesquisadores notaram casos de de-

sorganização da família, ao passo que 11 outros negaram a sua ocorrência. Curiosa é a divergência quanto aos padrões de higiene. Em 12 distritos observou-se a “superioridade” desses padrões. Nove respostas dizem respeito a “inferioridade” higiênica da habitação. 12 professores afirmam e 15 negaram a existência de aptidões artísticas especiais. Há vinte respostas afirmativas referentes à existência de uma estratificação social entre os japoneses, mas sete observadores negaram-na. Quatro atribuem a estratificação a causas econômicas e 12 a outras causas.

SINOPSE

Os quadros sinópticos V, A e B, apresentam alguns aspectos de certa importância. Quanto à cultura material, é a coluna referente a diferenças de alimentação que traz o maior número de sinais positivos (134 ou 15,37 p.c. sobre o total). Seguem, a grande distância, os totais relativos a “enfeites japoneses” (10,90 p.c.), “bebidas alcoólicas japonesas” (9,18 p.c.) e “bebidas alcoólicas ocidentais” (8,83 p.c.).

Entre as colunas verticais negativas destacam-se 57 (16,10 p.c.) respostas que contestam diferenças de vestuário, 52 (14,69 p.c.) respostas negativas referentes a diferenças de arquitetura, 44 (12,43 p.c.) que impugnam a existência de processos agrícolas diferentes, 40 (11,30 p.c.) respostas que negam o uso de ferramentas orientais e 39 (11,02 p.c.) informações negativas referentes a característicos japoneses na divisão interna da casa.

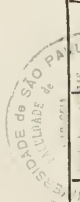
No exame das colunas horizontais é preciso levar em conta o número de distritos representados por cada zona. Assim compreende-se o total de 352 respostas positivas e 102 negativas referentes à área da Alta Paulista. Esses números representam 40,41 p.c. e 28,81 p.c., respectivamente, sobre os totais. Todavia, os distritos da Alta Paulista perfazem apenas 36,36 p.c. sobre o total de 220, de modo que há uma ligeira desproporção entre a porcentagem de respostas afirmativas⁽¹³⁾ e a porcentagem dos distritos representados. Praticamente não há desproporção entre as porcentagens da Mogiana, Araraquarense e Alta Sorocabana. Ela é reduzida na coluna referente ao litoral e maior nas áreas da

(13) O peixe é um dos alimentos principais no Japão. Para suprir essa necessidade, os colonos criam, frequentemente, peixes de água doce para o consumo próprio.

Quadro VI-b
CULTURA NÃO MATERIAL EM TODAS AS ZONAS
 (NON MATERIAL CULTURE IN ALL AREAS)

Código B

AREA	Nº de distritos (Number of districts) (in p. c.)	Anos																		Totais		Totais em %																									
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20		21	22	23	24	25																				
Central	11	5,0																										1	50	7	4,46	3,32															
Litoral	42	19,09	7	4	1	2	1	7	7	5	1	18	6	6	1	5	5	34	5	5	10	8	1	8	9	17	4	8	178	37	15,80	17,54															
Mogiãna	8	3,64	2	1	1	3	1	3	1	3	1	1	1	1	2	2	1	6	2	1	3	2	1	4	3	2	45	10	4,01	4,74																	
Araraquarense	6	2,73	1				2							2	1		3	5			2	1		1	2	1	1	19	8	1,69	3,79																
Noroeste	35	15,91	10	2	1	1	6							4	3	1	4	6	21	5	4	10	4	1	6	14	2	8	139	29	12,42	13,74															
Alta Paulista	80	36,36	19	7	6	2	5	9	1	2	2	18	1	48	3	21	11	1	17	1	9	5	28	4	18	14	8	53	6	8	16	1	4	1	32	2	15	2	26	5	45	4	13	447	57	39,91	27,01
Alta Sorocabana	38	17,27	20	4	4	1	1	18		2	19	18	12	13			1	7	86	3	12	11	9	1	12	15	20	7	4	242	63	21,62	29,86														
Totais	220	100,00	59	18	11	7	7	46	2	11	2	51	3	119	28	45	16	1	27	8	18	33	55	17	28	34	34	164	6	8	31	1	25	1	75	2	39	5	54	40	109	18	37	1120	211	100,00	100,00
Por cento (per cent)			5,27	1,61	5,21	0,63	3,32	4,11	0,95	0,98	4,53	1,43	10,63	13,28	4,02	14,3	1,43	2,41	0,47	0,27	1,61	15,64	4,91	8,06	2,50	3,04	16,11	14,64	2,84	0,27	2,77	0,47	2,23	0,47	6,70	0,95	3,48	2,37	4,80	13,96	9,73	8,53	3,30	4,11	100,00	100,00	



Quadro VI-A

CULTURA MATERIAL EM TODAS AS ZONAS

(MATERIAL CULTURE IN ALL AREAS)



Código A

ÁREA	Nº de distritos (Number of districts)	Em %	Anos (1 to 18)																		Totais	Totais em %																						
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18																								
Central	11	5,0	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	1	6	1							8	12	0,92	3,33																	
Litoral	42	19,09	12	7	2	6	10	3	18	3	15	1				12	14	22	5	8	3	19	5	3	10	7	8	7	5	2	8					161	64	18,42	17,77					
Mogiãna	8	3,64	1	2	1	2	2	1	3	1	1	2				3	2	6	1	3		3	3	1													30	18	3,43	5,00				
Araraquarense	6	2,73						2	1	1	2						1	2	3	3	2	4											1						21	8	2,41	2,23		
Noroeste	35	15,91	4	10	3	12	7	8	22	1	19					4	7	10	23	2	7	1	6	1	3	7	4	8	8	11	3	3	5	1	1	1	8			151	77	17,27	21,38	
Alta Paulista	80	36,36	10	18	13	14	23	8	29	2	23					7	29	13	56	1	25	1	36	32	10	7	14	13	23	9	1	7	8	6	5	3	10			354	102	40,50	28,34	
Alta Sorocabana	38	17,27	4	15	4	10	6	8	21	2	13					7	5	13	22	2	6	14	1	14	5	1	4	10	15	7	2	10	4		2	1	1	149	79	17,05	21,95			
Totais	220	100,00	31	62	24	44	50	28	95	9	74	1	20			58	56	134	11	50	2	80	8	78	1	24	22	32	40	58	44	6	29	23	8	16	5	21			874	360	100,00	100,00
Por cento (per cent)			14,44	2,75	3,57	10,87	2,50	8,47	0,28	2,29	6,64	13,56	13,33	3,06	5,72	0,56	9,15	2,22	6,11	0,28	2,75	6,11	3,66	11,11	6,64	12,22	0,69	8,05	2,63	2,22	1,83	1,39	2,40									100,00		

Central e da Noroeste. Não pode surpreender que nas zonas mais antigas (Central e Litoral) a porcentagem dos núcleos representados seja mais elevada do que a das respostas afirmativas. Essa diferença é particularmente grande na coluna referente à Central. A quasi igualdade das porcentagens na coluna da Alta Sorocabana dá a impressão de um ritmo de aculturação ergológica relativamente elevado.

Uma das perguntas do questionário referia-se à frequência de templos "japoneses". A julgar pelas respostas, *não existem, em nenhuma das zonas investigadas, templos shintoístas ou budistas*. Este fato contrasta fortemente com outras áreas de colonização japonesa. No distrito de Kona (Havai), por exemplo, John F. Embree contou 10 templos budistas e quatro shintoístas.⁽¹⁴⁾ Levando em conta que a imigração japonesa no arquipélago de Havai começou pelo menos 15 anos antes da entrada dos primeiros japoneses no Brasil, a ausência de templos em São Paulo reveste uma importância extraordinária.

Os confrontos anteriormente feitos não podem ser aplicados ao quadro sinóptico que reúne as informações sobre a cultura não material, pois grande número de respostas se relaciona com a aquisição de elementos da cultura ocidental, havendo outras que caracterizam a fase de transição de uma cultura à outra.

Entre as colunas verticais destaca-se uma que reúne 164 (14,60 p.c.) respostas que afirmam a existência de um interesse acentuado pela escola pública, 119 (10,60 p.c.) respostas que dizem respeito a festas japonesas, 75 (6,68 p.c.) que se referem a padrões de higiene corporal "inferior" e 109 (9,71 p.c.) observadores que notaram que a comunidade japonesa local era socialmente estratificada.

34 respostas negam a ocorrência de casos de desorganização da família. Há também 34 respostas negativas quanto à existência de diferenças no regime de trabalho. 40 observadores (19,32 p.c.) negam que as crianças japonesas possuam aptidões artísticas especiais. Mencionemos, além disso, 24 respostas (11,59 p.c.) que negam a realização de festas japonesas nos distritos investigados.

(14) A rigor, deveria ser excluída dessa comparação a coluna referente a bebidas ocidentais, pois nela se observa a aquisição de um elemento ocidental, ao passo que as demais se reportam à conservação de elementos da cultura originária.

AS FESTAS

Festas cívicas e religiosas comemoradas no Brasil. (Brazilian national and religious festivals)				Festas cívicas e religiosas comemoradas no Japão. (Japanese national and religious festivals)			
N.º	(name) Nome	Número rural urb.		N.º	(name) Nome	Número rural urb.	
1	Reis	4	0	1	Ano Bom	1433	335
2	Carnaval	43	131	2	Festa do Tennô e Constituição de 89 (11-II)	23	48
3	21 de Abril	93	0	3	Festa dos meninos	0	8
4	Páscoa	0	1	4	Tanabata (7-VII)	1	0
5	1.º de Maio	14	0	5	3 de Novembro . .	41	8
6	13 de Maio	1	0	6	Aniversário do Im- perador (29-IV) . .	1165	131
7	Santo Antônio	7	0	7	Festa das meni- nas (13-III)	1	8
8	São João	29	11	8	1.º de Abril	1	1
9	São Paulo	7	0	9	Moços e moças . .	55	12
10	Festa das árvores	6	0				
11	Bandeira	180	21				
12	7 de Setembro . .	1595	385				
13	Dia das mães	17	0				
14	15 de Novembro . .	444	27				
15	Natal	517	109				
16	Festas rel. locais . .	177	128				
	Totais	3134	813		Totais	2720	551

Entre as perguntas feitas às crianças de origem japonesa, havia uma do seguinte teor: “Qual é a festa mais bonita do ano?”

Apurou-se um total de 7.218 menções a festas ocidentais e orientais. As crianças lembraram 16 festas comemoradas no Brasil e nove festas comemoradas no Japão. E’ de se notar, no entanto, que a denominação “festas religiosas locais” abrange um número indeterminado de festas não discriminadas. A festa de “moços e moças” é idêntica às duas festas comemoradas nos dias 13 de Março e 5 de Abril, de modo que o número de festas ocidentais é, na realidade, consideravelmente mais elevado, ao passo que as festas japonesas se reduzem a oito.

Das 7.218 menções, 3.947 ou 54,68 p.c. referem-se a festas “brasileiras” e 3.271 ou 45,32 p.c. a festas “japonesas”. Há uma diferença de 676 menções a mais sobre o total que se reporta às festas “japonesas”.

3.184 ou 79,37 p.c. das menções referentes a festas “brasileiras” foram colhidas em escolas rurais e 813 ou 20,63 p.c.

em escolas urbanas. Quanto às festas “japonesas”, os números são 2.720 (83,16 p.c.) e 551 (16,84 p.c.), respectivamente. É preciso lembrar que 79,38 p.c. das crianças japonesas interrogadas frequentavam escolas rurais e 20,38 p.c. estavam matriculadas em escolas urbanas. Essa distribuição é quasi idêntica à proporção entre as menções colhidas na zona rural e as da zona urbana, menções essas referentes a festas “brasileiras”. *Essa coincidência sugere a hipótese de não haver grande diferença, entre zona rural e zona urbana, no que diz respeito à atuação assimiladora exercida pelas festas “brasileiras”.* Com relação às festas japonesas, no entanto, *essa diferença existiria, pois somente 16,84 p.c. das menções foram colhidas na zona urbana.* Baseados nessa diferença levantamos a hipótese de que a tendência para abandonar a comemoração de festas japonesas é mais acentuada na zona urbana do que na zona rural. Se for confirmada por outros *tests*, essa hipótese constituirá mais uma contribuição no sentido de comprovar uma afirmação já diversas vezes feita: nas cidades a aculturação sucede em um ritmo mais célere do que no campo.

Outra diferença importante revela o quadro das festas: 3.064 ou 93,68 p.c. das menções de festas japonesas referem-se a duas comemorações apenas: Ano Bom e o aniversário do imperador (29 de Abril). Há, portanto, um grau de concentração que deixa uma margem insignificante (6,32 p.c.) para as demais festas.

Também do lado das festas brasileiras observa-se uma forte concentração. Todavia, as duas festas mais lembradas, 7 de Setembro e Natal, reúnem somente 2.606 ou 66,03 p.c. das menções. Além disso, a variedade de festas é muito maior, como vimos, e grande parte delas reuniu uma quantidade apreciável de menções. Essa diferença que se manifesta no grau de concentração das menções e na variedade de festas lembradas, evidencia, nas áreas investigadas, um empobrecimento impressionante, nesta esfera da cultura japonesa. Diante da riqueza extraordinária do calendário de festas do Japão rural (15), esse fato que acabamos de verificar, adquire uma relevância singular.

(15) John F. Embree, *Acculturation Among the Japanese of Kona, Hawaii*, *Memoirs of the American Anthropological Association*, Vol. 59, 1941, p. 8.

III

DEPOIMENTOS PESSOAIS COMENTADOS

José Domiciano Nogueira, diretor do Grupo Escolar de Sete Barras, no Vale da Ribeira (zona litorânea) acrescentou uma descrição baseada nas indicações da parte terceira do questionário, destinada ao registro das observações pessoais do professor. Inicialmente, José Domiciano Nogueira menciona o êxodo em grande escala que sucedeu nessa área do vale da Ribeira. Das 350 famílias que se estabeleceram nessa região, somente 50 a 60 permaneceram.

Em Junho de 1941 percorremos a região de Sete Barras onde pudemos ajuizar-nos do grau de abandono geralmente atribuído à falta de vias de comunicação que garantissem um escoamento fácil e econômico da produção local. Significativa foi a falência da única cooperativa que os japoneses haviam fundado em Sete Barras. No prédio da cooperativa, um tecelão instalara dois pequenos teares movidos à mão onde se fabricavam esteiras japonesas.

Vejamos as observações de J. D. Nogueira:

“A arquitetura externa dos prédios de construção japonesa, semelhante ao barroto usado pelo nosso caboclo, feito com muito mais capricho e delicadeza, deixa patentes os indícios da arquitetura do Japão.

Internamente têm semelhança com construções comuns, com ligeiras modificações no interior dos cômodos destinados ao banho. As banheiras são de madeira, em baixo das quais fica permanentemente o fogo, quando ocupadas. A mobília é como nas demais casas. Não encontramos aqui as clássicas mesas baixas, nem tão pouco as almofadas profusamente espalhadas pelo solo. As paredes sempre brancas entram em contraste com o marrão escuro, quasi vermelho dos batentes das portas e janelas.

Discretamente aquí e acolá, uma paisagem ou um quadro da sua terra natal. O colono japonês aquí instalado vive nessas habitações limpas e cuidadosamente tratadas. Sua atenção está sempre voltada para os arredores da sua habitação, trazendo-os constantemente roçados.

Essas habitações, sempre que possível, possuem horta e os pequenos jardins são cuidadosamente cultivados.

Com seu ambiente quasi que totalmente brasileiro, sua roupa não contrasta. Algumas peças, como chinelos (*zori*), confeccionados com junco fino e chapéus também de palha fina, são os elementos que, com os traços mais característicos da raça,

os olhos amendoados e o nariz chato, o distingue do brasileiro, alto, magro, descalço e de cabeça descoberta.

A alimentação em pouco se diferencia da do brasileiro da roça. E' um pouco mais rica em substâncias nutritivas. Ao prato da sua preferência, a base da alimentação de ambas as raças, o arroz, o japonês junta grande quantidade de verdura, contando-se entre outras, o tomate, o nabo e a acelga. Quanto ao nabo, preparam-no de vários modos. E' curiosa a preferência que dão aos que deixam permanecer durante alguns dias enterrados em palha de arroz para depois comerem-no cru. Trabalham muito e vêm o resultado em gráu mais pronunciado pelo fato de possuírem uma orientação segura no combate às diferentes pragas e no emprego de adubos químicos. Seus instrumentos agrícolas são quasi que geralmente de origem japonesa. Têm preferência pelo trabalho mecânico, pelas máquinas e não desanimam aos primeiros insucessos. As enchentes são para eles como que um incidente a que não podem fugir. As casas construídas na barranca do rio estão na proporção aproximada de um para cinco, de brasileiros para japoneses.

O japonês pouco bebe e quando o faz dá preferência às bebidas comuns, aguardente e cerveja. No comércio local, a única de que temos conhecimento, feita por processo estranho, é a aguardente de arroz. Há em Sete Barras a Associação Japonesa, sem séde própria. Os seus associados reúnem-se, semanalmente, nas casas particulares de seus patrícios para tratar de assuntos do seu interesse. Lêm bastante jornais, revistas, livros e outras publicações de sua língua.

O japonês expressa-se com dificuldade na nossa língua. Quando o faz, por necessidade extrema, usa ordem inversa, à sua maneira, extremamente diferente da nossa. Essa mesma tendência é manifestada pelo escolar. O resultado dessa afirmativa é verificar-se frequentemente caboclos que em negociação com o japonês, para se fazerem entendidos, usam a sua ordem inversa, procurando falar atrapalhado. Assim ouvimos: *sabe tem por quem sabe si tem, sabe dá por quem sabe se dá disque por dizem que, miro por mil reis.*

Há entretanto os filhos de japoneses, moços que em nossa terra cresceram, que falam com desembaraço, e dão preferência visível aos nossos costumes. Quanto às festas, pouco posso dizer. Não as assisti e o que sei aquí trago através das informações de outrem.

O casamento, por exemplo, é para o japonês um dever social. Não se prende ao sentimentalismo. Assim é que os moços de um lugar se casam com as moças de outros lugares,

vendo-se pela primeira vez no dia da cerimônia. Há um intermediário para esses ajustes, que ao chegar a uma localidade anuncia, com a sua presença, uma escolha. Não tenho conhecimento de desajuste matrimonial nem de casos de grande afeição. São os moços profundamente reverentes às opiniões paternas em todas as ocasiões. Temos ciência mesmo de um rapaz que se lhe fosse facultada a escolha se teria casado com brasileira. Mas a autoridade paterna não lhe permitiu a satisfação desse desejo e hoje é casado com descendente de japoneses, vive em harmonia com a esposa, entregando-se inteiramente às atividades comerciais.

O único caso, na localidade, de casamento de japonês com brasileira, é o de um agrônomo.

As festas de casamento e batisado são feitas comumente. Oferecem geralmente almoço ou mesa de doces, à sua maneira, aos seus patrícios e, à brasileira, aos seus amigos brasileiros. Sobre outras festas nada podemos afirmar. Este ano, dado o número reduzido de famílias japonesas existentes no distrito, realizou-se apenas uma pequena parte esportiva.

A mulher japonesa trabalha no campo como a brasileira. Com o filho amarrado às costas, acompanha o marido às plantações, com seus calções compridos que, sem dispensar o uso das saias, facilitam a montaria.

O japonês manifesta o mais franco interesse pelo ensino e pelas instituições escolares.

Acolhe com docilidade as determinações superiores. Sempre assíduo, pontual, é o descendente de japonês um bom aluno nos grupos escolares e nas escolas isoladas. No estabelecimento não falam o idioma de seus pais. Nas solenidades declamam poesias patrióticas em atenção conciente à Terra que está fornecendo o pão para seus pais.

Embora não possuam grandes recursos auxiliam a Caixa Escolar, na medida de suas posses mas não solicitam os seus benefícios.

Não tenho conhecimento da existência de organizações especiais destinadas a transportar e vender os seus produtos. Auxiliam-se mutuamente. Sob o ponto de vista higiênico, têm com precisão consciência dos remédios. Acha-se instalada aqui com uma farmácia, um japonês que os atende e que se diz médico formado no Japão”.

De maneira geral, essa descrição coincide com as observações que fizemos na área litorânea, na mesma época em que se realizou o inquérito. Merece destaque o uso de calções entre as mulheres. Nunca conseguimos observar essa indumentária que parece ser usada nos sítios mais isolados

e, talvez, exclusivamente no trabalho agrícola. Interessante é a referência à montaria das mulheres. O cavalo de montaria é um elemento raro no Japão rural, mas difundiu-se rapidamente entre os imigrantes japoneses. As referências ao casamento confirmaram as nossas verificações. O caso mencionado de subordinação da vontade filial aos desejos paternos, mostra como a estrutura patriarcal dificulta a introdução do padrão de livre escolha do consorte.

Passamos a reproduzir a descrição anexa do questionário, que foi preenchido pelo Sr. *Otávio Barbosa Martins*, professor da Escola Masculina do Bairro Esplanada, no distrito de Diniz, município de Promissão (zona noroeste).

CULTURA MATERIAL

“A casa do japonês no Bairro Esplanada, é totalmente feita de táboa ou de pau-a-pique, barreada. Uma casa para os japoneses é construída em dois ou três dias no máximo. Há entre eles o espírito de solidariedade que os torna superiores aos colonos brasileiros.

Assim, para construir uma casa, em dia previamente marcado, todos comparecem ao local, trazendo cada um as ferramentas que possuem para tal fim. Aí percebe-se que todos conhecem o serviço. Terminada a casa todos bebem a valer.

Quanto à divisão da casa, não há diferença da dos brasileiros. Geralmente consta de sala, quartos e cozinha. O cômodo para banho é separado. No interior da casa, principalmente na sala, percebe-se o gosto pelo enfeite das paredes. Inúmeras folhinhas, fornecidas pelas casas comerciais, fixam lugares pitorescos e quadros da vida familiar do Japão: retratos de membros da família e, quasi sempre, os dos imperadores do Japão, tendo ao lado o do Presidente Vargas. Este retrato é em ponto grande, colocado em quadro de vidro e moldura (0,40 x 0,35).

Não consegui saber o verdadeiro significado, digo, porque ali se acha o retrato do atual Presidente do Brasil. Porém, é sabido que o nipônico dispensa grande respeito àqueles que dirigem as nações. Aquí, constantemente, ouço palavras de elogio ao dr. Getúlio Vargas, o que também pode justificar a razão do seu retrato ocupar lugar na parede de casas japonesas.

Como mobília, geralmente encontramos na sala uma grande mesa (3 ms. por 1,20) rodeada por diversas cadeiras ou bancos do mesmo comprimento da mesa. Aí, as famílias tomam suas refeições e também as visitas aí tomam lugar. Na parede sempre há o cabide que dificilmente está vazio de todo. Chapéus,

paletós, capotes e guarda-chuvas não faltam ao japonês do campo.

Em certas casas há ainda, na sala, o guarda-louça. São iguais aos usados por nós.

Nos quartos pouco é dado a observar. Com os pais, na mesma cama, dormem as crianças até mais ou menos 8 ou 9 anos de idade. Esta cama é enorme e feita com táboas, colocadas sobre esteios.

Para os demais filhos, as camas são individuais, construídas como as dos pais. Na cozinha, u'a mesa pequena, prateleira, são os principais móveis. Os talheres são lavados fóra, geralmente ao lado do poço. Observa-se que os talheres são os mesmos usados pelos brasileiros.

No tomar as refeições, distinguem-se certos costumes. Assim, quasi sempre, uma tijela pequena é trazida para cada pessoa, contendo sopa. Esta, na quasi totalidade das vezes, é de macarrão. O arroz é a base da alimentação, mas a verdura não deixa de aparecer à mesa. Como verdura usam: o repolho, a alface, o rabanete, o nabo, etc. Estas verduras são quasi sempre produtos das hortas que cada família cultiva nas baixadas úmidas. Com a verdura vem, num só prato, certo molho escuro, adocicado. Também, muito apreciam os peixes, os ovos e as carnes.

E' costume dos japoneses, cozinhar alimentos sem sal. Porém, por ser preciso cozinhar tambem para os camaradas, já em muitas casas japonesas há o emprego do sal na alimentação.

Diçilmente falta, a 50 metros dos fundos da casa, o chiqueiro com 5 a 6 porcos. Engordam-nos, não para negócios, mas para suprir a casa com gordura e carne.

O leite não é usado nas casas japonesas. Aquí no bairro não há uma só casa onde haja vacas ou cabras. Jamais vi uma criança, filha de japoneses, alimentada artificialmente.

Os doces, na maioria são fabricados em casa. Destaca-se o feito com arroz e feijão, aliás de bom paladar embora enjoativo.

O café é pouco usado nos lares japoneses. E' substituído pelo chá, tomado sem açúcar.

Uma bandeja com balas acompanha sempre o bule de chá. Tomado êste, imediatamente uma bala vai à boca. Os chás por eles usados são muitos e de bom gosto. As bebidas alcoólicas são tomadas em grande quantidade pelos nipônicos. Os que mais bebem são os velhos. Não há festa japonesa sem bebida alcoólica. Apreciam muito a cerveja, o saké e tambem a pinga. Frequentemente vêm-se japoneses completamente embriagados, porém, só à noite ou em dias de folga.

As ferramentas usadas pelos japoneses, para o amanho da terra não diferem das usadas pelos brasileiros. Já tive oportunidade de observá-los, desde o preparo da terra até a colheita. Observe-se que neste bairro só plantam, em quantidade, o algodão e o arroz. Para o plantio do arroz, no entanto, usam u'a máquina fabricada na cidade de Lins, por um japonês. É bem prática e interessante. Confesso que não a conhecia e penso não ser usada nas regiões onde não haja japoneses. Mede, mais ou menos, noventa centímetros de comprimento e pesa quatro quilos e meio. Consta de dois braços de madeira, havendo num deles, na parte superior externa, uma caixa de metal, onde são colocadas os sementes. Estas são conduzidas à parte inferior por um tubo metálico, o qual termina entre duas chapas de ferro afiadas, que servem para abrir as covas. Há uma espécie de válvula que controla a saída das sementes. A cada movimento vertical, produzido com as mãos, para abrir as covas, segue-se um movimento horizontal para soltar as sementes. Como demais ferramentas são usados o arado, o destorroador, a enxada, o ancinho etc.

No vestuário não notamos diferenças acentuadas. Nas mulheres, principalmente nas moças, observa-se o gosto pelas cores vivas e padrões ramados.

CULTURA NÃO MATERIAL

Os japoneses, homens, estão organizados em dois grupos distintos. Num reúnem-se os casados e noutros os moços. Aqueles tratam dos problemas relativos à existência das famílias, no bairro. Assim cuidam dos casos de doença, da religião (quando da vinda do padre), da escola, da conservação das estradas etc. A reunião dos moços é para fins recreativos. Cinemas, teatros, esportes, tudo é organizado por eles.

Em transformação linguística pouco é dado a observar. Os japoneses só falam o japonês e, quando em conversa com brasileiro, falam como podem. Gesticulam e com dificuldade, fazem-se entender. Não conheço família alguma onde em casa se fale o português. Os moços que frequentam escolas brasileiras, mesmo alguns nascidos no Brasil, só conversam em japonês. Na verdade, não são como os pais. Falando o português, fazem-se entender perfeitamente. Não conheço rapazes de origem japonesa os quais tenham feito o serviço militar.

Ao nascer uma criança, a casa fica em festa. Os alunos da escola, irmãos do recém-nascido, não comparecem às aulas por dois ou três dias. A bebida entra em casa, em grande quantidade. Quando do primeiro aniversário da criança, quasi

sempre há uma festa. Esta nada mais é que fartura no comer e beber. Há convidados para a festa.

Com o casamento dá-se fato interessante. O rapaz, quando pretende casar-se, procura um dos chefes de família do bairro e lhe pede para arranjar uma esposa. O encarregado, então, põe-se a trabalhar e, depois de encontrá-la e combinar com o pai da moça, vai avisar o rapaz.

Este, em dado dia, vai ver se convem a escolhida. Não é por esta simples visita que está decidido o casamento. De volta, vai o moço ter com aquele que lhe escolheu a companheira, para dizer-lhe se agrada ou não. Também a moça pode apresentar recusa. Havendo o "sim" dos dois, aquele que poderíamos chamar de padrinho, vai à casa da moça para marcar o casamento. Não há noivado e, nem tão pouco namoro. No dia marcado, os pais e o padrinho trazem a nubente à casa daquele que será seu esposo. Depois de pequena cerimônia, começam a comer e beber até altas horas da noite. Por vezes, vão até o amanhecer. Num casamento japonês, dizem eles que gastam de quatro a cinco contos de reis.

Quando morre um japonês, não há choro ou lamentações. Passam a noite ao lado do cadáver.

Comem bolochas, bebem chá e chupam balas. Quando na cidade, depois do enterro, bebem a valer como se fôra uma festa.

Das festas tipicamente japonesas, presenciei a que se realiza no dia 29 de abril, aniversário do imperador do Japão. Nesse dia não trabalham. Reunem-se pela manhã em dado lugar e, aí permanecem até o anoitecer. Cada família traz a sua merenda, para passar o dia. De início, há uma cerimônia praticada à frente do retrato do imperador. Depois de algumas palavras do chefe da colônia, cantam o hino nacional japonês. Observe-se que, a pedido deles, estive presente com os alunos da escola, para cantar o Hino Nacional Brasileiro. Ao lado do retrato do imperador do Japão estava o do presidente Vargas. Admirei-os, ao cantarem o hino japonês. Uma só voz se ouvia, quando todos cantavam. Segue-se depois a parte esportiva, tomando parte crianças, moços e moças e também velhos. Prêmios são distribuídos em quantidade. À criançada distribuem cadernos, lapis, borracha etc. Bebida, como sempre, não falta.

Outra festa característica é a das lutas livres. Delegações de inúmeros bairros comparecem e o dia todo é tomado com tal esporte. Admira-se a quantidade enorme de prêmios que distribuem.

Com religião parece que o japonês pouco se preocupa.

Não guarda domingo. De tempo em tempo, um padre (não usa batina) percorre as colônias, celebrando missas. Neste bairro, por duas vezes neste ano já esteve um padre. No recinto em que é celebrada a missa, uma espécie de “santário”, como eles dizem, está sobre uma grande mesa. Sobre esta, em bandejas colocam maçãs, bolachas e balas. Dentro do “santário” há pequenos vasos onde estão a queimar pequenos filetes, colocados em posição vertical. Nos lados do “santário”, sobre a mesa, as famílias colocam pequenos objetos de madeira, onde está escrito o nome daqueles que morreram. Na frente da mesa há algumas cadeiras onde toma lugar o padre e aqueles que ajudam a cantar a missa. Atrás, sentados à moda oriental, sobre grandes panos estendidos no chão, ficam os fiéis. Estes não esquecem o cigarro, mesmo nesta hora. Na porta de entrada do recinto, fica um japonês a receber as importâncias dadas pelos fiéis, para as despesas de viagem do sacerdote.

O japonês é por natureza trabalhador. Tanto trabalham os homens como as mulheres. O domingo, para eles, é um dia comum, quando o serviço é bastante. Na época de pouco serviço, os rapazes, aos domingos, praticam esporte. Os chefes de família se entregam a visitas. As mulheres, porém, ficam em casa.

No lar, o pai tem toda a autoridade, embora haja perfeita harmonia entre pai e filhos.

Tratando-se de casamento das filhas, dá-se fato interessante. Enquanto não se casa a filha mais velha, as demais estão impedidas de se casarem. Assim, a caçula será sempre a última a casar-se. Daí acontecer o seguinte aqui no bairro. Um rapaz trabalhava como meieiro em certa propriedade. Gostou de uma das filhas do patrão com a qual estava impedido de casar-se, pois tinha irmãs mais velhas, mas ainda solteiras. Com ela planejou a fuga e assim fizeram, indo para Marília. O pai da moça, sabendo do destino dos dois, foi a Marília, trazendo a filha para casa. Até hoje não houve casamento e, pelo que ouço dizer, nem mesmo se realizará.

Quanto às separações de casais, é cousa um tanto comum entre os japoneses. Basta não haver combinação de gênios. Ambos, depois de separados, podem contrair novo matrimônio. A moça, ao casar-se não mais assina o sobrenome dos pais. Passa a assinar só o do marido.

Conheço inúmeros casos de separação e dois deles aqui no bairro. Tanto os homens como as mulheres casaram-se novamente.

Casamentos mistos também conheço diversos. Entre eles destaca-se o de um baiano com uma japonesa. Vivem bem na família da moça. Têm filhos. O baiano fala o japonês, embora um pouco mal, conforme dizem os japoneses. Já tive oportunidade de ouvi-lo conversar em japonês.

Para a escola, o japonês faz o que está ao seu alcance. Há entre eles um encarregado para velar pelos interesses da escola. Prédio escolar, casa para professor, poço, construíram com prazer. A criança de origem japonesa não ocupa o material consumível, enviado pelo Estado.

Livros, cadernos, lapis, borrachas os pais dão em quantidade. O número de faltas na escola é sempre mínimo. Os japoneses são, no entanto, verdadeiros fiscais, isto é, observam muito o esforço e a dedicação do professor. São apologistas do castigo para reprimir as cousas mal feitas. Sempre citam o que com eles acontecia quando, na escola do Japão, praticavam alguma peraltagem. Eram castigados duramente.

A diversão do japonês conta em cinema (que percorre os bairros), teatros e festas esportivas. Estas se realizam nos bairros ou nas cidades, aonde cada colônia envia sua delegação.

Geralmente não há cobrança de ingressos. Cada japonês traz, dentro de envelope, certa importância, conforme o número de pessoas que o acompanham.

Em higiene pessoal, o japonês deixa um pouco a desejar. Toma seus banhos diariamente, depois do jantar, porém, por uma só água passam diversas pessoas. Para o banho usam uma caixa retangular de madeira, com fundo de zinco, estando assentada sobre uma espécie de fogão.

Dentro da caixa há uma grade de madeira, impedindo o contato com o fundo de zinco.

Colocada a água, acende-se o fogo. O corpo é ensaboado fóra da caixa, sendo depois despejada água sobre ele. Após isto, entram na caixa com água quente, onde passam, desde o primeiro até o último, a se banhar.

Também, entre os japoneses, há um costume que denota falta de princípios higiênicos. Na hora que estão a beber, fazem a troca de copos ou cálices para demonstrar amizade.

No entanto, quanto às epidemias eles são um tanto precavidos. Processam a vacinação de toda a colônia japonesa, todos os anos. Este ano vacinaram contra tifo e varíola. Há entre eles muitos que fazem injeções, como se já tivessem praticado para tal fim. Aquí no bairro, há mesmo um japonês que chega a fazer pequenas intervenções cirúrgicas. Observei-o

rasgar (com uma navalha) um dedo que estava inflamado, o qual, em dois ou três dias, estava bom.

Na habitação, no entretanto, parece haver boa higiene. A casa é varrida diariamente”.

As primeiras linhas revelam a existência de *kumi*, uma espécie de cooperação comparável ao mutirão brasileiro e ao “trabalho a pedido” de muitas outras culturas de *folk*.

A mobília e os utensílios da zona em apreço parecem ter sofrido um processo de ocidentalização completa. Merece destaque o uso de *talheres* que, segundo a informação do Sr. Martins, devem ter substituídos os pauzinhos.

A introdução de condimentos ocidentais (sal, pimenta etc.) deve-se aqui, como também em casos que registramos no vale da Ribeira, às exigências culinárias de camaradas brasileiros.

Curioso é o fato de que os japoneses de Dinízia aceitaram gordura e carne de porco, mas não o leite. Ambos os elementos são quasi desconhecidos como artigos de consumo doméstica, no Japão rural.

Máquinas especiais, usadas para plantio, colheita e beneficiamento do arroz foram observadas também no Vale da Ribeira. Muitas dessas máquinas, trazidas do Japão, passaram a ser construídas no Brasil, constituindo núcleos de indústrias locais.

O processo de escolha de cônjuge representa uma fase intermediária entre o padrão tradicional e uma certa liberdade que já se observa em algumas regiões. Fomos informados de que, na região de Registro, a aplicação do padrão tradicional já encontra oposição decidida na maioria da população japonesa. Também a igreja católica exige o consentimento dos noivos. A ausência do namoro, mencionada pelo Prof. Martins, é comum e representa obstáculo considerável à miscegenação.

A julgar por certos indícios, a cerimônia religiosa parece ser budista. A ocorrência de tais cerimônias não é comum e não se dá mais, por exemplo, no vale da Ribeira.

As referências ao divórcio denotam que esse elemento característico da cultura japonesa foi conservado pelos japoneses de Dinízia. Sendo o casamento uma instituição ligada, exclusivamente, à esfera de ação da família-grande, o divórcio é também uma questão familiar que não depende da permissão de autoridades estatais ou religiosas.

O casamento do baiano com uma japonesa é uma ocorrência raríssima, pois em geral é o japonês que se casa

com mulher brasileira. O fato se torna mais compreensível levando em conta a relativa integração do brasileiro no grupo familiar da esposa.

O depoimento do Prof. *Wilfrido Brandão*, distrito Amadeu Amaral, município de Marília, zona da Alta Paulista, somente em parte foi transcrito, pois contém apreciações especulativas e afirmações cuja comprovação seria muito difícil senão impossível. Alguns juízos emitidos nesse questionário representariam excelente material para um estudo de estereótipos raciais e nacionais não cabendo, porém, num trabalho sobre aculturação.

Vejam as partes referentes à conservação e perda de elementos culturais nipônicos e sua substituição parcial por elementos transferidos da cultura brasileira:

“As construções de japoneses são de estilo simples, porém, sempre que possível, de madeira e cobertas de telhas. Geralmente são insuficientes para a família que as habita, porém bem arejadas e protegidas dos ventos fortes que por essas regiões são muito frequentes.

Interiormente não apresentam nenhuma novidade. São divididas, quasi que em geral, em dois quartos, sala e cozinha, existindo algumas que só possuem um quarto, onde toda a família dorme em esteiras estendidas sobre um tablado de madeira. Nas casas das famílias mais bem dotadas, notam-se assoalho e mesmo forro, em contraste com a maioria delas que é de terra socada.

Na mobília são muito simples, restringindo-se ao estritamente necessário: mesa, cadeiras ou bancos, máquinas de costura e uma vitrola com uma coleção bem apreciável de discos cantados em japonês, onde encontramos sempre o hino nacional japonês acompanhado de algumas marchas patrióticas, e raras vezes, o nosso hino. Costumam enfeitar as paredes com folhinhas, cujos motivos são, na maioria, cenas do Japão, notando-se em quasi todas elas as cerejeiras em flôr, ou “sacurá” ou uma vista parcial do monte “Fujii” ou monte sagrado, conforme dizem. Também se notam, nas paredes da sala de refeições, em molduras apreciáveis, os retratos do nosso Presidente ao lado do Imperador do Japão, ou então o Dr. Getúlio Vargas e o general Togo, o herói da campanha contra a Rússia. Sendo certa vez perguntado a um rapaz nipônico porque possuíam esses retratos, ele me disse que era uma homenagem aos dois grandes homens: o do Brasil e o do Japão.

De vida simples, eles se mostram simples também nas suas manifestações e costumes. Não sei se devido à dificuldade em

adquirir material importado, o qual é muito caro ou se mesmo por gosto, o que notamos, porém, é que assimilam lentamente os nossos costumes, implicando que essa assimilação seja mais lenta, pelo fato deles viverem em colônias. Nas vestes, por exemplo, pouca diferença notamos. Nos dias de trabalho, o japonês não se importa com suas vestes que são grosseiras, porém de tecido muito duravel. Nos dias de festa, porém, substituem-nas por outras, senão novas ao menos muito conservadas e lançam mão dos mesmos enfeites que os nossos caboclos usam. Entre os homens notamos a tendência para o uso do lenço enrodilhado ao pescoço e anéis de fabricação grosseira. Entre as moças que são caprichosas, percebemos acentuada queda para ondular os cabelos (os homens também usam) e usam as mesmas pinturas que as nossas patrícias usam. Apreciam muito o sapato de saltinho e não raro usam perfume. Pertencendo todas a uma espécie de Associação, usam, nos dias de festa e domingos, um uniforme: saia azul marinho e blusa branca. Segundo o que constatei, esse modelo é comum para todos os núcleos. Nas escolas notam-se, entre as meninas, a tendência para usarem uma fita nos cabelos, variando a cor da preta à rosa.

Quanto à alimentação, podemos afirmar, sem perigo de cairmos em erro, que é a mais deficiente possível. Salvo raras exceções, onde o leite e a carne fazem parte das suas refeições, é o arroz o seu principal alimento. Apreciam muito o peixe, criando-o em tanques especiais nas próprias residências e chegando muitas vezes a comê-lo já em adiantado estado de putrefação. Além desses principais pratos notamos também um grande consumo de rabanetes e nabos, possuindo para isso, cada família a sua horta. Convem frizarmos que na preparação das suas refeições raramente usam gordura, alegando que essa lhes faz mal. Eu, porém, tenho encontrado muitos japoneses que depois de se haverem alimentado durante algum tempo em meio patricio, me afirmaram que não suportavam mais o seu "goran". Nos dias de festas variam completamente a alimentação, juntanto às suas comidas tradicionais: *osushii*, *oniguri*, *lenkon*, etc. (salgados) e *sembe*, *vokan*, *moti*, (doces), ovos cozidos e pedaços de franco assado. Apreciam muito as bebidas alcoólicas, pinga, sake e cerveja, achando nas festas motivos para se embebedarem.

São amantes das pescarias e caçadas, chegando mesmo a emprender longas excursões.

Devido, porém, à falta de iniciativa, aproveitam-se sempre da vontade de outrem, cooperando o mais possível para a realização das mesmas. Eu mesmo tive oportunidade de organi-

zar duas dessas excursões ao Salto Avanhandava, no rio Preto, onde constatei que os japoneses são muito maus pescadores desmetendo a tradição de homens do mar, isto é, da beira do mar.

Atribuo isso a barulhada que fazem no local. Isso, aliás, é comum em todas as suas atividades. Em esportes, por exemplo, quem assistir de olhos fechados um arremesso de peso, por um japonês, suporá que o resultado foi surpreendente o que quasi nunca acontece. Possuem sempre boas armas, porém, ainda não encontrei entre eles um que fosse bom atirador.

São em geral agricultores, exclusivistas de algodão (nesta região) tendo já encontrado algumas famílias que se dedicavam à criação do bicho da seda e fabricação de aguardente.

Isso não impede que em todos os grandes núcleos eles possuam o seu dentista, farmacêutico, retratista e negociante, todos seus patrícios.

Infelizmente, o japonês demonstra acentuada tendência para expressar-se em sua língua.

Embora frequente escolas nossas e aprenda a arranhar o português, somente assim o faz quando conversa conosco. Desde que, porém, um patrício dêle se aproxime, entabola conversação na sua língua, esquecendo-se da pessoa que até então palestrava consigo. Notei, também, que a linguagem de nossos patrícios que com êles trabalham, isto é, camaradas, exerce muita influência na sua linguagem, corrompendo o seu reduzido vocabulário. As crianças, principalmente, revelam acentuada disposição para repetirem o que escutam nessas palestras, tornando-se muitas vezes perniciosas. A respeito de moços que fizeram o serviço militar, conheço apenas um que serviu em Campo Grande e que ao regressar mostrava-se muito entusiasmado com a vida de caserna, exibindo fotografias que lembravam a vida militar.

Esse, porém, raramente usava a língua de seus pais, explicando-se perfeitamente no nosso idioma. Isso notei também entre alguns moços que trabalham nas cidades e fazem absoluta questão que os tratem como nossos patrícios.

Os japoneses gostam muito de festas e comemoram-nas verdadeiramente. Com exceção de batisados, casamentos e enterros que êles ainda realizam conforme seus costumes, nas outras festas notamos já a influência nacional. Apreciam as festas esportivas e praticam os esportes com muita dedicação. Organizam competições atléticas entre os elementos do mesmo núcleo e entre outros núcleos, sendo em tôdas essas ocasiões, prestadas carinhosas homenagens aos vencedores.

Seus esportes prediletos são, além das provas atléticas, lutas de *jiu-jiu-tsú*, *jukendo*, jogos de baseball, etc. Festejam os

dias 1.º do ano ou *shorrónai*, 29 de abril ou *terr-tio-setsu* e o dia 11 de fevereiro ou *kigensetsu*. Esse último, que é um dos quatro feriados nacionais do Japão, comemora a fundação do Império pelo primeiro imperador Jinmu em Kashivara.

Também, como nós, prestam sua homenagem aos mortos, num dia para esse fim especialmente consagrado — *obon*. Até há pouco tempo costumavam organizar as festas com um cunho bem acentuadamente japonês, chegando mesmo a usarem bandeiras. Hoje, porém, isso já não sucede devido as leis que proibem — não tenho certeza — reuniões de elementos estrangeiros e também devido a influência do professor, no que diz respeito ao trabalho de nacionalização. Apenas são permitidas as exhibições de filmes visados pela censura e devidamente licenciados pela autoridade policial do município.

O japonês pertence, na maioria, à seita budista encontrando-se nas cidades muitos deles que frequentam igrejas cristãs, assistindo, com verdadeira devoção, à missa ou às pregações.

No sertão, porém, devido à ausência de outras influências, eles parecem não demonstrar interesse por nenhuma, dizendo mesmo que não a praticam. Possuem, no entanto, em suas casas uma espécie de templo ou *butsudan*, diante do qual costumam, isso muito às ocultas, fazer suas, não sei se poderei dizer, orações. Não gostam, porém, que nos refiramos ao assunto e sempre que interpelados, respondem com evasivas. No núcleo em que trabalhei no ano passado existia um ministro protestante que exercia grande influência sobre muitos japoneses, sendo, todavia, odiado por outros tantos. No que trabalho, atualmente, acredito que resida um propagandista do budismo. Já o interpelei por diversas vezes e cheguei mesmo a visitá-lo, em sua casa, onde existe um *butsudan* de maiores proporções. Ele, porém, nada me afirmou amuando sempre que eu me referia ao assunto. Sei apenas que ele está constantemente viajando e que exerce acentuada influência sobre as demais famílias.

São muito supersticiosos, porém, dizem que feitiço é com os antigos. Entre outras superstições citarei as seguintes: Dizem que tirar retrato em três, o do meio morre primeiro. Acreditam que o cachorro quando uiva está augurando alguém. E dizem também que cortando-se as unhas à noite não se estará presente à hora da morte dos pais.

Todo devotado ao trabalho, para o qual vive e do qual vive, o japonês não mede sacrifícios, desde que precisa executar qualquer tarefa. Incapaz de decisões rápidas, ele costuma reunir-se antes de tomar qualquer resolução que redunde em benefício da comunidade. Nessas reuniões que duram de 4 a 5

horas e que são presididas pelo chefe da Associação, é interessante notar-se que os japoneses discutem muito, chegando muitas vezes a alterar os ânimos e acabam por deixar a questão por decidir em outras reuniões. A meu ver, essas reuniões não passam algumas vezes de simples pretexto para bebedeiras o que sempre acontece, esquecendo-se eles do assunto que motivou a reunião. Pois é de notar que muito antes da hora marcada para o início, eles já se vão chegando para o botequin onde costumam fazer hora, saboreando uma garrafa de caninha ou então de *sake* (vinho de arroz) se as condições o permitirem. Nos trabalhos da lavoura, podemos compará-los à saúva. São tenazes e incansáveis. Não respeitam nem chuva nem sol, chegando algumas vezes, conforme presenciei em um núcleo em que trabalhei, no ano de 1939, a aproveitarem as noites enluaradas para executarem trabalhos que sejam possíveis, como por exemplo: catação de algodão. Nesses serviços as mulheres não se diferenciam dos homens. Usam apenas faixas de pano, enroladas nas pernas, braços e cabeça para proteger-se das queimaduras do sol, arranhões, ou quaisquer coisas que as possam enfeiar.

Aquí convém fazermos um parênteses e dizermos algumas palavras sobre o japonês e o futuro das terras.

Até o presente momento eles não possuíam organização orientadora ou beneficente.

Agora, porém, percebo um movimento contínuo, uma atividade fora do comum, quer seja em visitas de pessoas que êles dizem acreditadas em assuntos de cooperativas e para isso especialmente convidadas, quer seja em reuniões e palestras que interessam a todos eles.

Na organização da família japonesa, existem muitas coisas originais. A começar pelo casamento em que os interessados não manifestam vontade, aceitando apenas a escolha que os pais ou parentes fizeram, até a liberdade de ação dos cônjugues após o casamento. No caso de descombinação ou mesmo incompatibilidade de gênios, qualquer um deles tem o direito de abandonar o outro e constituir nova família. O que nos revolta, porém, é a passividade do marido diante da infidelidade da mulher. Conheço muitos casos referentes, mas o que mais me impressionou foi o de um casal com apenas seis anos de união, cuja mulher já possuía quatro amores. E o que é mais revoltante é que o marido está ao par disso e não se incomoda porque diz que ela é trabalhadora. Disso deduzimos que o homem japonês casa-se para ter uma mulher e uma empregada e não uma companheira. Aliás, isso já fica bem claro no ato de

casamento no qual o noivo é obrigado a oferecer uma certa quantia em dinheiro ao pai da noiva.

Um outro caso bastante significativo é o que se passou no núcleo. Após o casamento o rapaz verificou que a esposa possuía ferida no pescoço. A princípio esforçou-se por curá-la. Fez alguns gastos tendo mesmo sustentado um tratamento durante certo tempo. Ciente, porém, de que o mal que infelicitava a esposa, continuava a prejudicá-la, alegou que ela o havia enganado ocultando essa chaga e também que já havia gasto muito dinheiro, entregando-a novamente em casa de seus pais. Depois de algum tempo casou-se e hoje vive regularmente com outra esposa.

Em relação à escola não me queixo. Trabalho há três anos com esse elemento e durante todo esse tempo, poucas vezes precisei incomodar-me”.

A julgar pelas observações sobre a cultura material, a esteira parece ter sido introduzida, pelos japoneses de Amadeu Amaral, como solução intermediária entre o *futon* (colchão japonês) e a cama ocidental. Em geral, a mobília ocidental já existe nas casas japonesas.

Contrariamente a outras afirmações, o uso de gorduras parece ser pouco comum em Amadeu Amaral. Interessante é a referência às caçadas. Praticamente não existe caça no Japão, de maneira que esse costume foi aceito no Brasil. A imperícia nas técnicas de pescaria esclarecer-se-ia se o observador indagasse da origem dos imigrantes locais.

Das observações sobre o culto doméstico, o leitor poderia tirar a conclusão de se tratar de um culto quasi secreto ou “clandestino”. Seria necessário investigar as causas (locais?) dessa reserva, pois parece que em geral não existe a tendência apontada pelo prof. Brandão. Em Registro, por exemplo, recebemos todas as informações desejadas sobre o *butsudan*, as orações e o culto em geral. Tiramos inúmeras fotografias e entrevistamos demoradamente o único sacerdote budista da região que nos deu todos os esclarecimentos solicitados e deixou-se fotografar em pleno ornato. (16) A tendência para a discussão e a longa duração das reuniões de sociedades e clubes em geral foram observadas também na zona de Registro.

As afirmações sobre a infidelidade conjugal da mulher e a entrega de uma quantia em dinheiro que o noivo faria

(16) John Embree menciona 51 festas cívicas e religiosas, comemoradas na área rural por ele investigada. Vide John F. Embree, *Suye Mura, A. Japanese Village*, (Chicago, 1939), p. 340.

ao sogro, exigem investigações ulteriores. Infidelidade conjugal feminina foi observada também em outras zonas, mas parece que sobre o pagamento de uma espécie de “preço-de-noiva” nada consta, até agora, nas observações feitas em outras localidades.

O material mais amplo e objetivo apresentou o prof. *Armando de Oliveira Souza* de Morro Redondo, da zona rural do município de Marília. A limitação aos fatos e a sobriedade na descrição só poucas vezes foram abandonadas, de modo que as informações minuciosas e bem apanhadas puderam ser aproveitadas quasi na íntegra.

“A casa dos colonos japoneses apresenta certas particularidades que muito a diferencia das nossas construções. Varia primeiramente conforme o meio. Na Noroeste lecionei em dois núcleos de colonização japonesa, em Araçatuba e Valparaíso. Nesses núcleos, a terra sendo argilosa, as casas eram construídas com lascas de coqueiro, a pique ou trançadas, sendo o arcabouço de madeira grossa e as paredes cobertas com barro amassado com palha de arroz. Eram cobertas com telhas ou lascas de pau. Apesar de casas rústicas, não assoalhadas, eram construções sólidas. Em Valparaíso, o núcleo sendo muito grande, além do tipo descrito, havia outro mais aperfeiçoado, privilégio dos mais bem dotados economicamente. Eram ainda de barro e palha de arroz, e construídas como que passadas em grossas toras afincadas no chão. Assim pousadas nessa base davam impressão de pouca firmeza e que uma ventania considerável era suscetível de as deslocar de suas bases, pois não apresentavam encaixe algum. As paredes eram construídas com lascas finas de coqueiro ou bambú, dando impressão de grandes viveiros às casas, antes de sua conclusão. As paredes eram a seguir cobertas com barro amassado com palha de arroz, e depois de bem planas, cobertas com uma camada de barro puro ou reboque.

Depois de secas, uma pintura dava-lhes impressão de paredes de tijolos. As casas eram cobertas com telhas, assoalhadas e bem forradas.

Apresentavam um ótimo aspeto interno e externo, de cunho acentuado nipônico. Em tais casas só havia vidraças, deslocando-se geralmente em sentido horizontal. Raramente apresentavam, além da vidraça, janelas. Às vezes, estas eram construídas, de modo a se abrirem, girando em dois pinos sendo empurradas no centro, de dentro para fóra.

No núcleo em que trabalho atualmente, a terra sendo arenosa, as casas são feitas de tábuas e cobertas com telhas, sapé

ou zinco. Apresentam ainda aspeto de construções japonesas, já pela construção do telhado em dois planos, número e disposição em bom acabamento de portas e janelas, garantindo farta ventilação, já pela disposição em bom acabamento do sapé em outras casas. Com exceção das casas mais ricas, a casa do colono japonês apresenta 2 ou 3 quartos, cosinha e sala de jantar. Não apresenta portas internas, as quais são substituídas por cortinas grosseiras. O fogão é geralmente construído sobre um suporte de madeira, constituído de quatro estacas mais ou menos grossas, sobre as quais se apoiam alguns páus ligados entre si. Sobre estes se dispõem alguns tijolos ligados com barro, aí construindo o fogão propriamente dito. A mobília é constituída de poucas mesas, camas, máquinas de costura, banco e, às vezes, cadeiras, etc.. As camas, não raro, são feitas de tábuas e os colchões são de fabricação própria. Em vez de cobertores, preferem espécies de acolchoados muito grossos de algodão que fabricam em casa.

Os enfeites das paredes são poucos, constituídos de uma série de folhinhas cujas gravuras são motivos japoneses; retratos ampliados de parentes, quasi sempre do casal na época do casamento. Em sua quasi totalidade, as casas, mesmo as mais humildes, possuem um quadro com o retrato do imperador e da imperatriz do Japão. Verificam-se, também, alguns retratos de militares ilustres do Japão. Um quadro com o retrato do Dr. Getúlio Vargas já é encontrado em algumas casas. Alguns quadros, com panos de seda e bordados de motivos japoneses, também constituem enfeites, bem como quadros representando belezas naturais do Japão. Os quadros se apoiam em dois travesseirinhos de seda⁽¹⁷⁾, para não se esfolarem em contato com os pregos.

Nas casas mais pobres, principalmente, não há ordem.

Os trastes se amontoam desordenadamente pelos cômodos dando a impressão de abandono ou pouco caso. Limpeza é utopia. Ao redor das casas, nos sítios não se vê quasi plantação. Arrancado o algodão e arada a terra, tem-se a impressão de um deserto com casas esparsas.

Nos sítios de café, talvez por se tratar de uma cultura mais firme, já formam um pomar, onde prevalecem laranjeiras e bananeiras. Raramente se preocupam com jardim. Nos núcleos muito grandes, pessoas de melhor situação econômica, de maior destaque e cultura possuem habitações bem apresentáveis e originais. O mobiliário e enfeites são idênticos aos das casas da cidade.

(17) Veja o material fotográfico em H. Baldus e E. Williems, "Casas túmulos de japoneses", etc., op. cit.

Sofrem a influência de nossos costumes. Ao redor da casa já possuem seus jardins, aquários ou viveiros, revelando, às vezes, esmerado gosto estético. Uma simples inspecção revela o aspeto nipônico do conjunto. O verdadeiro colono japonês pouco difere do usual.

Nota-se mesmo entre os mais ricos, de maior convívio com brasileiros, um sensível mau gosto no trajar-se. As roupas para esportes, tais como lutas, baseball, kendô, etc., bem como para as representações teatrais, são japonesas.

A alimentação do colono japonês é sofrível. Compõe-se de substâncias fermentadas ou preparadas com deficiência. Um dos traços característicos é o molho denominado "skoio" obtido pela fermentação do milho e feijão torrados e pouco cosidos com sal. Tanto "melhor" será ele quanto maior o tempo de fermentação. Preferível de 1 a 2 anos. Pronto o molho adiciona-se-lhe açúcar. Típicos são ainda o "miso" (18) o "tofu", o "hume", rabanete, nabo, etc.. O "miso" destina-se à confecção de sopa. E' obtido pelo cosimento do arroz e feijão *daizu* com sal, que são depois passados em peneira ou máquinas. A massa obtida é guardada em latas. Toda a vez que se deseja preparar a sopa "miso", tira-se o necessário, que será dissolvido ou misturado em água. O "tufu" é uma espécie de queijo de feijão. O rabanete e nabo tornam-se peculiares à cosinha japonesa, pela preferência de seu uso, imprimindo-lhe em cooperação com o "shoio" esse cheiro azedo e desagradável.

O feijão nem sempre é cosido diariamente. Às vezes uma única vez por semana. O arroz é cosido sem temperos, reduzido depois a bolas com 60 cms. mais ou menos de diâmetro. Gostam muito de broto de bambú, inhame e das verduras em geral. Estas parecem tornar-se improfícuas pela preparação. Cosidas com "shoio" constituem mau prato.

Gostam muito de frutas, principalmente da laranja. Dificilmente comem mamão, o qual é nativo e existe em grande abundância nas zonas novas.

Os peixes constituem-lhes ótimos petiscos. Alguns chegam a fazer criações de peixes em tanques. Os peixes adquiridos nos mercados raramente estão em boas condições de conservação. Para cidades como Araçatuba, vêm peixes de Santos, conservados em gelo. Nessa praça, são adquiridos por negociantes dos núcleos. Quando revendidos aí, já estão estragados. Os peixeiros de cidades de zona da colonização japonesa, não desprezam os peixes já estragados, revenden-

(18) Os alimentos mencionados nesta descrição, com exceção do **hume**, foram encontrados também na zona de Registro. (E. Willems).

do-os aos japoneses por preços inferiores ao comum. A carne de porco ou galinha às vezes são comidas cruas. Os pedaços são postos na mesa crus e as pessoas apenas mergulham no "shoio" antes de comê-los.

A comida é quasi toda sem sal e gordura e de cheiro desagradável. Por este motivo os professores costumam arranjar um lugar fóra da sala de aula, para as crianças colocarem seu almoço até o recreio.

A carne de vaca ou de porco e o letie são pouco usados. O colôno japonês costuma comer três vezes ao dia: cedo, ao meio dia e às 7 horas da noite mais ou menos.

Os chefes de família gostam muito de aguardente nas refeições. Abusam muito desta bebida.

A alimentação descrita, é necessário que se observe, não é peculiar aos japoneses em geral. E' a alimentação dos mais arredios ao convívio brasileiro ou recém-chegados do Japão.

Acham boa a comida brasileira, facilmente se adaptando a ela. Há mesmo boa tendência à nacionalização da cosinha japonesa. Moças há que frequentam cursos culinários em cidades.

Entre os veteranos e mais adaptados aos nossos costumes, já se notam muitos pratos preparados à nossa maneira. Raramente conseguem imitação perfeita. Há sempre qualquer cousa que lhe denuncia a confecção. O "shoio" o "tofu" etc., dificilmente são esquecidos completamente.

Em se tratando de alimentação, crença digna de nota é a que têm alguns com relação à carne da cascavel. Creem que é um fortificante insubstituível, realizando milagres de cura e fortalecimento. Num núcleo em Araçatuba, tive oportunidade de ver um sitiante japonês levar para casa uma cascavel morta por um sitiante brasileiro. Soube depois que a comeu em companhia de alguns amigos. Uma japonesa afirmou-me ter comido ovos de cascavel. Costume interessante também é o de colocarem numa mesa, um único prato com carne, peixes e verduras etc. e com "shoio", quando recebem visitas. Munidos cada um com seu garfo, servem-se no mesmo prato. Às visitas também costumam oferecer balas ou doces japoneses comprados (espécie de bolachas com gengelim muito adocicadas).

Em ocasiões de festa são muito pródigos: não medem gastos. Usam "sake" e cerveja em grande quantidade. Os copos usados são trocados entre os convidados, em sinal de amizade.

Apresentam farta mesa, onde salgados e doces são apresentados ao mesmo tempo.

Os doces mais usados então são: "yokan", "manjou" e "moti". O "yokan" é o doce de feijão semelhante à nossa mar-

melada. O “manjou” é uma massa tendo no centro doce de feijão.

O “moti” é o doce de arroz. Abusam da anilina. O chá é servido sem açúcar. Costumam tomá-lo chupando balas. Estas existem em quasi toda casa japonesa para ocasiões de festas ou recebimento de visitas. O chocolate é preparado com água e açúcar.

Os utensílios domésticos são idênticos aos usuais. Há certas particularidades. Usam por exemplo, umas tijelinhas, para tomarem sopa, em vez de pratos fundos. Preferem pratos de folhas ou esmaltados. Canequinhas substituem as chécaras

Em algumas casas ainda se vêm “hachi” ou pausinhos em substituição ao garfo.

As ferramentas e máquinas não se diferenciam das usuais. Algumas ferramentas apresentam particularidades. Os serrótes, por exemplo, parecem facões dentados, tanto os pequenos como os grandes. Serram só no retorno da lâmina.

Das bebidas alcoólicas, a mais usada é a aguardente. Quasi todo chefe de família é viciado nessa bebida. Há alguns que tomam de uma a duas garrafas por dia. O “saké”, por ser mais caro, é usado só em dias de festa, bem como a cerveja. Nessas ocasiões bebem muito e manifestam a sua alegria cantando e marcando o ritmo com palmas.

O “shotshu” é pouco usado, sendo fabricado em domicílio.

O colono japonês geralmente é senhor de várias habilidades. De tudo sabem um pouco.

E' agricultor, porém em caso de necessidade, torna-se marceneiro, pedreiro, construtor, barbeiro. Suas atividades secundárias são boas, às vezes perfeitas. Como agricultor mostra-se conhecedor do assunto. Vindo do Japão com bom conhecimento das diversas culturas, recebe orientação aqui, em jornais e reuniões com tal fim. São, por assim dizer, os desbravadores de nossos sertões. Estabelecem-se de 5 a 10 anos em uma região. Esgotadas as reservas produtivas da terra, avançam novamente. Novas derrubadas são feitas: novos sítios, vilas ou cidades aparecem. Este modo de proceder, conquanto produza grande desenvolvimento econômico no lugar (zonas novas) acarretam prejuizos futuros, devido ao seu método de exploração da terra.

Como há muita por preço relativamente baixo, exploram e estragam as terras em que se acham. Desde que os lucros não lhes sejam compensadores mudam-se para novas regiões.

Seus sítios geralmente são vendidos a brasileiros (nortistas) ou a outros colonos, por preços ao alcance.

As culturas prediletas são as do algodão e arroz. Nos dois ou três primeiros anos depois da derrubada, a terra é muito

fertil, produzindo muito arroz. A plantação é feita em grande escala. Sobretudo no primeiro ano, só fazem esta plantação, um pouco de milho e feijão.

O algodão não daria resultado: desenvolve-se muito e as maçãs não se abrem.

Depois de ceifado, o arroz é amontoado na roça, aí permanecendo durante muito tempo.

Os montes são muito bem feitos de modo que as intempéries em nada os prejudicam. Só será batido quando as outras culturas permitirem uma folga.

No plantio de algodão e cereais usam semeadeiras de mão. O preparo do terreno consiste em limpá-lo do melhor modo possível. Os galhos, tôcos, tôras são amontoados e queimados. Todo ano procedem do mesmo modo. Os terrenos aos poucos ficam completamente limpos. Tudo é reduzido a cinzas. Se um tóco grosso ou tóra ainda existe no terreno colocam-lhe algumas brasas tiradas do amontoado de paus em combustão e esse tóco ou tóra ficará queimando lentamente, às vezes, durante vários dias, sem chama, desprendendo muita fumaça. Vários alqueires de novas derrubadas são queimados de uma única vez. Nas zonas novas, há um fumaceiro na atmosfera que faz arder os olhos e dura de um a dois meses.

A terra depois de arrancado o algodão do ano anterior, é arada uma ou duas vezes, antes da nova plantação.

A roça do colono japonês é bem cuidada, bem limpa. As pragas são constantemente extintas.

Impõe-se ao olhar, distinguindo-se à simples inspecção das roças de outros sítiantes. A desvantagem consiste em não se preocuparem com o futuro das terras. Esse desejo de tudo incinerar queimando as terras, prepara as regiões estereis do futuro. O reflorestamento talvez ainda venha a minorar tais conseqüências.

Os colonos japoneses parecem não mostrar grande entusiasmo pela cultura do café. Acham-na monótona.

A cultura do algodão é mais dinâmica. Preferem a monocultura. Às vezes grandes sítios japoneses só apresentam algodão. Raramente plantam feijão ou milho. As estatísticas agrícolas revelam este descanso pela policultura. Não gostam de criação de animais. Nos sítios há poucos porcos e galinhas. Às vezes não possuem porcos nem para o gado. O gado vacum raramente é criado. Têm-lhes grande medo por causa dos chifres.

Quando há mercado facil, criam bichos de seda.

Mostram nessa cultura conhecimento e habilidade.

Quando se dedicam à apicultura, fazem-no de modo racional”.

CULTURA NÃO MATERIAL

“A língua japonesa apresenta particularidades que muito dificultam o aprendizado do português.

A pronúncia, a existência de sons inexistentes em nossa língua encaixados nas palavras portuguesas, a construção inversa das frases, ausência de gênero feminino e masculino etc., originam um português errado e cômico. Trocam o *b* pelo *v*, o *l* pelo *r* ou vice-versa, o *tu* pelo *tsu*, o *gra*, *bra*, *vra*, pelo *gura*, *bura*, *vura* etc.

O português, porém, aos poucos vai sendo aprendido. Os moços e crianças conversam com brasileiros, ora mais, ora menos desembaraçadamente. O papel da escola primária é de caráter decisivo. Os adultos pouco sabem, além de um vocabulário restrito. Os pensamentos são expressos mais por gestos que por palavras. Em lugares de densa população japonesa, onde o convívio com brasileiro é restrito, e onde não há escola, crianças, moços e adultos nada sabem, além do bom dia, boa tarde ou cousa que o valha.

Gostam de aprender o português. Compram dicionários e livros. Pedem aos moços e ao professor que lhes dê aulas particulares noturnas. A língua vai se impondo muito lentamente e tudo leva a crer que decorridas várias gerações, se imporá definitivamente. A nacionalização da imprensa em vigor já este mês, é o passo firme para essa importante imposição.

A língua usada em casa é o japonês. Uma frase ou palavras em português sempre são ouvidas. A dificuldade está em que duas ou três pessoas falam pouco o português e o restante pouco entende. Mesmo que todos o entendam, preferem o japonês, por causa da dificuldade de construções de frases portuguesas.

A criança acostuma-se a usar o japonês em casa.

Em casa recebem instrução japonesa, ministrada pelos pais. Aprendem a escrever o japonês, cousas e hábitos referentes ao Japão. Acabou-se a escola japonesa e o lar a substitue.

Uma literatura infantil, de assuntos patrióticos, garantindo boa dose de sentimento de dever e civismo referentes ao Japão, entravam o esforço da escola primária.

O mesmo sucede com os moços: entregam-se a leitura de livros japoneses, transportando-se ao menos espiritualmente para o Japão, cada vez se entusiasmando menos pelas coisas

do Brasil. E' revoltante verem-se moços filhos de japoneses, nascidos no Brasil, dizerem que são japoneses, importando o sangue e não o lugar do nascimento.

A nacionalização impôr-se-á; será, porém, tarefa longa e árdua nas zonas rurais.

Nas cidades, a assimilação é mais rápida. Não há esse apêgo às coisas do Japão. Forçados pela necessidade de convivência, crianças e moços já se expressam em português e aceitam de boa vontade nossos costumes.

Quanto às festas e cerimônias por ocasião de nascimentos, casamentos e mortes, nelas notam-se singularidades assás interessantes.

O nascimento de uma criança é sempre motivo de alegria na família. A mulher recebe visitas de seus conhecidos. Estes levam-lhe panos, roupinhas ou outros presentes. Quando não levam tais objetos oferecem um envelope com certa quantia de 10 a 50 cruzeiros. Depois do restabelecimento, a dona da casa oferece uma festa, com farta mesa de salgados, doces, *sakes* e cerveja. Algumas já têm o costume de batisar a criança.

No casamento é interessante observar a escolha da noiva. Manifestado o desejo dos pais que o filho se case com certa moça, se esta não é moradora do lugar, o rapaz vai uma vez conhecê-la.

Se ela o satisfaz, volta e comunica suas impressões aos pais. Irão então, combinar com os pais da moça, o futuro enlace. Este não fica definitivamente estabelecido na primeira visita.

São necessárias duas ou três. Uma vez combinado, há uma festa na casa da noiva, a ela comparecendo o rapaz, o pai, tios e duas ou três testemunhas, levando ovos, galinhas etc., como presentes para a festa.

Se o enlace está marcado para data muito afastada, a noiva virá com os presentes à casa do noivo, onde lhes será oferecida uma festa. Quando são moradores do mesmo lugar, e havendo já namoro entre os dois, o rapaz não manifesta diretamente suas intenções ao pai.

Sentir-se-ia vexado com isso. Encarrega um conhecido dessa missão. Os pais combinarão com a família da moça o casamento. No casamento há grandes festas. Uma semana antes já se notam os trabalhos de preparação. Os vizinhos todos cooperam neste serviço. A festa dura dois ou mais dias. Há grande número de convidados. Cada um faz sua oferta em dinheiro dentro de um envelope fechado, ou dá presentes de utilidade ao novo casal.

A noiva, principalmente sendo rica, vem com seus parentes em um caminhão com vários presentes: guarda-louça, guarda-roupa, bacias, panelas, objetos de cozinha. São ofertas de seus pais ao novo casal.

Só depois de terminados os festejos é que se dirigem ao cartório com as testemunhas para o ato civil.

O enterro é uma cerimônia interessante.

Na fazenda Aliança, em Valparaíso, tive a oportunidade de presenciar um desde o início.

Um vizinho meu morreu na Santa Casa de Araçatuba, sendo trazido para o bairro, durante a noite. As sete horas da manhã, notei pronunciado movimento na casa. Já se haviam reunido muitas pessoas. Avisado do ocorrido, dirigi-me para a casa. O cadáver estava ainda na cama e coberto com lençol. Ao lado havia uma bandeja com laranjas, bananas e maçãs. Os parentes mostravam-se tristes, mas não choravam. Várias mulheres trabalhavam na cozinha, fazendo doces e comidas. Já se viam em cima da mesa, garrafas de *saké*, cerveja e aguardente.

A alimentação dos visitantes é fornecida pela família do morto. À tarde construíram um barracão na frente da casa, tendo na frente, uma espécie de altar. O cadáver foi colocado em um caixão diferente dos usuais e tendo na parte superior uma espécie de panelinha, coincidindo com a cabeça do cadáver. Às 6 horas o caixão foi trazido para o barracão e colocado na espécie de altar. Os homens logo se aglomeraram no barracão. As mulheres presenciavam a cerimônia ao lado. Um ministro protestante (de uma seita denominada Holines) leu trechos de um livro e entoou vários cantos com os assistentes. A cerimônia foi longa. Terminada, a mulher e filhos do morto apresentaram-lhes as despedidas.

Para isso só foi aberta a espécie de janelinha do caixão.

Puzeram o caixão num caminhão e dirigiram-se todos para uma casa ao lado, onde foi servido um banquete. Terminado este, foram enterrar o cadáver.

Uma semana depois do enterro ainda havia na casa do morto vela acêsa. Diariamente, durante muito tempo, a viuva ia ao cemitério, o qual era localizado na fazenda mesmo, levando flores, comida, doces ou frutas para serem depositados na sepultura.

Nos cemitérios japoneses são colocados doces nos túmulos, principalmente *manjú*, frutas, *sake* etc.: alimentos de predileção da pessoa que morreu.

Vários enterros havidos nessa fazenda, seguiram mais ou menos o mesmo curso. A cerimônia no barracão, parece ser, entretanto peculiar aos "holinistas".

Os aniversários de morte são festejados pelo filho mais velho. Os outros irmãos também costumam ajudar.

As comemorações não são feitas todos os anos, mas no 1.º, 3.º, 7.º, 13.º, 17.º, 25.º e 50.º anos, e sempre pelo irmão mais velho. Desse modo as duas últimas comemorações são raras.

Mostram-se todos alegres e há um banquete com pratos variados, muitos doces e bebidas.

Presenciei uma dessas festas. Nestes banquetes, bem como nos de enterro, não podem ser usadas carnes, mesmo de peixes, nem banha de porco ou outro animal.

Os colônos japoneses gostam muito de festas, as quais se resumem em jogos e competições esportivas, cinemas, teatro, comemoração de casamento ou nascimento, aniversários, recepções de pessoas ilustres, etc.

As competições esportivas são muito apreciadas, consistindo em base-ball, lutas livres, "bendo" (espécie de duelo, consistindo em dar pauladas), corridas variadas e às vezes, humorísticas, nas quais tomam parte crianças, moços e adultos; dansas clássicas pelas moças, etc..

São realizadas entre várias secções de um mesmo núcleo. Em dias de competições ou só há base-ball, ou lutas livres, ou corridas.

As competições em corridas são muito animadas.

A assistência é sempre numerosa, comparecendo a quasi totalidade dos colonos da região.

São armadas barracas ao redor de todo o campo; nelas se instalam as famílias. Trazem muita comida e doces. As moças preparam chá ou chocolate para oferecer às visitas. Costumam também cozinhar muito arroz para os assistentes, sendo carregado na forma de bolas em baciões, servindo-se as pessoas à vontade.

Os dirigentes oferecem cerveja, *saké*, doces aos visitantes mais importantes e aos brasileiros de maior destaque na região. As competições são de longa duração, iniciando-se de manhã e só acabando à tarde. Nem sempre termina aí a festa. À noite costumam apresentar uma sessão cinematográfica ou teatro. Os artistas são pessoas do núcleo, com vestuário japonês. Apresentam números variados: comédias, dramas, bailados, situações da vida comum etc.

Há sempre um salão apropriado para tais festas, sentando-se as pessoas no chão. Durante as representações comem doces, amendoim, chupam balas ou laranjas, etc..

As sessões cinematográficas são feitas também em barracões apropriados, no prédio da escola ou em espaços cercados com lonas ao ar livre. A assistência dispõe-se e procede do mesmo modo que nos teatros. As fitas são japonesas, só passando complemento nacional. Um *speaker* vai explicando à assistência o assunto da fita, durante a sua projeção. O dia predileto para tais festas é 29 de Abril, aniversário do Imperador do Japão. Lutam às vezes com grandes dificuldades para obter o alvará e se aborrecem muito por não poderem apresentar as crianças nas competições. Costumam transferir a comemoração desta data para o dia de feriado nacional, o 7 de Setembro, por exemplo.

Os moços demonstram grande interesse pelo base-ball, treinando-o todos os domingos.

São disputados campeonatos com núcleos vizinhos. Há disputa do campeonato de toda uma região, em uma das cidades dessa região.

Nas comemorações de casamento, nascimento ou recepções, há sempre farta mesa onde se misturam salgados com doces, *sakes*, cerveja etc.

Nessas festas os convidados contribuem para as despesas oferecendo envelopes com dinheiro.

Uma recepção típica entre eles é o "sukiyaki", espécie de ceia de confraternização.

A palavra parece significar tempêro a gosto de cada um. Usam-no para homenagem a um visitante ilustre ou em caso de despedida de algum membro importante do núcleo.

E' cerimônia pouco comum, só existindo em núcleo ou cidades. Parece pertencer às pessoas mais cultas.

Para ela são convidadas as pessoas mais chegadas ao homenageado e, às vezes, brasileiros de destaque no lugar. Não há muitos convidados. Na mesa são colocados dois ou três fogareiros, com as respectivas panelas. O arroz, o macarrão, já cosidos previamente sem tempero, são trazidos assim para a mesa.

Carne, peixes, frangos, verduras, são trazidos crus. Os convidados preparam, fritam ou cozinham *tudo a seu gosto*. Aos brasileiros é concedida a liberdade de prepararem os alimentos com fogareiros separados e à sua maneira.

Cada um se servirá, havendo uma espécie de tijela em substituição aos pratos. E' obrigatório o uso de "hachi" ou pausinhos. Com eles comem e tiram os alimentos da panelinha, constituindo isso grave falta de higiene. O *sake* é servido em recipientes próprios, parecendo pequenas chécaras sem asas.

A religião entre eles varia muito. Há católicos, protestantes de várias seitas e budistas.

O catolicismo é muito restrito. Poucos o professam. Em Valparaíso, na fazenda Aliança, um dos maiores núcleos japoneses, havia duas igrejas católicas, onde diversas vezes no ano, aparecia um padre, para rezar missas, fazer batizados e pregações. Poucos japoneses compareciam. Em combinação com os professores, ensinava catecismo às crianças em geral, não havendo protesto dos pais contra isso. Eram de opinião que o catolicismo é boa religião, pois ensina a virtude e o bem.

Ensino e pregações eram todos feitos em japonês. Os padres que percorrem esses núcleos falam essa língua desembaraçadamente. Havia nessa fazenda muitas famílias protestantes holinistas, existindo uma igreja dessa seita na fazenda.

O ministro morava ao lado, não cuidando de outra coisa. Era remunerado pelos fieis.

A maior parte dos colonos japoneses, entretanto, é budista.

No núcleo em que trabalho atualmente, são quasi todos budistas.

Há pessoas especializadas no ritual dessa religião. São ministros que vindos do Japão, se destinam a esse afazer no Brasil. Na falta deles, uma pessoa conhecedora do assunto poderá substituí-lo. Raramente se reúnem em uma casa para cultivar o deus Buda (2 ou 3 vezes ao ano). Dizem, quando tal sucede, que vai haver "missa" em casa de Fulano de Tal.

Nas casas dos budistas há um santuário de madeira, em estilo oriental, fixado numa parede.

Tem no interior a imagem de Buda. Costumam manter um vasinho ou mesmo um vidrinho com folhas verdes ou flores. Dizem que é uma oferta que fazem a Buda, para lhes garantir prosperidade e saúde.

Nessas casas, geralmente também são encontrados dois bustos de velhos gordos e sorridentes que dizem ser "santos".

Denominam-se "ebissu" e "daykoko", e são mensageiros de sorte e felicidade.

Crêm em superstições e feitiços. Julgam possível ser a alma dos mortos capaz de perseguir os vivos. Alguns manifestam grande medo por ocasiões de morte de vizinhos, como tive ocasião de presenciar. Crêm em assombrações semelhantes ao nosso lobis-homem. Julgam que o ente humano pode-se transformar em outros animais, em pedaços de pau ou pedra, etc..

Uma japonesa afirmou-me categoricamente ter visto uma raposa transformar-se em homem.

Admitem também a existência de pessoas azarentas.

Alguns rendem culto à memória dos mortos. Há famílias que durante muito tempo depois da morte de um dos seus membros, oferecem-lhe dádivas, pratinhos com comidas reno-

vada diariamente, frutas, doces, etc., colocados em lugar apropriado.

No bairro em que leciono atualmente, há um monumento em memória das pessoas mortas desde a fundação da colônia.

Quando aparece um ministro budista, desenvolve certo culto perante esse monumento.

O maior fator do progresso das zonas de colonização japonesa reside na congregação das famílias em sociedades ou cooperativas agrícolas.

Basta que em um lugar existam 20 ou 30 famílias japonesas para que organizem sua sociedade elegendo um chefe e demais membros de uma diretoria: sub-chefe, encarregado da escola, dos negócios da sociedade, do conserto de caminhos, da aplicação de injeções e vacinas, tesoureiro, etc..

Dessas sociedades diminutas, às grandes cooperativas agrícolas, ultrapassando às vezes 1.000 famílias, há de toda sorte de organizações, de constituição mais ou menos idêntica.

Nas pequenas sociedades há uma vida mais íntima, e um élo de maior amizade coordena os esforços em melhor ritmo. Há um auxílio mútuo e cooperação entre eles, que desde logo patenteia o valor de tal método.

Se um necessita construir uma casa, todos vão ajudá-lo, ficando a construção pronta, como por milagre.

Uma doença, um desastre qualquer, lançam uma família em sérias dificuldades perante sua lavoura: lá estarão todos cooperando com ela para minorar os efeitos desastrosos.

O chefe é muito acatado. Nada se fará sem o seu consentimento. Qualquer coisa que se tenha a combinar com a sociedade, motivará uma reunião dos congregados, onde serão discutidos os prós e os contras.

Frequentemente se reúnem para tratar de um assunto de interesse geral, ora para comemorar um acontecimento do Japão, ora para ouvirem um orientador de assuntos agrícolas, etc..

Os moços e moças organizam também, separadamente, suas sociedades, elegendo uma diretoria.

Os chefes também gozam de muito prestígio.

Há as grandes cooperativas agrícolas, que seriam antes reunião de pequenas sociedades sob uma diretoria geral. Nesse caso a organização adquire caráter mais decisivo. Os sócios gozam de maiores regalias, facilitadas pelo grande número de associados. A fazenda divide-se em várias secções, havendo em cada uma um chefe ou sub-chefe e encarregados da escola, do que se refere a cereais, algodão, café, criação de bicho de seda, eletricidade, vacina e preventivos para os colônos, consertos de estradas, etc..

Para tratar dos negócios da cooperativa há um japonês conhecendo regularmente o português e alguma lei atinente a agricultura e comércio.

Nessas grandes cooperativas são encontrados japoneses de bom preparo intelectual, conhecendo não raro 3 ou 4 línguas e formados em universidades do Japão. Conheci alguns nessas condições. Um capacitado a desenvolver ocupações intelectuais, sabendo falar vários idiomas, disse-me que preferia viver em contato com a natureza. Possuía enorme album com belezas naturais do Brasil.

A fazenda Aliança em Valparaíso oferece um exemplo do progresso que essa organização proporciona. O associado lá tem uma série de vantagens e tende naturalmente a se animar e progredir.

Há na fazenda várias máquinas de benefício de algodão, arroz e café. A cooperativa procura reverter os lucros em benefício de seus cooperadores e no progresso da cooperativa. Algodão, café e cereais são comprados por melhores preços aos cooperados e beneficiados na fazenda.

Tais produtos são então negociados no alto comércio. Não raro o algodão é vendido diretamente aos mercados japoneses. Inúmeros armazéns da cooperativa, isentos de impostos, conforme legislação atual, fazem-lhes fornecimentos vantajosos.

Há um núcleo por conta da cooperativa, a serviço dos associados. Estas cooperativas são, por certo, fator de progresso para o Brasil. Realizam aí, por vezes, obras de grande envergadura. Há, por exemplo, o saneamento da região de Pereira Barreto pela cooperativa Tieté, bem como a construção da ponte sobre o rio Tieté ao lado dessa cidade, produtos em grande parte, do esforço dessa cooperativa.

Os japoneses são esforçados trabalhadores. Todos trabalham, homens, mulheres, moços e crianças.

Estas últimas, voltando da escola, vão para a roça.

Domingos e dias santos não são respeitados. Já agora, devido a coação dos brasileiros, vão deixando este hábito de não guardar ao menos os domingos.

Em tempo de colheita de algodão, havendo muito aperto, vêem-se japoneses fazendo a colheita mesmo à noite, ao luar. São muito cuidadosos com suas lavouras, sempre limpas e bem cuidadas.

Quasi todos possuem sua horta. Tal esmero em tudo, não se nota entre os outros colonos.

A organização familiar do colono japonês é diferente da nossa. Há sempre maior autoridade paterna, mais respeito e maior acatamento dessa autoridade. Quando se casa o filho

mais velho este fica com as responsabilidades da casa, do trabalho e da educação dos irmãos.

Todos os assuntos deverão ser tratados com ele desde então.

O pai não resolve nada sem primeiro entrar em acordo com o filho. Todos os irmãos trabalham com o mano mais velho e sem remuneração. Em compensação, quando se casam, recebem uma porcentagem sobre o total dos bens. As irmãs, entretanto, não participam desta partilha.

Tudo isto é aceito naturalmente, não havendo protestos em contrário. O filho mais velho é obrigado a tratar dos pais e não foge a este dever.

Fato interessante, verificado várias vezes no lar japonês, é que a mulher fica responsável pelo dinheiro, quasi sempre guardado em casa. O marido, necessitando de certa quantia, pede-a à sua mulher.

Os casos de rebeldia contra a autoridade paterna, são raros.

Há, em geral, grande obediência. Parece haver forte coação dos membros dos núcleos sobre os promotores de tais rebeldias. Há casos em que o filho casando-se com certa moça e o pai não a tolerando em casa, manda-a embora. O filho deverá escolher entre o ficar em casa e o acompanhá-la, preferindo quasi sempre o último caso.

Os casos de rebeldia são mais frequentes no caso de segundo casamento do pai ou da mãe.

Parece não se darem muito bem com as madrastas ou padrastos. Vários abandonaram a casa.

Presenciei um destes casos. Uma senhora, viuva e mãe de vários filhos, inclusive um moço, casou-se com um senhor pai de uma moça. Já eram nascidos dois filhos dessa nova união, quando pretenderam fazer o casamento do rapaz com a moça, filha do japonês. Houve várias discórdias. Após uma das mais violentas, a mulher foge com seus filhos e o rapaz, deixando os dois filhos do segundo casamento.

O japonês empreendeu grandes esforços para localizá-los. Conseguiu, graças a mediação de patrícios, fazê-los voltar. O rapaz, mesmo a contragosto, casou-se com a filha do padrasto.

Um outro rapaz, filho mais velho, suportava as crueldades do padrasto para se ver livre da coação dos membros do núcleo, conforme me confessou.

As separações, conquanto raras, existem. Um indivíduo casando-se e não tolerando a mulher depois do casamento, manda-a de volta aos pais. Estes a recebem bem, pois acham natural isso e que não é obrigação tolerar-se uma pessoa de quem não se goste. Se houver filhos, estes, de ambos os sexos,

ficarão com o pai. Há separação também devido ao fato de ser estéril a mulher.

O costume de se casarem no civil, que aos poucos vai se impondo, dificulta as separações.

Os casamentos mistos realizam-se às vezes, mas são casos pouco comuns. São mais frequentes nas cidades.

Na zona rural, principalmente, há grande pressão contra tais uniões. Os brasileiros existentes nessas zonas de colonização japonesa, são, em geral, nortistas.

Os japoneses não vêem com bons olhos esses homens amorenados ou mesmo escuros.

Desde que descobrem certa tendência de uma moça por um destes trabalhadores, procuram afastá-lo do lugar. É a tática mais usada. Opõem obstáculos. Alguns conseguem fugir e casar. O casal, entretanto, não terá acatamento entre eles.

Uma japonesa, filha de hoteleiro, apaixonou-se por um padeiro, rapaz nortista, simpático e trabalhador. Diante da oposição da família, fugiu com ele e casaram-se.

O pai usou de todos os recursos para anular o casamento. Estes esforços ainda persistem depois do nascimento do primeiro filho.

A moça retirou-se do convívio dos japoneses.

Nas cidades, se há coação, parece não ser de tal intensidade. As uniões são mais frequentes entre japoneses e brasileiras, do que entre japonesas e brasileiros.

O grande obstáculo para tais uniões é, por certo, a enorme divergência de costumes e modos de sentir.

Os produtos híbridos são simpáticos, feições de raça branca com olhos oblíquos.

Em se tratando de vida familiar, são curiosos os casos de infidelidade conjugal. O japonês diante de tais casos não apresenta reações violentas que o caso suscitar.

Há casos de passividade absoluta. Por exemplo, um colono, descobrindo a infidelidade da esposa, espancou-a expondo-lhe o comportamento e censurando-a por ter assim procedido com um "amigo" dele. Em casos de defloramento, dificilmente procuram a justiça pública. Ou são de passividade revoltante ou procuram fazer justiça pelas próprias mãos.

Este modo de se fazer justiça, ou castigar o culpado, existe em núcleos de população japonesa quasi integral.

Os brasileiros se resumem em alguns camaradas ou peões.

A um sinal convencional, reúnem-se os associados de uma "vaca" (assim denominada tal aglomeração) e assim procuram pegar o culpado. Frequentes são os crimes cometidos.

Assistí à formação de uma dessas “vacas”, cujo fim era castigar um nortista que abrija a cabeça de um japonês. Fugiu a tempo, porém.

O colôno japonês tem receio de recorrer à justiça pública. A cadeia inspira-lhes grande temor.

Mesmo os mais seguros realizam grandes gastos, se preciso, para evitá-la ou dela sair.

Disse-me um que a justiça nunca dá razão a eles, mesmo que esteja com eles.

São pessimistas neste ponto. Preferem ter prejuízos em seus contratos agrícolas do que entrarem em demandas judiciais.

A preocupação constante é estarem quites com o que lhes exige o governo e viverem sossegados.

Do ponto de vista educacional, os japoneses merecem elogios. Manifestam grande interesse pelo ensino. Constroem eles mesmos o prédio escolar, oferecendo-o para instalação da escola.

Esta possui quasi sempre, um ou mais alqueires para a plantação, esportes, etc.. Em todo o núcleo há um encarregado da escola para zelar pelos seus pertences, sua limpeza e interesses.

Há pequenos núcleos cuja finalidade primordial é o ensino.

As crianças são esforçadas, atenciosas e assíduas. Andam às vezes, 4 ou 5 quilômetros para irem à escola. O interesse dos japoneses pelo ensino revela-se sobretudo no esforço que fazem para acomodar o professor no núcleo. Há sempre, ao lado da escola, uma casa para residência do professor. Não havendo pensão adequada, costumam pagar cosinheiro para o professor.

Há certa rivalidade entre japoneses e camaradas ou peões brasileiros. Os japoneses tratam os camaradas com pouco caso. Lembram frequentemente entre si a situação inferior deles, do ponto de vista econômico (conclue-se pelo modo de conversar). Os camaradas por sua vez, em suas conversas, menosprezam os japoneses. Vários qualificativos são usados: “bodes”, “japas”, etc... Enfim não há entre o patrão japonês e o trabalhador brasileiro a compreensão necessária e harmonia salutar ao bom desenvolvimento do trabalho.

Tal modo de proceder existente entre japoneses e brasileiros será um dos maiores entraves à obra de nacionalização empreendida pelo nosso governo. Quanto à nacionalização há ainda a atitude dos colônos em face dessas medidas. Admiram o Dr. Getúlio Vargas como administrador e principalmente

como protetor da lavoura. São-lhe gratos por isso. Entendem, porém, que as medidas de nacionalização são tomadas apenas por causa deles e que o governo os persegue. Parecem não compreender ou não o querem, que tudo reverterá em benefício das gerações futuras.

Sentem-se aborrecidos por não poderem manter a escola japonesa, realizar livremente suas festas, principalmente com a participação das crianças, suas reuniões, etc.. Procuram, entretanto, fazer tudo conforme lhes determinar a lei. A recente nacionalização da imprensa, uma das medidas mais transcendentes dessa obra de nacionalização, foi-lhes um dos passos mais acabrunhantes.

Gostam de ler o jornal e não poderão mais ter esse prazer, sem grandes dificuldades.

Seus filhos mesmo pouco entenderão. Todos sabem ler, mas o vocabulário é por demais restrito para a compreensão. Na expressão deles, deverão agora viver como “bichos”.

A medida aliás, foi oportuna e bastante acertada. Suscitará maior interesse pela nossa língua. O sacrifício atual valerá pelos resultados futuros. Finalizando estas ponderações, em síntese seguem-se alguns traços psicológicos do colono japonês, vistos imparcialmente.

E' primeiramente trabalhador. Compreende a dificuldade de vida em sua terra natal e é reconhecido à prodigalidade do nosso solo. E' geralmente honesto e bom subalterno. Procura saldar suas dívidas com presteza e é reconhecido. E' muito paciente e calmo. Não gosta de briga e suporta humilhações para evitá-la. E' patriota, ama excessivamente a pátria. Manifesta este interesse sentimental em várias situações, conversações, representações teatrais, projeção de filmes japoneses. Conforme a película, há verdadeiras explosões de patriotismo à vista de cenas patrióticas. E' moroso em suas decisões. Um assunto banal é motivo às vezes de duas ou três reuniões dos associados. E' educado e muito cortês. Isto não impede que tenha suas manifestações de brutalidade. Raramente perde a linha neste sentido”.

Na parte referente à cultura ergológica nota-se o uso da cama. As observações sôbre “maus pratos” dos japoneses constituem exemplos de etnocentrismo do pesquisador. Muito importante, no entanto, é a restrição feita aos padrões alimentares nipônicos. Longe de generalizar como outros pesquisadores improvisados, o Prof. Armando de Oliveira Souza observou, ao lado de alimentos japoneses, a aceitação crescente de pratos brasileiros. As observações atinentes ao ca-

samento atestam a liberdade relativa que o filho tem na escolha da noiva. Curiosa é a alusão ao namoro. Seria necessário verificar as tendências ou padrões de comportamento revelados em tais casos. A existência da seita "Holiness" foi verificada também na zona de Registro. Parece tratar-se de imigrantes que já eram protestantes no país de origem. O fato de os pais japoneses não se oporem a que seus filhos frequentem as aulas de catecismo, confirma a observação feita em Registro, bem como a tolerância geral que os japoneses e outros povos orientais revelam em assuntos religiosos. Infelizmente é vaga a referência feita aos ministros budistas vindos do Japão. Na parte dedicada a "superstições" encontramos, pela primeira vez, uma referência a crenças relacionadas com a raposa, fenômeno corriqueiro no Japão rural. Os depoimentos atinentes à cooperação, atestam a existência de *Kumi* em Morro Redondo. Ali, como alhures, conservaram-se também as associações de moços (*seinendan*) e moças (*shojokai*) caracterizando a segregação dos sexos usual na sociedade japonesa.

Interessantes são as observações sobre a autoridade paterna e a do filho mais velho casado. Infelizmente não se pode depreender das informações do prof. Oliveira Souza, se a transferência parcial da autoridade paterna ao filho primogênito se prende à velhice do pai representando uma espécie de sucessão do filho mais velho na autoridade doméstica e nas funções internas e externas do progenitor.

Importante é o material relativo à coerção exercida pela comunidade local, coerção essa que parece ser mais intensa ainda do que a da própria família. O controle exercido pela comunidade, contribue, como tem contribuído alhures, para impedir a miscegenação. (19)

(19) Ouçamos B. H. Chamberlain, sobre o controle exercido pela sociedade japonesa: "Nesse país, o indivíduo é, em grau surpreendente, prisioneiro da família, da comuna, do clan, da cooperativa, da cooperação e, depois de 1868, da pátria, duma pátria mais exigente por ter nascido ontem. É uma pátria-criança, caprichosa e tirânica. O indivíduo é o escravo do "que vai dizer a gente?", dum costume estabelecido, de precedentes, em uma palavra, ele tem de seguir a opinião pública e as idéias coletivas. Quem ousar falar ou agir duma maneira diferente, ofende a lei não escrita e a moral corrente, arrisca-se a ser lançado no ostracismo, posto de quarentena pela comunidade no meio da qual ele tem de viver: expor-se-ia, por um pensamento original ou uma iniciativa fora do vulgar, a ser prejudicado em seus interesses, desqualificado, escarnecido e finalmente vomitado, expulso como um pária". B. H. Chamberlain, *Moeurs et Coutumes du Japon*, Paris, 1931, p. 94.

A moça que se casou com o nortista foi obrigada a “retirar-se do convívio dos japoneses”. As sanções da comunidade parecem ser particularmente incisivas quando se trata de uniões (aliás raríssimas) entre moças japonesas e homens brasileiros.

A ocorrência do divórcio em Morro Redondo confirma observações anteriores. De fato, no Japão a esterilidade da mulher é o motivo mais sério e inquestionável do divórcio. Note-se a sanção infligida à espôsa adúltera. Todavia, também há uma referência à passividade masculina em casos de adultério da espôsa.

Com referência à cultura ergológica transcrevemos a seguinte passagem do questionário respondido por *Henrique Scabelle*, professor no distrito de Primavera, município de Marília (zona da Alta Paulista):

“Quanto à criação de animais de pouco ou nada eles cuidam. Em uma colônia japonesa onde me encontro, há perto de cem famílias, porém, com certeza não existem entre elas mil cabeças de galinhas e tão poucas vacas que, ao todo, somente quatro encontrei. Digo isso afirmativamente uma vez que realizei a última estatística agrícola. Não são zelosos pelos muares, pois que esses animais não chegam a trabalhar duas safras. Castigam esganadamente durante o trabalho os pobres animais”.

O descuido com que são tratados animais de tração foi afirmado também por moradores de Registro sem que nos fosse possível realizar observações diretas a respeito dessa questão. E’ possível que essa falta de zelo ou “crueldade” se prenda à escassez de experiências com gado cavalari e muar no país de origem.

Passamos a reproduzir a descrição de um enterro presenciado pelo professor Scabelle:

“Presenciei também um enterro. Um vizinho da escola adieceu, os seus foram chamar o chefe. O cadáver ficou no leito uns dias, depois do que o puzeram no caixão diante de uma espécie de altar, cheio de bebidas, comida, frutas e duas velas acesas. À noite faziam suas orações, cantavam; porém, nada de tristezas, ninguém chorou, pelo contrário, houve festa e comiam bem, muitos frangos e galinhas foram abatidos. No dia do enterro cada patrício trazia o seu envelope com dinheiro, colocava-o sobre o altar, apanhava um fio de uma espécie de capim, acendia-o, depois apagava, colocando-o num pote de areia. Neste interim, fazia as suas reverências. Tiravam fotografias na saída do corpo e, no cemitério, fizeram suas cerimônias ficando todos de cócoras e juntando as mãos. Um

cantava e os demais faziam silêncio. A seguir foi jogada uma garrafa de pinga de encontro à cruz e na sepultura colocaram frutas. Depois disso dirigiram-se todos a um botequim e lá começaram a beber bastante. Na volta houve em casa do falecido uma farta janta. Todos tomaram parte”.

O ritual desse enterro é budista com oferendas ao defunto e banquete funerário. Quanto ao “capim” parece tratar-se de um engano, pois não são “fios de capim”, mas filetes de incenso que se colocam numa caixa cheia de areia, no *butsudan* ou no próprio túmulo.

O observador afirma nunca ter visto sacerdotes japoneses na zona de Primavera.

As informações que transcrevemos a seguir, confirmam observações feitas em outros distritos. Interessa particularmente a técnica de cura por meio de sangria, descrita no fim do texto:

“Os japoneses mostram notável interesse pela educação dos filhos, tudo fazem pela boa instrução das crianças. Gostam imensamente que os filhos aprendam, porém, não se esquecem de ensinar às crianças o japonês. Cada casa de japonês é uma escola. O professor é uma pessoa à frente de tudo; primeiro êle, depois os demais. Têm grande amor às artes e ofícios.

Sendo o professor casado, tem uma preferência enorme; dizem êles que os casados, além de terem mulheres que ensinam bordado e costura, também são mais estáveis. São unânimes em observar que o ordenado do professor casado é mínimo e procuram auxiliá-lo.

Não são nada higiênicos em casa. São bastante descuidados com o asseio da cozinha. Seus filhos andam muito sujos, mormente no nariz e olhos. Os japoneses tomam o seu banho diário.

Banham-se num latão; a água é muito quente; dizem fazer mal o banho frio. Dificilmente se vê um japonês doente.

Aqui no meu bairro tive ciência de dois casos interessantes; dois dos meus alunos sentiam dores em uma das pernas; seus pais cortaram as veias afim de curá-los; foi feita uma espécie de “sangria”, como se faz em animais”.

A professora *Elinah Franco Escobar* do distrito de Bastos, município de Tupã (zona da Alta Paulista), observa que “rapazes que aprendem o japonês, querem aprender o português. Os que fizeram serviço militar, sentem-se orgulhosos, preferindo sempre o português”.

A mesma professora dá algumas informações sobre festas japonesas:

“Há festas típicas. Apreciei no clube japonês o “jiu-jitsu”, espécie de luta livre, o “kendo” em que lutam com espada de pau, todos encouraçados. Fazem nesses jogos uma algazarra medonha. O triunfador é que grita mais. Há uma festa pública; grande é o palco. Apresentaram papeis com “samurai”, homens antigos do Japão. Quasi sem cabelo, grandes e com espadas. O campo é forrado com capim. Os assistentes sentam-se sobre as pernas, outros de cócoras para assistir ao drama de “samurai”. Começa às 8 e termina às duas ou três horas da manhã. Durante êsse período tomam “sake”, comem doces, frutas e até comida especial”.

Quanto ao “kendo” observado em outras localidades, soubemos que já deixou de ser praticada na zona de Registro. Os últimos jogos de “kendo” parecem ter-se realizado na fazenda de chá “Ribeira”, no município de Iguape. A professora Escobar presenciou uma oração diante do *butsudan*:

“Observei o dono da casa ajoelhar-se diante do “Buda”, tocar um sino, inclinar-se três vezes, abrir os braços, falar muito e depositar arroz com chá aos pés do Santo”.

Completam esta descrição algumas informações sobre magia, o trabalho feminino e a promiscuidade nos dormitórios:

“Aqui só dormem com a cabeça para o nascente. Dizem que quem tira retrato entre duas pessoas morre primeiro. Crêm que os brasileiros, pegando um retrato deles, quando brigam lhes fazem “feitiço”. Por isso não os dão. E trabalham demais, sendo as mulheres verdadeiros motores que descansam só à noite”.

Dormem todos juntos, dizendo não haver maldade nisso”.

O professor *Leite de Moraes*, do bairro de Santa Clara, município de Presidente Venceslau (zona da Alta Sorocabana) apresentou uma série de informações das quais passamos a transcrever os seguintes trechos:

“Em geral, as residências de japoneses não abastados, assemelham-se. Exteriormente nada há a anotar senão um alpendre em todas elas; no entanto, identificam-se às demais habi-

tações de madeira tão comuns em nossos bairros e fazendas e de fácil construção. A mobília dessas casas é simples e pouco cuidada. Nada de desnecessário nota-se nas casas desses colonos. Nas paredes não faltam retratos, sendo estes de pessoas de família, ancestrais, etc., e de figuras de destaque no Japão, como políticos e militares. O retrato do imperador do Japão não falta em casa de nenhum japonês ou descendente deste; havendo por vezes mais de um. Além disto, as paredes são forradas com folhinhas, na maioria de comerciantes japoneses, trazendo estampadas paisagens do Japão ou mesmo pessoas trajadas orientalmente conforme o costume de outrora.

Em muitas casas nota-se o pouco caso dos chefes quanto ao asseio em geral.

O seu vestuário é igual ao comum dos brasileiros. Sua alimentação é bem diferente da nossa. E', por assim dizer, intragável. O arroz sem sal; para compensar, têm conservas salgadíssimas. Não passam sem o alimento vegetal (verduras). Pouca importância dão ao feijão. São ávidos por peixe fresco ou em conserva. Certos pratos japoneses exalam tal aroma que nenhum ocidental é capaz de suportá-los. Pratos extravagantes há em quantidade enorme. Muitos colonos ainda se servem de palitos para tomarem suas refeições, havendo, entretanto, outros que desconhecem o manejo de tais utensílios, servindo-se de talheres. Os instrumentos de lavoura são iguais aos aconselhados ao pequeno lavrador: arado, enxada, carpideira, etc. Pouco se enfeitam.

O supérfluo parece não atrair o amarelo não abastado. Todos eles gostam de bebidas alcoólicas e além do "sake", "chotsu" (deve ser shotshu) muito apreciam a cerveja, chopes, vinho de uva e até mesmo pinga. Tudo pode faltar em casa do japonês, menos a bebida alcoólica. Apreciam muito o café e o chá. O japonês não sabe se alimentar. Come muito e às carreiras, não mastigando o alimento, resultando daí, suponho eu, haver elevado número de japoneses que sofrem do estomago. Comem de tudo.

Conheço dois japoneses que preferem lidar com gado ou tropa, amansar burros bravos e viver no meio de peões, a pegar no cabo da charrua para lavrar o solo. São casos esporádicos esses colonos. Todos os japoneses, salvo essas raríssimas exceções, são péssimos cavaleiros.

Na maioria, os japoneses ou descendentes destes, conhecem o português, embora falem esse idioma com embaraço. Raro é encontrar um japonês que fale o português correto e correntemente.

Os moços diplomados ou não por escolas brasileiras e mesmo os que fizeram serviço militar, não usam o português, a não ser com pessoas que conhecem esta língua. Há em todos os casos mencionados, raras exceções. Os descendentes de japoneses, mesmo não sendo híbridos, falam menos mal o português, que seus pais japoneses que já contam com mais de um decênio no Brasil. A única festa presenciada por mim consistiu em corridas e lutas como “sumo” e “kendo”. Por aí pode-se ver que procuram fazer do Brasil uma continuação (embora de costumes) da terra de seus antepassados. São lutas sumamente japonesas. O espectador não acostumado há de as achar bárbaras.

Os japoneses do meu bairro são na maioria budistas. Não praticam essa religião, pelo menos foi o que observei. Há meses passou por aquí um sacerdote budista. Sei que há japoneses de outras religiões, mas tanto estes como aqueles pouca importância dão à religião. Somente trabalho, dinheiro e educação física, quando têm tempo, interessam-nos.

Tanto a mulher como o homem japonês trabalham na roça, em casa, tinturaria, açougue, etc. Tanto um como outro pega no cabo do arado ou enxada, foice ou machado. Quando moços (até 50 anos), qualquer serviço fazem. Em toda a colônia há um chefe, em geral de mais traquejo e que menos mal fale o português. Estão sempre a par dos preços de produtos que lhes interessam. Ajudam uns aos outros. Conhecem bem o que fazem. Para isso estudam, pois têm em casa bibliotecas (em japonês).

São propensos a tracoma e amarelão mas tratam-se logo. Anualmente um médico examina todos os componentes da colônia. A higiene do vestuário é pouca, mormente em se tratando de crianças.

De fato, em todo núcleo japonês há pessoas mais influentes. Atribuo isso a cultura mais avançada e desembaraço, mesmo porque mais se interessam pelo adiantamento do núcleo e têm menos dificuldade para expressar-se em português”.

As informações do Prof. Leite de Moraes confirmam observações realizadas em outras zonas não sugerindo comentários ou confrontos que não tivessem sido feitos anteriormente, com uma exceção apenas. Trata-se dos dois japoneses que se fizeram tropeiros, mudança extraordinária diante do fato de experiências com gado vacuum e cavalos serem escassas na cultura originária.

O único depoimento pormenorizado sobre uma zona urbana obtivemos da Alta Sorocabana.

Trata-se de informações fornecidas pela professora *Olga Meira Molinari*, diretora interina do Grupo Escolar do distrito de Alvares Machado, município de Presidente Prudente.

Embora seja relativamente fraco o grau de urbanização, a descrição revela influências da urbanização sobre o processo de aculturação. Esse fato nos induziu a transcrever o depoimento na íntegra:

“As casas dos japoneses são iguais às dos brasileiros. Em todas, ou quasi todas, nas paredes, no lugar de honra, se encontram os retratos do rei e da rainha japoneses.

Em algumas, o retrato do Dr. Getúlio Vargas.

Os enfeites são mínimos, pois creio que mais pensam no meio de se enriquecerem.

Quanto ao vestuário, já é raro o japonês que use kimonos. Este é usado somente como roupa de repouso.

A alimentação preferida é o arroz, ovo, verduras e peixe. Como sobremesa comem *manjú* (doce de feijão com açúcar); *yooka* (feitos de feijão), *osuci* (feito de arroz). No chá, alguns também tomam leite ou café bem fraco, comem bolinhos feitos de ovo e farinha, recheados com manjú. O manjú pode ser feito de mandioca; dizem que é mais gostoso.

Os utensílios domésticos são quasi os mesmos que os brasileiros: caçarolas, pratos, tigelas, etc. Não usam talheres para comer arroz e sim dois bastonetes chamados *hashi*.

A sopa é tomada em tigelas (*tiauam*) com colheres. Para comer carne (isto raramente) usam garfo. As facas quasi não são usadas nas refeições.

As ferramentas são as mesmas dos brasileiros.

As roupas de festa são os kimonos, isto só nas festas japonesas. Alguns no entanto os desprezam. Seus enfeites, são: pentes e flores. De joias têm somente anéis.

A bebida alcoólica mais usada é o *sake*. Isto nas festas. Também bebem cerveja. Vinho, poucas vezes. Este é oferecido somente às pessoas ricas.

Não gostam muito de carne, feijão (somente usado para doces), leite, caça.

Na agricultura são muito afeiçoados. Gostam muito de fazer plantações de algodão e batata. Café, pouco. Quanto aos mantimentos plantam arroz, feijão e milho, somente para seu uso. Gostam de criar galinhas, peixes, cachorros e gatos.

Quanto às atividades industriais preferem o comércio. Quando conseguem juntar dinheiro na roça partem para a cidade abrindo ali um negócio de secos e molhados, sorveteria, etc.

São muito econômicos mas não dados a avareza.

São muito corretos no cumprimento do dever. Têm um verdadeiro amor ao Japão, tudo fazendo por ele.

O único animal diferente criado por eles é o peixe que têm em grande variedade.

Quanto à vegetação é o cactus, dos quais são grandes zeladores.

Nas transformações linguísticas, as observações por mim feitas foram as seguintes: trocam o *l* pelo *r* e vice-versa. Alguns o *b* pelo *v*.

Em geral, os que frequentam escolas superiores ou fizeram serviço militar, gostam mais do português.

Nas cerimônias de nascimento, costumam fazer como os brasileiros: visitam a mãe e o filho levando-lhes presentes. Somente em vez de ficarem contentes, tornam-se tristes, pois dizem que começou o sofrimento daquela criança. No primeiro aniversário da criança fazem uma grande festa.

Quanto aos casamentos, são feitos por contrato. O rapaz fala com o pai da noiva (às vezes, ou na maioria das vezes, é a primeira vez que a vê). Alí fazem o contrato. O rapaz leva a moça para a casa de seus pais e aí há uma grande festa. A moça deverá ficar ainda um mês na casa dos pais do rapaz. Depois o casal irá para casa própria.

No caso de morte, o morto deverá receber muitos presentes. Se em vida gostou de leituras, receberá livros; si gostou de doces, se de flores, recebe-las-á, e assim por diante. Tudo é colocado dentro do caixão do morto. As pessoas que vão visitar o defunto são obrigadas a ficar a noite toda guardando-o. Será tido como mal educado quem sair antes. Não podem dormir ficando em palestra, comendo e bebendo. Na morte eles ficam alegres, menos a família do morto. Dizem que morrendo algum japonês, a alma vai para o Japão. Antes de levarem o cadáver para o cemitério ajoelham-se todos e fazem orações a Buda. Na casa do morto deverão ficar 5 ou 6 pessoas e os restantes vão ao cemitério onde não há cerimônia alguma.

O 1.º dia do ano é a festa que mais apreciam. Todos deverão vestir roupas, calçados, tudo novo. Comem muitos doces, bebem e fazem muitas visitas. Em uma das casas se reúnem e fazem uma festa grande. Iniciam a festa cantando o hino nacional japonês. Após, todos começam a brincar. Cada um deve trazer doces ou qualquer merenda.

No dia 29 de abril há a festa do aniversário do governo japonês (do imperador). Nesta há esportes, discursos, portanto comemoram brilhantemente.

Natal, 25 de dezembro. Esta é a festa das crianças. Ganham presentes de Papai Notal (*Kulisumasu*).

Quanto à religião, sendo aqui uma vila, somente tenho a dizer que os pais das crianças não frequentam igrejas.

Alguns já pediram o batismo, sendo atendidos.

Quasi todos trazem os filhos para serem batisados, mas se conservam humildemente afastados, prestando atenção.

Há na vila um padre. São os japoneses aversos ao protestantismo ou outra religião. Os pais em geral são budistas.

As superstições são:

Cortar unha à noite, o pai ou a mãe morre logo;

Jogar cabelo no fogo, fica-se louco;

Crêem em Camissama (Deus), que lhes traz dinheiro.

Todos possuem este ídolo. É um pedaço de madeira pintado ou envernizado. Dizem que Camissama traz dinheiro porque é gordo, portanto vive na fartura. Nas horas de refeições eles fazem orações a Camissama, dão-lhe comida, flores, doces ou mesmo folhas verdes na falta de flores. Antes de comerem ou beberem qualquer coisa põem um pouco em um vasilhinho ou qualquer vasilha pequena e a levam a Camissama. Estes alimentos são trocados diariamente. Só depois desta cerimônia é que tomam as refeições.

Quando morre um japonês cortam-lhe um pedaço de cabelo e as unhas. Fazem um embrulho e mandam para os parentes no Japão.

Buda fica dentro de uma casinha de madeira envernizada e é aí que os moradores da casa guardam o dinheiro, dizendo que Buda não deixa os ladrões roubarem.

O trabalho dos japoneses é comum. O colono japonês é mais preguiçoso. Gosta de repouso após as refeições. As mulheres e as crianças trabalham geralmente nas roças. Não há organizações para o trabalho.

Para dormirem não usam camas nem colchões. Possuem uma grande esteira de taboas. Sobre este põem acolchoados e deitam-se todos tendo cada um seu lugar marcado. Cobrem-se com acolchoados.

Há casos de rebeldia, mas poucos.

Os casos de separação são raros, mas há.

Os filhos são repartidos entre pai e mãe, mas algumas vezes ficam para as mães, pois dizem que o pai é mais forte e não devia brigar. No entanto se é por falsidade de um dos cônjuges, os filhos ficam com o cônjuge fiel.

Os japoneses gostam muito da escola. Têm-na por primeira necessidade. Isto a maioria deles. Alguns no entanto, tratam-na com indiferença, mas nunca com hostilidade. Pre-

ferem às vezes pôr o filho na roça, isto quando as condições financeiras não vão bem.

Gostam muito de festas, onde sempre há abundância de doces, bebidas, etc., e também muita música, esta sempre japonesa.

Divertem-se quando há um aniversário de criança, casamento, nascimento, pois muitos costumam fazer festa na primeira semana de vida da criança. Alguns também fazem festa de mês em mês no primeiro ano da criança.

São raros os desajustamentos sociais. Quando isso acontece são casos muitos sérios, ferindo-se muito.

Mostram com isso que são muito geniosos, bons quando não provocados.

Quanto à higiene não a têm muito. No entanto, não desprezam o banho diário. Em cada vivenda há um enorme banheiro feito de taboas. O fundo é feito de zinco forrado de taboas, afim de não queimarem os pés. Este banheiro tem a forma de um barril, tendo pés. Sob este banheiro eles colocam fogo afim de aquecer a água. Ele é cheio quasi totalmente pois gostam que a água os cubra quasi até o pescoço. Quando a água está bem quente banha-se em primeiro lugar o pai, depois os filhos homens. Em seguida vêm as mulheres e por último as crianças, estas todas juntas. Para entrarem no banheiro, sobem por uma pequena escada. As crianças pequenas banham-se em bacias.

Há falta de higiene nas roupas e nas casas, que são pouco lavadas.

Quanto às doenças, são muito bem cuidadas. As crianças especialmente, merecem deles toda a atenção. Por pequena que seja a doença já conduzem a criança aos cuidados médicos.

Eles apreciam muito a arquitetura, desenho, trabalhos manuais.

Há famílias japonesas que são mais influentes devido à seriedade, à honestidade, portanto à honradez, e algumas vezes por serem mais ricas. Estas podem socorrer os mais pobres.

Para terminar meu relatório, os japoneses são unidíssimos. Por pequena que seja a falta cometida contra eles, logo ficam sabendo. Não se sabe como o boato espalha-se com tanta rapidez entre eles”.

A observação sobre o uso do kimono prende-se, provavelmente, à influência da cidade.

Curiosa é a aceitação da mandioca que se deve ao fato de “melhorar” o paladar do *manjú*. Parece que substituiu o emprego de feijão na confecção desse doce. Também a

“divisão do trabalho” entre pausinhos (*hashi*) e garfo caracteriza uma fase importante do processo de aculturação. O uso do garfo ocidental associa-se ao consumo da carne, ao passo que os *hashi* permanecem associados ao arroz.

As informações sobre casamento são pouco precisas e um tanto improváveis exigindo investigações ulteriores.

A referência ao Natal japonês aponta a existência de um sincretismo, talvez por influência de japoneses cristãos.

A inexistência de camas seria um tanto estranha, pois alhures a cama ocidental praticamente suplantou o *futon* (colchão) japonês. Em Registro, por exemplo, essa substituição é completa.

A professora *Simiramis Dorgam* juntou ao questionário algumas informações sobre o bairro Montalvão, distrito e município de Presidente Prudente (Alta Sorocabana):

“A mobília é bem melhor do que a dos nossos colonos. Os japoneses são sempre amigos da comodidade. Em todas as casas, há máquinas novas de costura, guarda-roupa, camas patentes, mesas e cadeiras. Quanto ao vestuário, os japoneses se adaptam perfeitamente aos nossos costumes. As mulheres já não usam os tradicionais “kimonos”. Durante a semana, usam vestidos caseiros de algodão e roupas de seda para os domingos e festas. Os homens usam igualmente ternos de brim para o trabalho e de casimira durante as festas. As crianças comparecem à escola devidamente uniformizadas.

A alimentação também está se amoldando à nossa. Alguns colônos japoneses já fazem com perfeição alguns pratos brasileiros. A refeição diária consta de arroz quasi insosso, peixe, batatas, ovos e verduras, principalmente nabo e repolho. O leite é usado somente nas casas de colonos que possuem vacas. A carne é empregada apenas aos sábados e domingos.

Os moços que frequentaram escolas brasileiras e que fizeram o serviço militar, já fazem uso do português entre eles, com mais perfeição. Não são refratários à nossa sociedade, e tomam parte nas festas, bailes, etc., demonstrando interesse pelas moças brasileiras.

Criam apenas animais domésticos para o próprio consumo, como galinhas, porcos e cabritos e não são muito dados à caça e à pesca. Para os trabalhos da lavoura, possuem um ou dois animais. São grandes apreciadores das nossas frutas, principalmente laranjas.

Há quasi sempre um pomar próximo à casa do colono japonês. Em algumas casas, nota-se ao redor alguns canteiros com flores e árvores japonesas, como o “*ame*” e “*hianangá*”.

O dia 15 de Julho é dedicado aos mortos. Há, no cemitério japonês; às 10 horas da manhã a missa rezada pelo “*bossan*”, espécie de ministro ou instrutor.

Em seguida, fazem visitas aos túmulos de pessoas da família. Levam corôas, flores, doces, bebidas e presentes que são depositados em cima das sepulturas para os seus mortos. O dia de finados chama-se na língua japonesa “*shokonsai*”. No que diz respeito ao casamento não há namoro ou “*flirt*” por parte dos candidatos. E’ um mero contrato entre os pais dos noivos. As festas de casamento são bastante demoradas e perduram às vezes dois ou três dias. Há apenas o casamento civil. Atualmente, há muitos casos de cerimônias realizadas na igreja católica. Não há grandes festas por ocasião de nascimentos. A criança japonesa quando nasce, já conta um ano de idade. Nascendo, por exemplo, a partir de janeiro ou de qualquer outro mês intermediário, até 30 de novembro, chama-se *ossoumaré* e nascendo de 1.º a 31 de dezembro chama-se *haiaumaré*. Não observei festas tipicamente japonesas na zona. A juventude japonesa dedica-se bastante aos esportes. Há frequentemente jogos esportivos e disputas nos campeonatos de basketball.

Notei falta de higiene nas crianças japonesas. Admito que as crianças não adquirem hábitos sadios, pelo fato de não haver exemplos em sua própria casa. A mulher japonesa é bastante descuidada para com o seu lar, que se acha quasi sempre em completa desordem e transformado em depósito de algodão e cereais. A colônia japonesa tem grande interesse pela escola. Está sempre pronta para todo e qualquer gasto que for necessário. As crianças não sofrem privações de material. A sala de aula tem tudo o que se pode desejar, comprado com o dinheiro da colônia, como relógio de parede, globo, mapas, armários, sólidos geométricos, etc.. Para os alunos que não são matriculados, por não haver vagas, a colônia paga um professor particular. Interessam-se pela assiduidade dos filhos. Submetem as crianças a exame médico, para constatar o estado de saúde das mesmas”.

Merece destaque o consumo de leite e carne. Pela primeira vez encontramos uma referência a espécimens da flora japonesa. Muito importante é a referência ao interesse que alguns rapazes japoneses mostram pelas moças brasileiras. A “missa rezada” pelo “*bossan*” parece ser um ritual

budista. Nos outros questionários não há a menor referência a êsse fato. Esta e outras observações revelam o espírito de observação da professora Dorgam.

Sobre o bairro Corrego do Brejão, distrito de Alvares Machado, município de Presidente Prudente (Alta Sorocabana) ouçamos partes do material informativo apresentado pelo Professor *Sebastião Francisco da Silva*:

“Em algumas casas são substituídas as camas por um estrado de madeira onde dormem todos em comum, tendo cada qual o seu colchão; o mais é idêntico aos nossos moveis, enfeites etc. O vestuário é igual ao nosso; tendo entre eles o nosso roupão o nome de “kimono”; tamancos são comuns e usam uma chinela de banho, feita de taboa denominada “zou”.

A alimentação em uma parte é igual à nossa, na outra é completamente diferente; usam o arroz cozido só nagua para ser comido com verduras fermentadas e outras em forma de conservas. São temperadas com “shoyu” igual ou melhor equivalente para eles ao nosso molho inglês. Não falta na casa japonesa o “musso”, fermentação de arroz e feijão para o fabrico de sopas.

As carnes são ingeridas geralmente cruas, temperadas com “choisú”, mostarda ou gengibre. Dão preferência ao peixe cru do que a qualquer outra coisa. Os utensílios são mais ou menos iguais, notam-se algumas panelas diferentes; os utensílios de taquara também o são; substituem os talheres por dois pausinhos denominados “ashi”, os pratos pelas tigelas e na mesa japonesa não se vêem facas, porque entre eles é proibido usar durante as refeições qualquer instrumento da cozinha. As ferramentas usadas, são na maioria diferentes e fazem o mesmo serviço das nossas com um manejo ao contrário do nosso.

O leite é sempre usado por aqueles que possuem vacas ou cabras ou os que têm facilidade de adquirí-lo comprado; isto é, perto de habitações. Os processos agrícolas são os nossos mas observados na íntegra. Criam os mesmos animais e não faltam na casa de quem quer que seja um ou mais cães bem tratados. As festas constam geralmente de um lauto jantar. No dia do nascimento de uma criança esta já conta com um ano de idade e todos que vão visitá-la levam presentes e o pai fica obrigado a retribuir o presente com uma caixa de doces sortidos, que vai amarrada em laço novo. No casamento, ou melhor na combinação dos pais, há um jantar após a cerimônia que é feita em um quarto da casa, com a presença das fa-

mílias dos noivos, e neste quarto comem qualquer coisa e está feito o casamento. A cerimônia é presidida por uma pessoa de responsabilidade no meio deles. Cada conviva dá um envelope com uma soma qualquer em dinheiro.

Em compensação cada convidado recebe um presente qualquer se o casamento fôr na casa de parentes de ámbos; receberá uma calça ou camisa se o casamento fôr na casa dos pais da noiva e receberá um corte de vestidos se fôr na casa do pai do noivo. A festa tipicamente japonesa é a de finados que é de três dias contados antes e depois do segundo domingo de Junho, incluindo o domingo. Consta esta festa de uma romaria ao cemitério deles; missa em japonês na capela do cemitério. Os romeiros levam flores, corôas e depositam também nos túmulos doces, frutas, comidas e velas acesas. Após a missa distribuem vinho, dão balas. Depois há uma festa.

Em cada casa há um belo oratório "Canidama" com Buda, bem enfeitado e com uma tigela com arroz cozido. Ascendem um tubo cilíndrico fino de côr verde chamado "senkó". Não há sacerdote nem ministros entre eles. Diz a cerimônia um nomeado.

São supersticiosos acreditando no lobishomem, em animais que se transformam em seres humanos; há feiticeiros e curandeiros entre êles. Dizem que o fogão estando com a boca para o lado da porta não se ajunta dinheiro, e outras. Vivem em completa harmonia as famílias japonesas.

Os filhos obedecem cegamente as ordens dos pais; se eles cometem uma falta gravíssima que desgoste seriamente o velho pai, são obrigados a tomarem veneno preparado pelo próprio pai.

Isto no caso de um defloramento caso no qual o pai não queria casamento. Sei que há separações familiares, mas felizmente no bairro em que moro não se deu um caso desses. Os colonos japoneses fazem tudo para ter e conservar a escola no bairro; para tal constroem prédios, remuneram professores, mantêm boa disciplina para ativar a frequência, são rápidos na compra de materiais escolares. Há um verdadeiro interesse pela instrução por parte dos colônos; mantêm uma escola particular bem aparelhada para o quarto ano primário.

A higiene no lar pouco existe, porque a mulher está mais unida ao trabalho da lavoura do que ao lar. A casa é entregue ao menino ou menina que não trabalhe na roça.

São mais respeitadas as pessoas que representam a associação e os mais idosos. O respeito é notado do mais moço ao mais velho seja ele quem for".

Notam-se, neste relatório, referência a certas peças da indumentária japonesa. É a única observação que encontramos sobre o calçado japonês. Estranho é o número de cães de que haveria dois em cada casa. Em outras zonas, por exemplo, o número de cães, animal esse que dificilmente se encontra nas aldeias japonesas, é insignificante.

Parece que ocorreu um engano na parte referente à cerimônia do casamento. Esta consiste principalmente numa troca de brindes. Muito bem apanhada foi a rigorosa observância da lei de reciprocidade extensiva à festa do casamento que oferece ensejo para a troca de presentes.

Note-se que o Professor Sebastião da Silva observou também a “missa rezada” na capela do cemitério. Não sabemos se se trata de uma cerimônia cristã ou budista. Quanto ao *kamidana* ocorreu uma pequena confusão com o *butsudan*. O *kamidana* é um talismã shinto, depositado numa caixinha de madeira. Este é pendurado perto do *tokonoma* (santuário shinto).

Varias informações de valor apresenta a Professora Geny Horta Barbosa do bairro Brejão de Cima, distrito e município de Presidente Prudente (Alta Sorocabana).

Observam-se influências locais sobre a alimentação dos japoneses:

“Algumas famílias já usam pratos nossos ou italianos. Gostam de macarronadas, etc.

Os talheres já são usados por diversas famílias mas há ainda os que substituem o garfo pelo “hashi”. O casamento observado sob o ponto de vista legal não existe. Após o enterro há um lauto banquete pois perdura ainda no japonês menos culto a crença de que o morto resuscitará no Japão. Choram pouco a pessoa morta e não observam luto.

Os japoneses são supersticiosos. Eles crêem que, quando um japonês muda, se deixa um cão que procura casa, o cão deixa-lhe doenças e atrazos financeiros.

Quanto à higiene há muito a desejar. Quanto ao tratamento de moléstias não se descuidam. Há um médico japonês que anualmente visita as colonias procedendo, principalmente entre os escolares, a um minucioso exame. Sendo zona onde há vários casos de tracoma, o médico ministra aos rapazes e moças da Associação dos Moços, aulas para a aprendizagem do tratamento do tracoma. Notei no elemento feminino do bairro uma grande tendência para dansas típicas, e, entre as crianças e mesmo rapazes, o gosto pelo desenho.

Ha casos de separação do casal, ocasionados por várias causas; muito poucas vezes se separam por motivo de honra, pois é bem diferente o conceito que o japonês faz sobre a honra conjugal. Separam-se pelo simples fato da mulher não se dedicar ao trabalho. Quasi sempre, porque a mulher é doente e não pode trabalhar. Em suma, com a mesma facilidade com que se unem, separam-se.

Há grande interêsse dos colonos japoneses para que a escola de seu bairro não desapareça. Para isto, auxiliam o professor na medida do possível; exigem a frequência das crianças, atendem a todos os pedidos do professor (compra de material), etc.

Na escola isolada, em que o curso só vai até o 3.º grau, a colônia paga o professor estadual para que ele mantenha a escola particular para o 4.º grau. O professor é bem remunerado e tem em sua escola todo o material didático necessário”.

Confirmando em linhas gerais os quadros anteriores, os depoimentos pessoais apresentam inúmeros e valiosos pormenores do processo de aculturação em andamento. Não admira que este seja menos vagaroso na esfera ergológica do que nos demais sectores da cultura trazida pelos imigrantes japoneses. Essa diferença de ritmo confirma o que foi muitas vezes constatado em sociedades diferentes.

Na maioria dos depoimentos notam-se algumas observações aparentemente contraditórias que exigem esclarecimentos adicionais. Estranho, por exemplo, pode parecer o contraste entre a falta de asseio e higiene de um lado e o cuidado com que os japoneses tratam das moléstias. A título de hipótese apresentamos aqui alguns elementos que explicariam, se forem comprovados, a falta de higiene corporal observada sobretudo em crianças e a falta de asseio notada nas habitações. Uma das razões principais nos parece residir na adoção da mobília ocidental. A aceitação de objetos estranhos exige também a transferência de padrões de comportamento que se ligam ao uso desses objetos. E' comum a rápida introdução de elementos materiais mas a aceitação de padrões de comportamento correspondentes é mais lenta, havendo muitas vezes um hiato consideravel. E' o que observamos, por exemplo com respeito à cama ocidental, aceita pela maioria dos japoneses.

Estes nem sempre aceitaram, no entanto, os hábitos de asseio que normalmente se ligam ao uso da cama entre ocidentais. O mesmo ocorreu possivelmente com outros mo-

veis e utensílios ocidentais. O contraste é acentuado, pois a casa rural do Japão pouquíssima mobília possui.

No Japão são os velhos inválidos que cuidam da casa e, sobretudo, das crianças menores. Ora, sendo recente a imigração japonesa no Brasil, poucas famílias “dispõem” de pessoas idosas às quais possam confiar esses misteres domésticos e educacionais. Ouvimos que aqui a casa é confiada muitas vezes às próprias crianças e que as mães, exatamente como no Japão rural, se entregam aos trabalhos agrícolas. Aí está, a nosso ver, outra razão suscetível de explicar o estado de “abandono” higiênico da casa e das crianças pequenas. Outro aspecto da aculturação que pode oferecer margem a dúvidas, é o casamento dos japoneses.

Deixando de lado as falhas de observação que provavelmente ocorreram nas informações transcritas, sobretudo quanto ao papel que pais, filhos e intermediários (*nakaudō*) desempenham na realização do contrato, verificamos, pelo confronto dos dados obtidos em áreas diversas, uma grande heterogeneidade de atitudes diante do casamento civil brasileiro.

Em algumas zonas de formação recente, os colonos japoneses parecem restringir-se à cerimônia doméstica tradicional, em outras zonas, alguns casam-se à maneira japonesa, outros em cartório brasileiro. Na área de Registro soubemos que todos se casam civilmente, mas somente depois de se haver verificado a gravidez da mulher.

Elucidando alguns aspectos fundamentais lembramos que o casamento tradicional japonês é uma instituição exclusivamente doméstica. Não há cerimônia civil, nem religiosa, a não ser para os cristãos que naturalmente aceitaram os ritos cristãos.

Há uma espécie de registro civil de casamentos que também aqui se teria feito nos consulados nipônicos, de acordo com informações fornecidas pelo escrivão de paz de Registro.

Outro problema reside na existência do divórcio, instituição tradicional na cultura japonesa. Se casamento e divórcio fossem da alçada do Estado, a aculturação, nessa esfera, seria mais fácil. Todavia, ambas as instituições são domésticas: união e separação dependem de resoluções a serem tomadas pelas famílias participantes. Não se pode esperar que a família esteja disposta a abdicar duas funções de importância básica para a sua própria organização.

A diferença cultural é tão grande que os imigrantes japoneses levam algum tempo para compreender a verdadeira função do casamento civil. Mas compreender o alcance ju-

rídico da cerimônia civil, significa provavelmente o começo de uma oposição cuja razão principal se deve procurar na indissolubilidade do matrimônio no Brasil e na posição jurídica que a mulher ocupa na estrutura da família brasileira. Ambos os fatores estão em contraste flagrante com as concepções tradicionais do Japão. Contrair núpcias sem possibilidade de rescindir o contrato de casamento afigura-se ao japonês médio como risco incomensurável. Dada a finalidade principal do matrimônio, a de criar filhos, o japonês deseja saber, pelo menos, se a mulher é fecunda⁽²⁰⁾. Daí o fato de haver um intervalo de meses entre a realização da cerimônia doméstica e o casamento civil. São meses de prova: se a mulher se sair bem e ficar grávida, o marido pode assumir a responsabilidade de contrair um vínculo indissolúvel. Esta é a fase atingida, por exemplo, na área de Registro.

As duas instituições continuam lado a lado, tendo cada qual uma função distinta. O casamento japonês, preso a representações econômicas e religiosas (culto dos ancestrais), serve para garantir a prosperidade da família e a continuidade das gerações; o casamento civil serve para garantir os direitos da esposa e filhos perante a lei brasileira.

A hesitação diante do casamento civil prende-se também ao "status" jurídico diferente que a lei brasileira concede à esposa.

(20) As "sete razões para o divórcio": (B. H. Chamberlain, *Moeurs et Coutumes du Japon*, Paris, 1931, págs. 184, 185).

I — Um marido se divorcia da sua mulher, se ela desobedece o seu sogro e a sua sogra.

II — Se ela é estéril. A razão deste costume é que as mulheres não são dadas em matrimônio senão para assegurar uma posteridade à família. Mas é preciso conservar uma mulher estéril, se seu coração é virtuoso, sua conduta correta e se ela não mostrar ciúmes; nesse caso adotar-se-á uma criança do mesmo sangue. Um homem não pode justificar a rejeição de uma mulher estéril se ele tem filhos de uma concubina.

III — A luxúria é uma razão de divórcio.

IV — O ciúme é uma razão de divórcio.

V — A lepra ou qualquer doença parecida é uma razão para o divórcio.

VI — Rejeitar-se-á também uma mulher que por suas palavras intempestivas e sua indiscreção irreverente destruir a harmonia que reina entre parentes e perturbar o governo da casa.

VII — Divorciar-se-á de uma mulher que é dada ao furto. Essas "sete razões para o divórcio" foram ensinadas pelo sábio. Uma mulher que foi casada e divorciada sai, por esse próprio fato, da "linha" e se cobre de vergonha, mesmo se ela contrair segunda união com homem rico e honesto.

Percebe-se que esse “status” da mulher é uma arma de dois gumes: de um lado, fere profundamente as concepções patriarcais dos imigrantes; de outro lado, representa uma defesa eficiente dentro da sociedade adotiva, evitando a pecha de ilegitimidade com todas as sanções negativas, seus inconvenientes jurídicos e econômicos, para mulher e filhos.

Não há sombra de dúvida de que estamos diante de um choque cultural genuíno que envolve decisões individuais sérias que em cada caso concreto somente podem ser tomadas depois de conflitos mentais bastante graves.

IV

A MISCEGENAÇÃO

Quanto ao papel social da miscibilidade de japoneses e outros imigrantes, as idéias e opiniões correntes são extraordinariamente confusas. Muitos há que usam indistintamente as palavras “assimilação” e “miscigenação” como se fossem sinônimos. Outros ainda consideram a miscibilidade do imigrante como “índice de assimilação”.

Antes de mais nada é preciso frisar que a miscigenação é um processo *biológico*, ao passo que a aculturação ou assimilação representa um processo *social*. Não há dúvida nenhuma de que a miscigenação exerce influências bem pronunciadas sobre o processo de assimilação.

Mas de modo algum a assimilação depende da miscigenação como muitas vezes se pensa. Onde quer que se tenham estabelecido contactos entre nacionalidades ou raças diferentes, inúmeras famílias assimilaram-se sem que nelas houvesse ocorrido um único casamento misto.

Sabe-se que a assimilação sucede principalmente pelos *contactos primários* a cuja influência o indivíduo se expõe. Sendo a família um dos grupos primários mais importantes em que a maioria dos indivíduos vive integrada, é fácil avaliar os efeitos que os casamentos inter-étnicos podem exercer sobre a assimilação. Todavia, a família não é, em hipótese alguma, o único grupo primário em que se vive. Vizinhança, comunidade local, oficina, escola, clube, etc. representam outros ensejos de se estabelecerem contactos primários, de sorte que a família está longe de possuir o monopólio assimilador que muitos parecem atribuir-lhe.

A miscigenação está condicionada a três fatores cuja distinção não está sendo feita com a necessária nitidez:

- 1 Diferenças raciais,
- 2 Diferenças culturais,
- 3 Diferenças de classe social.



Diferenças raciais: Diferenças somáticas entre indivíduos de raças diferentes podem adquirir um significado social e cultural para os grupos em contacto. É que frequentemente diferenças culturais porventura existentes são postas em relação causal com certas diferenças físicas. Sobretudo no modo de pensar do grupo dominante, uma suposta inferioridade cultural dos representantes de outras raças, tem raízes biológicas: "os outros" são culturalmente inferiores *porque* têm "sangue diferente", sua pele é escura, a estatura menor, lábios e nariz são grossos, os olhos são "obliquos", cor e textura do cabelo diferentes etc. "Os outros" são *biologicamente* incapazes de atingir um grau de desenvolvimento cultural "superior". Por conseguinte, é preciso evitar o "contágio"; a mistura do sangue "superior" com o "inferior". Nessas condições, a miscegenação encontra obstáculos muito sérios.

Veremos mais adiante que parece haver uma aversão recíproca entre brasileiros e japoneses. É muito difícil dizer, no entanto, a que ponto a diferença somática contribue para impedir uma aproximação mais íntima. Processos de pesquisas mais exatos precisariam ser empregados para averiguar a existência de um preconceito racial genuíno.

Diferenças culturais: Estas abrangem todo o imenso campo da língua, da organização econômica e familiar, do credo religioso, dos princípios educacionais, da tecnologia e ergologia, dos grupos em contacto. A resistência à perda de qualquer elemento cultural é um traço não somente "normal" mas até necessário na vida de qualquer sociedade integrada. Pode-se afirmar que a própria maneira de resistir a influências culturais estranhas, os meios de defesa, a sua organização e o grau da sua eficiência fazem parte de qualquer cultura. Grupos, que durante muito tempo estiveram ameaçados de absorção, como certas minorias na Europa ou América, desenvolveram padrões de defesa cultural que os distingue de quaisquer outras sociedades cuja autonomia cultural raramente ou nunca foi ameaçada.

Assim como a resistência a influências estranhas varia de sociedade em sociedade, também as diversas esferas culturais dentro da mesma sociedade se caracterizam pela maneira de manter a própria integridade. Basta lembrar as diferen-

ças que nesse particular existem entre a organização familiar e econômica. Esta é geralmente mais aberta do que aquela às influências exercidas por sociedades diferentes.

De mais a mais, é preciso admitir que, independentemente de ameaças externas, certos padrões de integração institucional encerram maior potência defensiva do que outros. A esta conclusão chega-se quando se compara, por exemplo, a organização da família conjugal com a da patriarcal.

Não ha necessidade de apontar as diferenças culturais em geral entre japoneses e brasileiros, nem tão pouco o grau de integração relativamente alto das instituições trazidas pelos imigrantes nipônicos.

O nosso estudo restringe-se à miscegenação e esta é condicionada sobretudo pela organização da família. Esta tem, no Japão, um cunho acentuadamente patriarcal. O casamento não é assunto individual, mas um arranjo entre famílias que desejam ligar-se mediante a união conjugal de alguns de seus membros. A escolha do cônjuge é iniciativa que parte dos chefes (sempre masculinos) das respectivas famílias. Embora seja comum consultar os filhos, estes não ousariam contrariar a vontade paterna, e muito menos, tomar uma decisão antecipando a iniciativa do pai. Esse padrão de submissão filial atinge rapazes e moças, ligando-se, evidentemente, a certas concepções religiosas. Seria difícil estabelecer uma distinção rígida entre o respeito e amor que o filho deve ao pai e a veneração dos antepassados mais remotos cujos nomes (verdadeiros e póstumos) são registrados nas tabuinhas (*ihai*) guardadas no *butsudan*.

Assim não pode existir, dentro da tradição japonesa, relação amorosa anterior ao casamento. Não há galanteio ou namoro e nas colônias japonesas procurar-se-iam, em vão, casais de namorados no passeio público. O rapaz que tentasse galantear uma moça, tornar-se-ia ridículo. Mesmo o homem casado que dá mostras de amar muito a mulher, é ridicularizado como *sainorogi* (*sai*-esposa, *norogi* estúpido, cego).

Nessas condições, era de esperar-se que o número de casamentos mistos entre os imigrantes nipônicos fosse reduzido. De fato, o inquérito realizado nas escolas públicas de São Paulo, revelou apenas a existência de 17 crianças híbridas, oriundas de matrimônios mistos. Depois do que acabamos de expor não é difícil explicar o número insignificante de casamentos mistos entre japoneses e pessoas de outra origem étnica. A geração nova geralmente não tem papel ativo na escolha do futuro consorte e os pais não escolhem cônjuge que não seja japonês. A autoridade do pai e o res-

peito filial não permitiram até agora uma alteração desse estado de coisas. Em outras palavras: um aumento da miscibilidade dos japoneses *depende, em primeiro lugar, da desintegração da família nipônica no meio brasileiro*. A nossa pesquisa na zona de Registro descobriu certo número de sintomas de desorganização familiar, mas, ao que parecia, esta era apenas incipiente. Fomos informados do casamento de um jovem de uma das famílias mais abastadas da vila, com uma brasileira de família simples. A família do rapaz boicotava o jovem casal que era forçado a viver longe da vila em condições bastante precárias. Embora outros casos de rebeldia de jovens se registrassem, os casamentos mistos continuavam raros. Todavia, diferente é a situação nas cidades maiores do Estado de São Paulo. Aí, a desintegração da família tradicional japonesa já está mais adiantada. Deixou de existir a segregação dos sexos, sobretudo nas atividades recreativas. O ideal brasileiro de beleza feminina está transformando as moças de ascendência nipônica. Cinema, bailes e namoro estão preocupando cada vez mais os jovens de ambos os sexos. (21)

Na roça, no entanto, esses estímulos são fracos, as comunidades nipônicas mais coesas e suas sanções mais eficazes. A quebra da organização familiar não seria suficiente porque os velhos continuam exercendo sua influência através de todas as instituições locais. De mais a mais, mesmo se a ascendência moral da geração mais velha enfraquecesse, os jovens teriam que aprender os padrões brasileiros relacionados com a aproximação dos sexos, o namoro e o noivado. Provavelmente, essas mudanças exigem um lapso de tempo maior do que decorreu desde o início da imigração japonesa em grande escala (1912).

Quais são os motivos que determinam a resistência dos japoneses contra os casamentos mistos?

No próprio Japão, as famílias das classes médias e superiores costumam tomar precauções extraordinárias antes de se ligar, pelo casamento de um dos seus membros, a outra família. Evitam-se cuidadosamente famílias em que se registram casos de tuberculose, lepra ou doenças mentais. A prevenção contra famílias *eta* (22) e *okinawa* (23) é bem

(21) Uma boa fonte de informação sobre o rumo que essas mudanças estão tomando, é a revista *Transição* que começou a ser publicada em 1930, pela Liga Estudantina Nipo-Brasileira.

(22) Os *eta* constituem uma espécie de párias muito perseguidos antigamente. Apesar de abolidas as discriminações jurídicas, o preconceito contra os *eta* continua vivo.

acentuada, também no Brasil. Mas “não é suficiente casar-se com um japonês, ele deve pertencer ao mesmo distrito e ao mesmo nível social, e naturalmente ele é muito melhor se sua família é da mesma comunidade do Japão”.⁽²⁴⁾ Essa frase exprime uma tendência muito generalizada entre os japoneses para o casamento homogâmico. A prevenção é particularmente grande contra casamentos com pessoas de classe inferior. Mas essa circunstância já se relaciona com o terceiro dos fatores enumerados, contrários à miscigenação:

Diferenças de classe social: As diversas classes de uma sociedade do tipo ocidental distinguem-se, geralmente, por certas diferenças de nível econômico, profissional e educacional. A rigor, essas diferenças são culturais, mas como se trata de uma mesma sociedade, não se costuma usar essa palavra.

Já ficou apurado que as comunidades japonesas investigadas não constituem encravamentos raciais, pois geralmente não lhes faltam contactos com brasileiros. Estes, no entanto, pertencem geralmente a uma classe social “inferior”. São caboclos cuja “inferioridade” econômica, profissional e educacional, com relação ao colono japonês médio, geralmente não sofre dúvida. Frequentemente, o brasileiro é colono ou camarada e, nesta hipótese, a própria relação patrão-empregado o coloca numa posição social inferior. Na vila de Registro, por exemplo, 40 p.c. da população local era constituída em 1941, de brasileiros (excluídos os de ascendência nipônica).⁽²⁵⁾ Com poucas exceções, eles eram trabalhadores braçais ou pequenos empregados. Esta era a situação, não só na vila mas em todo o vale da Ribeira. Perguntados porque não se casavam com brasileiras, alguns jovens japoneses ou nipo-brasileiros responderam que não desejavam desposar mulheres caboclas da região, “gente muito baixa e sem instrução”. Um dos líderes da colônia de Registro, viuvo, que fora casado com uma brasileira, declarou não desejar a repetição da experiência embora o matrimônio não tivesse sido infeliz.

(23) Os *okinawa* são habitantes do distrito de *Okinawa*, nas ilhas *Rynkyn*. Geralmente eles não são considerados japoneses legítimos e por isso evitam-se casamentos com eles. Essa atitude pode ser qualificada como preconceito racial. Vide John Embree, *Aculturation among th Japanese of Kona*. *Memoirs of the American Anthropological Association*, N.º 59, 1941, p. 35.

(24) Ernie Yoshizawa, “A Japanese Family in Rural Hawaii” (*Social Process*, Vol. 3); págs. 56-63, cit. apud John Embree, *op. cit.*, p. 75.

(25) De acôrdo com uma informação da sub-prefeitura local.

A mulher japonesa, muito mais do que as mulheres ocidentais, aprende a trabalhar e a obedecer ao marido. Essas qualidades a tornam preciosa, sobretudo no modo de pensar do imigrante desejoso de enriquecer e ascender na escala social. Assim se explica a alta cotação da mulher educada no Japão e a tendência de mandar vir mulheres casadouras desse país.

Somente a falta de mulheres japonesas poderia ter produzido um número maior de casamentos inter-étnicos. Embora esse tenha sido o motivo de alguns casamentos mistos, em colônias muito distantes, geralmente não havia falta de mulheres japonesas nas áreas coloniais de São Paulo.

Nos poucos casamentos mistos, registrados por ocasião do nosso inquérito, verificou-se uma tendência universalmente observada onde quer que tenham ocorrido contactos entre grupos racialmente diferentes. Só em dois casos trata-se de casamentos de brasileiros com mulheres japonesas, ao passo que quinze casamentos se realizaram entre japoneses e brasileiras, portuguesas ou italianas. No Brasil, como alhures, é quasi sempre o forasteiro que desposa mulheres nativas, mas raramente sucede o contrário. As razões são várias, mas a sua análise temos que deixar para outra oportunidade.

O problema da miscibilidade dos japoneses (e de outros grupos étnicos) apresenta ainda um outro aspecto que é geralmente esquecido quando se afirma que “japonês não se casa com brasileiro”. Evidentemente, o casamento é um ato bilateral e sua realização não depende apenas da vontade de um dos contraentes. Importa saber, não somente se o japonês aceita o brasileiro, mas também se o brasileiro aceita o japonês como cônjuge. As experiências que resultam do contacto com imigrantes japoneses, na população de São Paulo, levaram, presumivelmente, à formação de atitudes mais ou menos definidas com relação a esse grupo racial. A afirmação gratuita de que “no Brasil não existe preconceito racial” não nos pode demover do intuito de examinar e reexaminar esse problema toda vez que nos parecer conveniente ou necessário.

Em 1940 realizámos um inquérito sobre distância social entre raças e nacionalidades. Os questionários foram preenchidos pelos alunos do curso profissional de diversas escolas normais do Estado de São Paulo. Uma das perguntas

indagava se a pessoa interrogada admitia o português, inglês, italiano, japonês, etc., como membro da própria família pelo casamento. Damos a seguir o resultado obtido, relativo apenas aos japoneses. (26)

Cidade	Total das respostas	Admitem japoneses como membro da família pelo casamento	p.c. sobre o total
Catanduva . . .	158	6	3,79
Campinas . . .	190	4	2,10
Itapetininga . .	168	5	2,97
Piracicaba . . .	201	20	9,95
Mococa	155	0	0,00
Capital	1.088	65	5,96
Total	1.960	100	5,12

Somente 5,62 p.c. de todas as pessoas interrogadas declararam aceitar o japonês como membro da família, (27) Esse resultado, talvez inesperado, somente comporta esta interpretação: existe em São Paulo uma prevenção muito acentuada contra casamentos de brasileiros com japoneses. Resta saber *quem* alimenta essa prevenção, pois somente assim poderemos ajuizar-nos da importância desse fato para o rumo que a miscegenação tomará no futuro.

(26) Evidentemente, a pergunta refere-se ao casamento com qualquer pessoa da família e não apenas com o interrogado. Se tivéssemos feito essa restrição perguntando apenas se o inquerido aceitava um cônjuge japonês, as porcentagens do quadro acima seriam, presumivelmente, mais baixas ainda.

(27) O seguinte quadro, outro resultado parcial do mesmo inquerito, mostra que a prevenção das mesmas pessoas contra judeus, mulatos e negros é mais acentuada ainda.

ADMITEM COMO MEMBROS DA FAMÍLIA PELO CASAMENTO

Cidade	Todas das respostas	Judeus		Mulatos		Negros	
		total	p.c.	total	p.c.	total	p.c.
Catanduva . . .	158	12	7,59	8	5,06	4	2,53
Campinas	190	10	5,26	3	1,57	4	2,10
Itapetininga . .	168	6	3,57	9	5,35	10	5,95
Piracicaba . . .	201	11	5,47	8	3,98	6	2,98
Mococa	155	0	0,00	1	0,64	1	0,64
Capital	1.088	41	3,76	55	5,05	24	2,20
Total	1.960	70	3,56	84	4,27	49	2,49

Os alunos das escolas normais públicas do Estado de São Paulo compõem-se, na sua grande maioria, de pessoas pertencentes às classes médias, sobretudo à pequena e média burguesia. Trata-se, pois, de pessoas da mesma classe social à qual pertence a maioria das famílias japonesas, principalmente as urbanas ou urbanizadas. Vimos que os japoneses desejam desposar, em geral, pessoas do mesmo nível social. Contudo, nas cidades paulistas investigadas, pessoas desse nível social e em idade nubil geralmente não aceitam casamentos com japoneses.

Acresce que a grande maioria dos alunos das escolas normais se compõe de moças. Se é que a miscegenação se faz, em geral, por uniões matrimoniais de homens adventícios com mulheres nativas, a prevenção de mulheres brasileiras contra maridos de origem ou ascendência nipônica somente pode contribuir para impedir uma miscegenação em maior escala.

O inquérito realizado não nos dá elementos para qualificar a prevenção contra os japoneses como preconceito racial genuíno. Não é impossível que apenas diferenças culturais tenham determinado essa atitude. Em ambas as hipóteses, a miscibilidade dos japoneses e nipo-brasileiros somente poderá aumentar à medida que as diferenças culturais se reduzirem. Será inútil esperar a assimilação *pela* miscegenação. Muito ao contrário, a aculturação terá que prosseguir por tempo indefinido, reduzindo gradativamente as dissemelhanças culturais e determinando assim, pela mudança das atitudes recíprocas, um aumento da miscibilidade.

SUMÁRIO E CONCLUSÕES

O inquérito foi realizado em 220 escolas públicas primárias, situadas nas mais importantes áreas de colonização japonesa do Estado de São Paulo. Nessas 220 escolas estavam matriculados 11.087 alunos, 6.023 dos quais japoneses ou descendentes de japoneses. Somente sete das escolas investigadas estavam sendo frequentadas exclusivamente por japoneses ou descendentes de japoneses. Na grande maioria das demais escolas havia elevada porcentagem de alunos de outras origens étnicas. A média total de alunos japoneses ou descendentes de japoneses era de 54,32 p.c. A distribuição desses alunos não pode ser qualificada, de modo algum, como sendo desfavorável à assimilação.

A investigação dos movimentos migratórios dos colonos nipônicos revelou um elevado grau de mobilidade espacial, verificando-se que 41,38 p.c. dos 5.166 indivíduos interrogados haviam nascido fora dos municípios onde estavam residindo. Contudo, para se ajuizar da importância dessa cifra necessário seria comparar a mobilidade dos japoneses com a mobilidade da população geral das regiões aqui estudadas.

Dentre os aspectos da aculturação, especial atenção foi dada às mudanças linguísticas, sobretudo ao papel aculturativo que, nesse particular, a escola pública pudesse desempenhar. Verificou-se, no entanto, que em quatro quintos de todos os casos, aproximadamente, os contactos com brasileiros, *anteriores ao período escolar*, foram suficientes para que conhecimentos substanciais do vernáculo fossem transmitidos às crianças de pais japoneses. Na época em que se realizou o inquérito, 30,85 p.c. das crianças interrogadas falavam o português sem embaraço. A porcentagem daquelas que, nas suas conversas, passavam de uma língua à outra, era de 41,83 sobre um total de 5.410. 29,10 p.c. dos alunos interrogados já não sabiam escrever o japonês, tendo essa porcentagem chegado a 60,75 na zona litorânea. O número de pais japoneses que proibiam o uso do vernáculo no lar era muito inferior ao número daqueles que toleravam ou estimulavam o uso do português em casa.

A investigação dos aspectos religiosos da aculturação apurou uma porcentagem de 30,30 p.c. de alunos católicos sobre um total de 5.804 respostas válidas. 73,65 p.c. das crianças responderam negativamente a pergunta se frequentavam alguma igreja. Em 25,95 p.c. dos casos investigados, o descanso dominical havia sido aceito.

As tabelas relativas à presença ou à ausência de determinados traços da cultura material e não material, apontam variações locais consideráveis. Traços culturais observados num distrito parecem ser inexistentes em outros. Entre os elementos da cultura material japonesa que foram parcialmente conservadas, destaca-se a alimentação. Interessante é que em quasi todos os distritos e zonas se registrou um interesse invulgar pela escola pública.

Há 7.218 menções a festas prediletas. 54,68 p.c. dessas referências visaram festas “brasileiras” e 45,32 p.c. festas “japonesas”. A julgar pelos dados colhidos, a tendência para abandonar a comemoração de festas japonesas é mais acentuada na zona urbana do que na zona rural. O número reduzido de festas japonesas mencionadas pelas crianças sugere perdas culturais consideráveis.

Os depoimentos pessoais confirmam em parte resultados estatísticos já mencionados, em parte trazem informações adicionais que revelam um grau bastante variável de aculturação, de acordo com as condições locais. Quanto à religião, por exemplo, alguns observadores registram práticas budistas, outros salientam a indiferença religiosa dos colonos japoneses. Essa variedade de situações aculturativas não poderá surpreender a quem levar em consideração a idade muito diferente dos diversos núcleos, seu grau de isolamento geográfico e cultural, sua estrutura interna, os problemas de liderança e, sobretudo, o desenvolvimento econômico local.

O significado social atribuído às marcas raciais, às diferenças culturais e às diferenças de classe social são três fatores desfavoráveis à miscegenação. Embora o material apresente indícios de um preconceito racial, de lado a lado, não é possível afirmar sua existência. Sem dúvida, no entanto, as diferenças culturais exercem uma influência poderosa. O maior obstáculo à miscegenação é a própria organização da família japonesa e a ausência de padrões capazes de estimular a aproximação espontânea dos sexos. Também as diferenças de classe social desempenham um papel de extraordinária importância. O status social relativamente baixo do caboclo ou colono brasileiro e a prevenção muito acentuada dos japoneses contra casamentos com indivíduos cujo status consideram inferior ao de sua própria família, são fatores tendentes a impedir, por enquanto, uma miscegenação em grande escala.

SUMMARY

This little book contains the results of an inquiry which was carried on, some months before the war with Japan broke out, in 220 public schools of the state of São Paulo. All are situated in the most important areas of Japanese settlement. Of the 11,087 pupils enrolled in these 220 schools, 6,023 were Japanese or descendants of Japanese. Only in seven of these schools were all pupils of Japanese parentage. In most there was a high percentage of Brazilian children. Consequently the distribution of the Japanese, so far at least as it became evident in this inquiry, cannot be said to have been on the whole unfavorable to assimilation.

An examination of Japanese migration up to 1941, reveals a high degree of spatial mobility. Of the 5,166 individuals who were asked, over 41 per cent had been born in *municípios* other than that in which they were living at the time of this inquiry. Only further research, however, can reveal whether this tendency is a feature peculiar to the Japanese or is shared by the whole population.

Although numerous aspects of acculturation are considered, special attention is given to linguistic change, particularly to the rôle which the public school plays in the diffusion of the Portuguese language. The inquiry shows that in almost four fifths of the cases, contact with Brazilians previous to the age of entering school, was intimate enough to permit the borrowing of basic elements of the Portuguese language. At the time of entering school, approximately thirty per cent of the Japanese pupils already spoke Portuguese without any difficulty. Of 5,410 children, approximately 42 per cent shifted from one language to the other in conversation; 29 per cent had not acquired any knowledge of Japanese writing. (In the coastal zone, which is the oldest of the several areas settled by Japanese immigrants, this percentage is 61).

Japanese parents who do not allow the Portuguese idiom to be used at home are less numerous than those who tolerate or even encourage its use.

Of the 5,804 children whose replies to questionnaire were tabulated, 30 per cent were Catholic and 77 per cent did not

attend any church. Among the parents of these children 26 per cent had already adopted the custom of resting on Sundays.

The tables presented show a considerable degree of local variation among Japanese immigrants with reference to certain traits of material and non material culture. Cultural traits extant in one area appear to be entirely absent in other areas. Japanese food patterns are at least partially preserved in all the areas sampled. There was a remarkable interest in the public school in almost all of these areas.

Replies to inquiries regarding preferences in public festivals showed that 55 per cent of the 7,218 pupils replying preferred Brazilian *festas*, 45 per cent Japanese festivals. The tendency to abandon Japanese festivals seems to be stronger in urban than in rural areas. The very small number of Japanese festivals remembered by school children indicates cultural losses with reference to this important aspect of the original folk culture.

Personal observations on the part of schoolteachers throw light upon some aspects of the acculturation process. Here too, there is evident a wide range of local variations, these being linked to such conditions as age of the settlement, its inner structure, degree of isolation, leadership and the general economic development of the area.

Strongly working against intermarriage are the meanings attached to racial characters and cultural and class differences between the Japanese and the Brazilian rural population. There is some evidence of racial antagonism not only on the part of Japanese, but also of middle class Brazilians. Mixed marriages between Japanese and Brazilian small farmers and *colonos* are also hampered by class differences. The principal obstacles to miscegenation, however, are the type of organization of the Japanese family and the absence of any pattern which would favour the spontaneous approximation of the sexes.